



INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,  
CULTURA E HISTÓRIA  
(ILAACH)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM LITERATURA COMPARADA  
(PPGLC)

**A REPRESENTAÇÃO DA DEFICIÊNCIA EM NARRATIVAS FICCIONAIS: UM  
ESTUDO COMPARADO SOBRE AS DIFERENÇAS NA LITERATURA**

ROSANGELA MARCILIO BOGONI

FOZ DO IGUAÇU  
2020



INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE  
ARTE, CULTURA E HISTÓRIA  
(ILAACH)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM LITERATURA COMPARADA  
(PPGLC)

**A REPRESENTAÇÃO DA DEFICIÊNCIA EM NARRATIVAS FICCIONAIS: UM  
ESTUDO COMPARADO SOBRE AS DIFERENÇAS NA LITERATURA**

ROSANGELA MARCILIO BOGONI

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Literatura Comparada.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Rediver Guizzo

FOZ DO IGUAÇU  
2020

Catálogo elaborado pela Divisão de Apoio ao Usuário da Biblioteca Latino-Americana  
Catálogo de Publicação na Fonte. UNILA - BIBLIOTECA LATINO-AMERICANA

B675

Bogoni, Rosangela Marcilio.

A representação da deficiência em narrativas ficcionais: um estudo comparado sobre as diferenças na literatura / Rosangela Marcilio Bogoni. - Foz do Iguaçu-PR, 2020.

103 f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História. Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada. Foz do Iguaçu-PR, 2020.

Orientador: Antônio Rediver Guizzo.

1. Literatura comparada. 2. Pessoas com deficiência. 3. Personagens - literatura. I. Guizzo, Antônio Rediver. II. Universidade Federal da Integração Latino-Americana. III. Título.

CDU 82.091-056.2

ROSANGELA MARCILIO BOGONI

**A REPRESENTAÇÃO DA DEFICIÊNCIA EM NARRATIVAS FICCIONAIS: UM ESTUDO  
COMPARADO SOBRE AS DIFERENÇAS NA LITERATURA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Literatura Comparada.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Prof. Dr. Antonio Rediver Guizzo  
UNILA

---

Prof. Dra. Crizieli Silveira Ostrovski  
UTFPR

---

Prof. Dra. Mariana Cortez  
UNILA

Foz do Iguaçu, 18 de fevereiro de 2020.

*Às minhas amadas filhas, Maria Eduarda e Manuela,  
que vocês voem o mais alto que puder!  
À minha querida mãe, pelos seus ensinamentos,  
meu pai (in memoriam), cuja sua voz sussurra em  
meus ouvidos saudando mais esta conquista. Minha  
eterna gratidão!*

## AGRADECIMENTOS

A **Deus**, todo poderoso por todas as bênçãos alcançadas e por finalizar mais esta conquista que tanto almejei.

Ao meu querido orientador, Prof. Dr. **Antônio Rediver Guizzo**, por acreditar em mim e oportunizar tantas experiências e aprendizados com tamanha paciência. Muito obrigada por tudo!

À minha **família**, que, por vezes, teve que compreender que precisava me ausentar para me dedicar aos estudos. Em especial, agradeço ao meu esposo, minhas amadas filhas, Maria Eduarda e Manuela, pela compreensão e incentivo. É por vocês que nunca vou desistir dos meus sonhos.

À minha amada **mãe**, que mesmo não compreendendo porque eu continuava a estudar, sei que sempre torceu e torce por mim. Ao meu **pai** (*in memoriam*), que, se estivesse aqui, estaria muito orgulhoso por mais esta etapa concluída. Minha eterna gratidão.

Aos meus **irmãos**, que amo, principalmente a minha irmã Marilene Marcilio, que sempre está comigo em todos os momentos que preciso.

Às minhas amigas **Dinéia Ghizzo Neto Fellini**, por sempre me incentivar, auxiliar em todas as minhas dúvidas, no decorrer dos estudos. À **Jandeyse Pauli**, por sempre acreditar e torcer por minhas conquistas. A vocês, desejo muito sucesso.

À minha banca, que me acompanhou desde a qualificação, Prof. **Dr Antônio Rediver Guizzo**, **Dra. Crizieli Silveira Ostrovski** e **Dra. Mariana Cortez**, pelas contribuições relevantes.

Aos **docentes** do Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada (PPGLC), pelas contribuições durante este período de conhecimento. A vocês, minha admiração sempre!

Aos meus **colegas de Mestrado**, vocês fazem parte desta história de experiência e transformação. A vocês, agradeço por tê-los por perto.

À **Universidade Federal da Integração Latino-Americana**, por proporcionar este Programa de Mestrado em Literatura Comparada, de forma pública e de qualidade.

## RESUMO

As obras literárias que trazem em seus enredos personagens com deficiência são um excelente meio para compreender o imaginário da deficiência na nossa sociedade, como também, por vezes, possibilidade para desautomatizar nossas percepções sobre a deficiência. Este estudo analisou as representações da deficiência na literatura, a partir de uma perspectiva comparatista, relacionando tais representações com os imaginários sociais das Pessoas com Deficiência (PcD). Apontamos, neste trabalho, três modalidades (eixos) centrais dessas representações: a) A primeira associa a deficiência às representações negativas dos personagens; b) A segunda, ao contrário, vincula a deficiência às representações positivas dos personagens; c) Na terceira, a deficiência é apartada de valoração inerente, isto é, a deficiência não é um subterfúgio para a representação positiva ou negativa dos personagens e o caráter dos personagens é definido pelo conjunto das ações que desenvolvem no enredo. Para este estudo, na primeira modalidade, selecionamos, como objetos de investigação, os contos “O filho” e “Conto de Amor”, da obra *Amálgama* (2013), de Rubem Fonseca. Na segunda modalidade, escolhemos as obras *O muro* (2003), de Júlio Émilio Braz, e *Nós, os cegos, enxergamos longe* (2005), de Franz-Joseph Huainigg. Na terceira e última modalidade, a obra analisada foi *Ensaio sobre a cegueira* (1995), de José Saramago. Para fundamentar teoricamente as análises, pautamo-nos em aportes teóricos que abordam a história da deficiência, tais como Silva (1986), Bianchetti (1998) e Lobo (2015); e em aportes teóricos da literatura comparada, como Coutinho (2010), Carvalhal (2006) e Compagnon (2010).

**Palavras-chave:** Literatura; Personagem; Deficiência.

## RESUMEN

La literatura ficticia que contempla a los personaje con discapacidad, constituye una forma de acceso privilegiado a la imaginación de los lectores, permitiendo el enriquecimiento de las narraciones a través de la multiplicidad de lecturas posibles, que desautomatizan las percepciones que tenemos sobre la discapacidad. En este sentido, este estudio tiene como objetivo comprender las asimetrías sociales relacionadas con la discapacidad, así como investigar, a partir de un análisis comparativo, las representaciones de la discapacidad y las personas con discapacidad (PcD) en diferentes obras literarias. En este trabajo, señalamos tres modalidades centrales (ejes) de estas representaciones: a) La primera asocia la discapacidad con las representaciones negativas de los personajes; b) El segundo, por el contrario, vincula la discapacidad a las representaciones positivas del personaje; c) En el tercero, la discapacidad se separa de la valoración inherente, es decir, la discapacidad no es un subterfugio para la representación positiva o negativa de los personajes, y el carácter de los personajes se define por el conjunto de acciones. Para este estudio, seleccionamos como objeto de investigación en la primera modalidad, los cuentos “O filho” y “Conto de Amor” de Rubem Fonseca, da obra Amálgama (2013). En cuanto a la segunda modalidad, las obras, El muro (2003) de Júlio Émilio Braz y Nós, o cegos, vemos lejos (2005) de Franz-Joseph Huainigg. En la tercera y última modalidad, el análisis será sobre el trabajo Ensayo sobre la cegueira (1995) de José Saramago. Para basar teóricamente los análisis, nos guiamos por contribuciones teóricas que abordan la historia de la discapacidad, como Silva (1986), Bianchetti (1998) y Lobo (2015). También en trabajos que abordan literatura comparada, como Coutinho (2010), Carvalhal (2006) y Compagnon (2010)

**Palabras clave:** Literatura; Personaje; Discapacidad.



## ABSTRACT

The fictional literature which contains character with disabilities constitute a favored gateway to the readers' imagination, making possible the enrichment of narratives through the multiplicity of possible readings which turn non automate the perceptions people have about disability. This way, this research aims to comprehend the social asymmetries related to disability as well as to investigate, through a compared analysis, the disability and the People with Disabilities representations in different literary works. In this research are shown three central modalities (axis) of these negative representations of the characters: a) The first one associates the disability with the negative representations of the characters; b) The second one, on the other hand, associates the disability with the positive representations of the character; c) On the third one, the disability is separated of inherent valuation, namely the disability is not a subterfuge to the positive or negative representation of the characters, and the profile of the characters is defined by the whole of their actions. For this study, were selected as investigation goals in first modality, the tales "The Son" and "Tale of Love" from the *Amalgama* (2013), by Rubem Fonseca. About the second modality, the works, "The Wall" (2003), by Júlio Émilio Braz and "We, the blind, can see far" (2005), by Franz-Joseph Huainigg, In the third and last modality, the analysis is about the work "Essay on Blindness" (1995), by José Saramago. To theoretically base the analysis, the research was guided by the theoretical inputs that address the disability history as Silva (1986), Bianchetti (1998) and Lobo (2015) and that address the comparative literature as Coutinho (2010), Carvalhal (2006) and Compagnon (2010).

**Keywords:** Literature; Character; Disability.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – São Lourenço dando esmolas aos pobres .....	28
Figura 2 – Jesus cura o cego de Jericó .....	29
Figura 3 – Baltasar Carlos y um emano.....	30
Figura 4 – Las meninas .....	30
Figura 5 – Soldado com deficiência retornando da Guerra do Paraguai .....	32
Figura 6 – Capa da obra <i>O muro</i> .....	60

## LISTA DE SIGLAS

ABNT -	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AEE-	Atendimento Educacional Especializado
CORDE -	Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência
d. C -	Depois de Cristo
INES -	Instituto Nacional de Educação de Surdos
MEC-	Ministério da Educação
ONU -	Organização das Nações Unidas
PcD -	Pessoa com Deficiência
RGPS -	Regime Geral de Previdência Social
SD-	Síndrome de Down
UFRJ-	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNILA -	Universidade Federal da Integração Latino-Americana
TILS -	Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2. ASPECTOS HISTÓRICOS, TERMINOLÓGICOS, ARTÍSTICOS E JURÍDICOS, A RESPEITO DA DEFICIÊNCIA.....</b>	<b>19</b>
2.1. A TRAJETÓRIA DAS PASSOAS COM DEFICIÊNCIA DA PRÉ HISTÓRIA ATÉ A CONTEMPORANEIDADE.....	19
2.2 A REPRESENTAÇÃO DA DEFICIÊNCIA NAS DIFERENTES MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS.....	27
2.3. IMPORTANTES CONQUISTAS JURÍDICAS EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NO BRASIL.....	33
<b>3. AS MODALIDADES DE REPRESENTAÇÃO DA DEFICIÊNCIA NA LITERATURA.....</b>	<b>38</b>
3.1. PRIMEIRA MODALIDADE: A REPRESENTAÇÃO DA DEFICIÊNCIA DE FORMA NEGATIVA NA LITERATURA.....	38
<b>3.1.1. Vida e obras de Rubem Fonseca.....</b>	<b>40</b>
<b>3.1.2. A presença de personagens com deficiência nos contos: "O filho" e "Conto de amor".....</b>	<b>42</b>
<b>3.1.3 O que não é belo, desvia-se o olhar.....</b>	<b>46</b>
3.2. SEGUNDA MODALIDADE: A REPRESENTAÇÃO DA DEFICIÊNCIA DE FORMA POSITIVA NA LITERATURA.....	53
<b>3.2.1. Vida e obras de Júlio Émilio Braz e Franz-Joseph Huainigg.....</b>	<b>55</b>
<b>3.2.2. A presença de personagens com deficiência nas obras: <i>O muro</i> e <i>Nós, os cegos, enxergamos longe</i>.....</b>	<b>57</b>
<b>3.2.3 Um olhar de superação na literatura contemporânea.....</b>	<b>62</b>
3.3 TERCEIRA MODALIDADE: A REPRESENTAÇÃO DA DEFICIÊNCIA NA LITERATURA SEM VINCULAÇÃO NEGATIVA OU POSITIVA DA CONDIÇÃO HUMANA.....	74
<b>3.3.1. Vida e obras de José Saramago.....</b>	<b>75</b>
<b>3.3.2. A presença de personagens com deficiência na obra: Ensaio sobre a cegueira.....</b>	<b>77</b>
<b>3.3.3 É necessário fechar os olhos para ver.....</b>	<b>82</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>90</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>95</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Atualmente, no Brasil, há cerca de 45,6 milhões de PcD, segundo o último Censo Demográfico realizado em 2010. Na entrevista realizada pelos censores do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), os informantes declararam possuir algum tipo de deficiência, dentre as quais podemos destacar: a visual, auditiva, física e intelectual. Os números da pesquisa também apontam a quantidade de pessoas que necessitam de algum tipo de reorganização estrutural de acessibilidade, além de outras necessidades específicas para conviver de forma igualitária na sociedade.

Entretanto, embora seja significativo o número de PcD na contemporaneidade, além da presença dessas pessoas ao longo da história, evidenciada em diferentes textos, a exclusão é um problema que perpassa diferentes períodos e civilizações. As PcD, historicamente, foram caracterizadas como incapazes, inúteis, improdutivas, etc. Desde as civilizações mais primitivas até às modernas, autores como Silva (1986), Bianchetti (1998), Carvalho (2013), Harari (2019), entre outros, destacaram, em diferentes períodos, as assimetrias com que esses sujeitos foram e são tratados, privados de seus direitos e excluídos do convívio social.

Além de autores elencarem, na história, as diferentes formas de exclusão e violências sofridas, também destacam as representações artísticas da deficiência que historicamente servem como exemplo para compreendermos os imaginários da deficiência, em seus diferentes períodos, evidenciando tais representações nas artes, na literatura, entre outros.

Aparamo-nos nas perspectivas de análise, propostas pela literatura comparada, cuja área permite-nos encontrar a possibilidade de cotejar diferentes obras literárias como importantes ferramentas de ampliação dos conhecimentos, tanto nas formas de representação estética, quanto para compreendermos os diferentes contextos sociais em que foram produzidas.

Para Carvalhal (2006),

[...] quando começamos a tomar contato com trabalhos classificados como “estudos literários comparados”, percebemos que essa denominação acaba por rotular investigações bem variadas, que adotam diferentes metodologias e que, pela diversificação dos objetos de análise, concedem a literatura comparada um vasto campo de atuação. Paralelamente a um denso bloco de trabalhos que examinam a migração de temas, motivos e mitos nas diversas

literaturas, ou buscam referências de fontes e sinais de influências, encontramos outros que comparam obras pertencentes a um mesmo sistema literário ou investigam processos de estruturação das obras. A diversidade desses estudos acentua a complexidade da questão (p. 5).

Sobre isso, Coutinho e Carvalhal (1994) também reforçam

[...] não a simples preocupação – demasiado evidente para qualquer observador – de cotejar os objetos análogos de um mesmo grupo para fins de classificação, mas a comparação de fenômenos destacados, sob certos aspectos, do grupo ao qual normalmente pertencem e submetidos a uma confrontação que evidencia um caráter comum e, com isso, sugere uma relação de parentesco e de desenvolvimento entre grupos tidos como estranhos até então (p. 74).

Neste sentido, a partir da possibilidade de estudo da literatura comparada, permitindo, assim, o entrecruzamento de diferentes manifestações estéticas, bem como de textos de diferentes tempos e espaços, além do meu interesse em pesquisar como os personagens com deficiência são representados nas narrativas, verificando como elas estão sendo estruturadas pelos imaginários sociais, é que surge esta pesquisa.

A pesquisa também só foi possível devido à minha atuação profissional como Tradutora e Intérprete de Língua de Sinais -TILS há 15 anos. O trabalho com os surdos permitiu maior afinidade com as diferentes deficiências, com isso, o interesse em compreender como a literatura figura o imaginário social da deficiência e como ela pode oportunizar melhorias nas condutas e atitudes negativas, minimizando o preconceito e a exclusão social, o que fez aflorar meu interesse. Meu primeiro contato com uma produção literária com esse perfil foi na época da minha Graduação em Letras/Espanhol, por meio da obra *Inocência* ([1872]-2000), de Visconde de Taunay, na qual o protagonista Tico recebe nomenclaturas depreciativas como “anãozinho”, “bichinho”, etc. Tico, além de ter nanismo, era surdo. O que mais me chamava a atenção na narrativa era a forma com que Tico foi exposto: “[...] porque é bichinho que não faz mal a ninguém. Aqui fica duas, três semanas e depois dispara como um mateiro” (TAUNAY, 2000, p.49).

Os trechos demonstram que Tico foi representado como alguém sem utilidade, caracterizado de forma negativa. Minha frustração aumentou ao perceber como outros personagens com deficiência foram e estão sendo representados nas literaturas. A exemplo, a obra *O filho eterno* (2007), de Cristóvão Tezza, narra a história de um casal

que deseja ter um filho. O nascimento de Felipe gera grande desconforto para o pai, pois ele nasce com síndrome de Down - SD. Durante o enredo, o pai descreve, sem meios termos, os aspectos negativos sobre como criar um filho com trissomia. Em vários trechos, o genitor expõe as inúmeras dificuldades que enfrenta e enfrentará por ter um filho com SD, mas lembra da seguinte frase, “[...] as crianças com síndrome de Down morrem cedo” (TEZZA, 2007, p. 35).

Obviamente, as representações da deficiência não são uníssonas. Ao contrário, é possível observar variadas formas de alocar as PcD ou o próprio tema dentro das representações artísticas. E é justamente esta multiplicidade de formas de representação que gera um considerável número de estudos a respeito do assunto. Em uma pesquisa realizada no catálogo de teses e dissertações da Capes, encontramos, na área de concentração Estudos Literários, 1049 trabalhos relacionados à temática da literatura e deficiência. Dentre estes estudos, podemos destacar: a) A representação da deficiência na literatura infanto-juvenil nos tempos de inclusão (NORONHA, 2006), dissertação que investigou como a deficiência está representada na literatura infanto-juvenil, em obras produzidas por escritores brasileiros e editadas entre os anos de 1996 a 2006; b) A Literatura Infanto-juvenil nas Águas da Inclusão Escolar: navegar é preciso (REAL, 2009), dissertação que analisou livros, cujos personagens de suas narrativas são indivíduos com deficiência, a partir tanto da perspectiva da educação inclusiva, quanto da estética da recepção na literatura infanto-juvenil, tendo como ênfase os elementos construtivos dos livros através dos textos verbais e não verbais; c) Um estudo de representações da deficiência visual na literatura (VIANA, 2019), dissertação que se inspirou nos estudos culturais e na análise do discurso para investigar como os personagens com deficiência visual estão sendo representados na literatura do mercado editorial brasileiro.

Neste estudo, procuramos encontrar uma lacuna ainda não suficientemente explorada na área. Observamos que parece haver, nas representações literárias, a deficiência e, com isso, a possibilidade de estabelecer uma estrutura organizacional a partir da relação entre personagem e caráter, principalmente na dimensão moral. Nessa organização, observamos que há relação ou não entre certos atributos, tais como: debilidade, coragem, vileza, justiça, imoralidade, fraternidade, obscenidade, entre outros; a deficiência constitui, de certa forma, eixos organizadores dos imaginários da deficiência presentes na sociedade, que, embora construídos

materialmente e culturalmente por diferentes processos, principalmente sociais, coexistem conflituosamente ou não. Para organização da pesquisa, delimitamos três modalidades principais de representação na relação entre personagem e a deficiência:

a) A primeira modalidade associa a deficiência à representação de certa negatividade. Sua origem, possivelmente, é derivada das cosmovisões que fundaram o ocidente. Por exemplo, integridade, proporção e harmonia, possivelmente são as principais qualidades do belo que perpassam o pensamento grego clássico, como podemos depreender na *Arte Poética* de Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.) - “[...] o belo, num ser vivente ou num objeto composto de partes, deve não só apresentar ordem em suas partes como também comportar certas dimensões com efeito, o belo tem por condições uma certa grandeza e a ordem” (ARISTÓTELES, 2004, p. 39). Neste ponto, começa-se a delinear uma relação entre aparência e caráter, na qual a presença visível da deficiência faz parte da construção dos personagens “maus”, enquanto a perfeição física associa-se ao belo;

b) A segunda modalidade, ao contrário, associa a deficiência à representação de certa positividade. No âmbito das investigações sobre a constituição e o funcionamento do imaginário humano, Gilbert Durand ([1992]-2012), em seus estudos sobre narrativas mitológicas, observa casos em que ocorre uma inversão de polaridade na relação habitual entre características físicas e atributos morais, intelectuais ou de outra ordem. O aspecto negativo da cegueira, por exemplo, relacionado em alguns mitos à loucura, ao desarrazoado, às trevas etc.; em outros, relaciona-se a um caráter positivo, nos quais a perda parcial ou total da visão resulta nos atributos da clarividência e/ou da sabedoria, como no mito de Tirésias (mitologia grega) e no mito de Odin (mitologia nórdica).

A partir de pressupostos diferentes, também se encontram, nessa modalidade, obras com propósito mobilizador da consciência social e individual sobre as diferenças existentes na sociedade e sobre a necessidade de implementação de políticas públicas, práticas sociais e ações individuais voltadas à inclusão. Observamos, sobretudo, na literatura infanto-juvenil, a representação positiva da deficiência. Os personagens PcD têm seu caráter relacionado a qualidades positivas, tais como coragem, moralidade, justiça, fraternidade, superação etc. São sempre bons, com características evidentemente intencionais, que visam auxiliar na consecução dos objetivos pedagógicos de tais narrativas;



c) Na terceira modalidade, encontramos a representação da deficiência apartada de valoração inerente. Os personagens com deficiência podem apresentar características positivas ou negativas não vinculadas à sua deficiência, mas a suas ações. Diferentemente das duas primeiras modalidades, nesta, o caráter das personagens é definido através das atitudes, poderíamos dizer que tais narrativas também outorgam “o direito à vileza” sem discriminação ou o “direito à bondade” sem predeterminações, isto é, a maldade, a imoralidade, a torpeza, a sordidez, a vilania e/ou a parvoíce, entre outros caracteres negativos, assim como a bondade, a gentileza, a nobreza, o humanitarismo, a empatia, a inteligência, a determinação, são todos apresentados como variedades do comportamento humano que independem de condições físicas para seu desempenho.

Em tais narrativas, podemos observar a exploração de uma dimensão maior dos afetos humanos, livre de condicionamentos, ou seja, não há uma castração ou direcionamento de caracteres da natureza humana em função de características físicas. Desse modo, essa modalidade exerce uma ação representacional da deficiência que desvincula os personagens de um caráter essencialmente bom ou mau, assim como a relação inerente com um espectro de valores e, em certo sentido, promove uma representação mais complexa dos personagens que, nessa modalidade, performam mais livremente a longa escala de caracteres inerentes à condição humana.

A partir dessa categorização, dividimos a dissertação em capítulos e seções. No primeiro capítulo, apresentamos a introdução, na qual descrevemos as modalidades, obras e contos analisados, além dos capítulos e suas sessões. No segundo capítulo, como primeira seção, um breve percurso histórico das representações da deficiência em diferentes áreas. Embasamo-nos em autores como Otto Marques da Silva (1986) e Marcos José Silva Mazzotta (2001) para retratar alguns elementos da história da deficiência, do surgimento da Educação Especial e do desenvolvimento das políticas públicas na área, além de outros textos e autores nos quais encontramos exemplos da percepção da deficiência. Na segunda seção, dedicamo-nos a uma breve apresentação da representação da deficiência no campo da arte, também sobre uma perspectiva cronológica, com o intuito de compreender como eram representadas as PcD ao longo dos tempos nas produções estéticas. Quanto à terceira seção, voltamo-nos à relação entre a deficiência e o ordenamento

jurídico, com intuito de apresentar a conquista de direitos que as PcD conseguiram alcançar ao longo dos anos.

No terceiro capítulo, apresentamos as modalidades, vida e obras dos autores, posteriormente, descrevendo as narrativas. Na primeira seção, abordamos a primeira modalidade, cuja representação da deficiência é destacada de forma negativa. Logo, tecemos considerações sobre o escritor Rubem Fonseca, seu estilo e sua trajetória no campo literário, na sequência, apresentamos os contos “O filho” e “Conto de amor”, bem como, para finalizar esta seção, concluímos com a análise dos contos. Na segunda seção, pontuamos algumas considerações sobre as representações positivas da deficiência. Nela, enfocamos narrativas que apresentam personagens com deficiência caracterizados intencionalmente por qualidades como coragem, moralidade, justiça, fraternidade, superação, etc. Apresentamos detalhes sobre a vida dos autores que escreveram as obras que são objeto de análise: *O muro* (2003) de Júlio Emílio Braz e *Nós os cegos, enxergamos longe* (2005) Franz- Joseph Huainigg. Por fim, encerramos o estudo com uma análise mais acentuada dessa modalidade.

Na terceira e última seção, tratamos da modalidade cuja deficiência está apartada de uma valoração inerente. Nessa parte, os personagens com deficiência apresentam características tanto positivas como negativas, não vinculadas à deficiência, mas ao seu caráter, que é definido através das ações que realizam nas narrativas. Para esta seção, escolhemos a obra *O ensaio sobre a cegueira* (1995) de José Saramago. Em um primeiro momento, tecemos breves considerações sobre o autor e sua literatura, e, logo em seguida, uma síntese da obra mencionada, na sequência, fechamos com a sua análise.

No quarto capítulo, a ênfase está nas considerações finais, onde pontuamos os principais aspectos verificados nas obras e como a deficiência é enfatizada em cada uma delas, tendo, como base, as modalidades atribuídas por nós. Ademais, apontaremos como estes textos literários podem contribuir significativamente sobre nossas atitudes, que, socialmente, as PcD possam ser respeitadas independentes de suas condições.

## 2. ASPECTOS HISTÓRICOS, TERMINOLÓGICOS, ARTÍSTICOS E JURÍDICOS A RESPEITO DA DEFICIÊNCIA

A história da humanidade é descrita pelo homem, segundo crenças, ideias, leis, superstições e religiosidade das diferentes civilizações. As percepções a respeito da deficiência e ações/atitudes aplicadas as PcD eram atribuídas conforme as concepções desses grupos. Com base, portanto, nos dados descritos por diferentes estudiosos, apresentaremos, aqui, a deficiência no âmbito histórico e jurídico.

### 2.1. A TRAJETÓRIA DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA DA PRÉ HISTÓRIA ATÉ A CONTEMPORANEIDADE

Na trajetória histórica das PcD, encontramos casos concretos de marginalização, preconceito, discriminação. Certamente, isso não é novidade, pois ainda na contemporaneidade verificamos atitudes de segregação e preconceito.

Para tornar mais evidente essa abordagem da exclusão e para tentar compreendermos o que ocorreu ao longo da história das civilizações, é necessário retornarmos mais detidamente a momentos que culminaram, muitas vezes, no extermínio e/ou na rejeição das PcD, por serem caracterizadas como improdutivas, feias, loucas, inúteis e indignas de permanecer em sociedade. Dessa forma, vamos nos ater aqui a breves relatos sobre como eram tratadas as PcD, como eram as atitudes de abandono e segregação desse grupo minoritário.

Na Pré-História, por exemplo, acreditava-se que as PcD, mentais ou físicas, estavam ligadas às magias demoníacas. Estimava-se que, para tirar tais males, era preciso fazer “[...] a abertura de um orifício em alguma parte do crânio [...]” (SILVA, 1986. p. 37), assim, os demônios e espíritos malignos saíam do corpo pelo orifício. Naquela época, os feiticeiros e os mágicos também utilizavam outros métodos para tentar banir a maldição, empregando estratégias “[...] como o calor, o frio, a sangria, os banhos, a sucção, dentre muitos outros meios que apenas podemos imaginar” (*ibidem*, 1986, p. 37). Tais práticas eram realizadas mesmo que, muitas vezes, causassem a morte dessas pessoas.

Nos povos primitivos, cada tribo desenvolvia seus próprios meios para eliminar tais males, fazendo-o pela necessidade de sobreviver e manter a raça. Silva ainda destaca que a criança que, por acaso, nascia com alguma aparência de fraqueza, ou

mesmo com aspecto de aleijado, “[...] terá sido eliminada de alguma forma, tanto por não apresentar condições de sobrevivência, quanto por credices que vinculavam a maus espíritos, a castigos de divindades ou mesmo por motivos utilitários” (*ibidem*, 1986, p, 37).

Ainda na Pré-História, a pessoa que adquiria a deficiência, na sua idade adulta, não tinha mais utilidade, somente fazia atividades que não exigiam muitos esforços. Neste sentido, a limitação não lhes dava muita liberdade como participar da caça ou defender o seu povo nas batalhas diárias, ou até mesmo ficava inviável acompanhar o seu povo nômade. Por isso, o indivíduo que apresentasse uma deficiência era “[...] levado às planícies ou às armadilhas para, num último gesto de colaboração com o grupo, servir de isca para animais ferozes [...]” (SILVA, 1986, p.38). Para Bianchetti (1998), uma característica básica desses povos era o nomadismo, a PcD “[...] na luta pela sobrevivência, acabava se tornando um empecilho, um peso morto, fato que o leva a ser relegado, abandonado, sem que isso cause os chamados sentimento de culpa característica da nossa fase histórica” (p. 28).

Para os povos Hebreus, a causa da deficiência ou deformidade era decorrente do pecado ou possessão de maus espíritos. Além disso, a deficiência também decorria, por vezes, da participação em lutas ou por punições impostas a criminosos (amputações das mãos, dedos, olhos vazados), isso é possível averiguar no extrato que segue:

[...] o vazamento dos olhos era um castigo severo, um tanto em moda naquelas regiões. Existe um baixo-relevo dá cultura assíria, muito conhecido, que nos mostra um soberano vazando os olhos de três prisioneiros, um deles ajoelhado e os outros dois, de pé, puxados pelo próprio rei para perto de si por meio de um fio preso aos lábios dos infelizes por argolas. Esse castigo desencorajava as fugas, sem causar maiores limitações ou dificuldades para trabalhos pesados. Foi o que sucedeu com um dos fascinantes heróis da Bíblia: Sansão (SILVA, 1986, p. 82).

No entanto, na cultura hebraica, é possível constatar uma preocupação “humanista” com as PcD. As leis religiosas e consuetudinárias promoviam certo respeito e caridade: “Não amaldiçoarás um surdo; não porás algo como tropeço diante do cego; mas temerás o teu Deus” (BÍBLIA SAGRADA, 2015, Levítico, 19:14); “[...] Maldito o que desvia o cego do caminho!” (*ibidem*, 2015, Deuteronômio, 27:16). Por sua vez, diferentemente, em Esparta e na Roma Antiga, a Lei das XII Tábuas “autorizava os patriarcas a matar seus filhos defeituosos, recém-nascidos, frágeis ou

deficientes eram lançados do alto do Taigeto (abismo de mais de 2400 metros de profundidade próximo a Esparta) ” (SILVA, 1986, p. 149). Esse ato de eliminar as pessoas nascidas com deficiência era realizado para que gerações futuras não nascessem com o mesmo “defeito”, pois acreditavam que a deficiência poderia ser transmitida. Sêneca (65 d.C) afirmava que os crimes eram para serem feitos sem ódio, matavam os fetos e os que nasciam defeituosos e monstruosos eram afogados, não devido ao ódio, mas à razão, para distinguir as coisas inúteis das saudáveis (SILVA, 1986).

Entretanto, mesmo que os Hebreus preconizassem certo respeito às PcD, aspectos da cultura grega influenciaram igualmente o seu imaginário da deficiência.

Aparecem, então, *corpus* teóricos, paradigmas, modelos que atravessaram os séculos e influenciarão decisivamente a cosmovisão de sociedade cristã ocidental. Um desses paradigmas é o espartano. Na medida em que esses gregos se dedicavam predominantemente à guerra, valorizando a ginástica, a dança, a estética, a perfeição do corpo, a beleza e a força acabaram se transformando num grande objetivo. Se, ao nascer, a criança apresentasse qualquer manifestação que pudesse atentar contra o ideal prevalecente, era eliminada. Praticava-se assim uma eugenia radical, na fonte. A eliminação dava-se porque a criança não encaixava no *leito de Procrusto* dos espartanos (BIANCHETTI, 1998, p. 29).

Considerando a cultura grega, semelhantemente aos Hebreus, acreditava-se também que a deficiência poderia decorrer de castigo divino. Na mitologia, cita-se o nascimento do filho da Rainha Pasífae, pela sua perversidade, como castigo, o menino nasceu com cabeça de touro, sendo chamado de Minotauro. Este foi criado em segredo, longe da sociedade (BAKER, 1973 apud BIANCHETTI, 1998, p. 31).

Conforme a tradição judaico-cristã, podemos citar uma passagem bíblica, quando os discípulos questionavam Jesus sobre a origem da deficiência e Cristo não destacou a culpa, mas a misericórdia de Deus.

Caminhando, viu Jesus um cego de nascença. Os seus discípulos indagaram dele: “Mestre, quem pecou, este homem ou seus pais, para que nascesse cego?”. Jesus respondeu: “Nem este pecou nem seus pais, mas é necessário que nele se manifestem as obras de Deus. Enquanto for dia, cumpre-me terminar as obras daquele que me enviou. Virá a noite, na qual já ninguém pode trabalhar. Por isso, enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo” (BÍBLIA SAGRADA, 2015, João, 9: 1-3).

Nessa mesma passagem, Jesus concebe um milagre, unguindo os olhos do cego com saliva e lodo, assim que o cego lavou os olhos na piscina, ele voltou a

enxergar. Entretanto, os judeus não ficaram satisfeitos com a cura e tornaram a chamá-lo de homem pecador, ou seja, embora a mensagem de Cristo seja o perdão e a misericórdia divina, o contraponto à antiga tradição judaica evidencia a persistência do estigma da deficiência em sua correlação com o mal.

Igualmente na tradição cristã, podemos observar a associação da deficiência a atributos dos próprios espíritos malignos.

Mestre, eu te trouxe meu filho, que tem um espírito mudo. Este, onde quer que apanhe, lança-o por terra e ele range os dentes e fica endurecido [...]", Jesus questiona o pai "[...] tem lançado muitas vezes ao fogo e à água, para o matar. Se tu, porém podes alguma coisa, ajuda-nos, compadece-te de nós! Disse-lhe Jesus: "Se podes alguma coisa!... Tudo é possível ao que crê". Imediatamente exclamou o pai do menino: "Creio" Vem em socorro a minha falta de fé"! Vendo Jesus que o povo afluía, intimidou o espírito imundo e disse-lhe: "Espírito mudo e surdo, eu te ordeno: saiu deste menino e não tornes a entrar nele". E, gritando e maltratando-o extremamente, saiu. O menino ficou como morto, de modo que muitos diziam: "Morreu..." Jesus, porém tomando-o pela mão ergue-o e ele levantou-se. Depois de entrar em casa, os seus discípulos perguntaram-lhe em particular: "Por que não pudemos nós expeli-lo?". Ele disse-lhes: Esta espécie de demônios não se pode expulsar senão pela oração (BÍBLIA SAGRADA, 2015, Marcos, 9: 17-29).

Em outra passagem, no Evangelho de Mateus, verificamos a "cura" da deficiência realizada através do perdão, o que destaca o caráter pecaminoso ao qual a deficiência era relacionada. Jesus, vendo o paralítico deitado na cama, disse: "[...] meu filho, coragem! Teus pecados te são perdoados" desse modo o homem levantou e foi para casa (BÍBLIA SAGRADA, 2015, Mateus 9: 2-9;33). Outros exemplos podem ser encontrados na Bíblia Sagrada para serem utilizados como modelo. Porém, essas considerações são suficientes para percebermos como as PcD eram vistas, como as que teriam "o demônio no corpo". Esse pensamento cristão perdurou na Idade Média e a deficiência continuou a ser vista como resultado do pecado ou da possessão, uma "patologia" que devia ser extirpada, conforme destaca Martinho Lutero.

Há oito anos atrás havia em Dassau uma dessas crianças que eu, Martinho Lutero, vi e examinei. Tinha doze anos de idade, usava seus olhos e todos os seus sentidos de tal maneira que a gente poderia pensar que era uma criança normal. Mas ela só sabia faltar-se tanto quanto quatro lavradores. Ela comia, defecava e babava e se alguém tentasse segurá-la, ela gritava. Se alguma coisa ruim acontecia, ela chorava. Assim, eu disse ao príncipe de Anhalt: se eu fosse o príncipe, eu levaria essa criança ao rio Malda, que passa perto de Dassau e a afogaria. Mas o príncipe de Anhalt e o príncipe da Saxônia, que estavam presentes, recusaram-se a seguir meus conselhos. Eu disse, então: Bem, então os cristãos rezarão o Pai Nosso nas igrejas e pedirão que Deus

leve o demônio embora. E assim foi feito diariamente em Dassau, e o retardado morreu um ano depois (LUTERO *apud* SILVA, 1986, p. 236).

Bianchetti (1998) salienta que, lentamente, sob a influência da moral cristã, o assassinato da pessoa com deficiência deixou de ser a escolha imperativa. Entretanto, o *status* social continuou sendo relacionado à mácula, à imperfeição. “A dicotomia deixa de ser corpo/mente e passa a ser corpo/alma” (p. 30), portanto, todo aquele que “[...] não se enquadra no padrão considerado normal ganha direito à vida, porém, passa a ser estigmatizado, pois, para o moralismo cristão/católico, a diferença passa a ser um sinônimo de pecado” (*ibidem*, p. 30). Nessa mesma linha, o autor aborda que a alma apresenta-se como a parte digna, dessa forma, merece atenção e cuidado e o corpo, alguma consideração por ser tachado de “templo da alma”.

Silva (1986) observa que, na Idade Média, o destino das PcD, principalmente as com alguma deformidade considerada grotesca, era objeto de diversão dos nobres senhores que viviam em castelos. Os corcundas, os anões, entre outros, começaram a ter acesso livre, pois se acreditava que eles afastavam os demônios, “[...] podendo alguns inclusive participar de toda a conversa e falar o que bem entendessem, pois eram supostamente tolos, divertidos e inconsequentes” (*ibidem*, 1986, p. 216), muitos vistos como “bobos da corte”. Entretanto, diferentes dimensões sociais ou religiosas compreenderam de modos diversos a relação entre a PcD e aquela sem deficiência. A exemplo, citamos o caso dos índios Achés, caçadores-coletores que viviam nas selvas do Paraguai. Segundo Yuval Harari (2019, p. 62), os membros dessa tribo,

[...] ocasionalmente abandonam e até matam pessoas idosas ou deficientes que não conseguem acompanhar o bando. Bebês e crianças indesejados podem ser assassinados, e há inclusive casos de religiosidade inspirados em sacrifício humano [...]. Outra criança foi enterrada viva porque tinha uma aparência engraçada e outras crianças riam dela (HARARI, 2019, p. 62).

No entanto, na dimensão cristã da Idade Média, a participação social da PcD ainda se resumia ao caráter de anomalia, de curiosidade ou de entretenimento. Ao ser visto pelos demais, o seu papel social restringe-se ao “espetáculo”, nos dois sentidos, espetáculo de admiração ou por competências, como o canto ou a capacidade de tocar instrumentos musicais, ou espetáculo de entretenimento. Porém, Silva ressalta a moral cristã como responsável pela inserção desse sujeito, embora estigmatizado na sociedade.

O conteúdo da doutrina cristã que era toda voltada para a caridade, ou seja, para o amor ao próximo, para o perdão das ofensas, para a valorização e compreensão do significado da pobreza, da simplicidade de vida e da humildade, conteúdo este pregado por Jesus Cristo e divulgado com nuances cada vez mais convincentes, conquistou a grande horda dos desfavorecidos em primeiro lugar. No meio deles, aqueles que eram vítimas de doenças crônicas, de defeitos físicos ou problemas de mentais. Tudo isso deixou perplexo todos os que deles viviam despreocupados. Aos poucos, alguns começaram a posicionar-se favoravelmente a esse novo modo de ver o seu semelhante; outros mantiveram-se alienados como sempre; muitos reagiram ferozmente contra tudo e que se relacionava com cristãos ou sua doutrina (SILVA, 1986, p. 153).

Para o Cristianismo, todos são filhos de Deus, devem ser respeitados. Também, no final da Idade Média, surgiram as Irmandades de Caridade, mais conhecidas por Santas Casas de Misericórdia, que defendiam a ajuda aos necessitados (BIANCHETTI, 1998). Esse viés fraternal trouxe momentos um pouco mais estáveis para as PcD. O autor ainda acresce que, na modernidade, permaneceu a discriminação de indivíduos que não se encaixavam nos chamados padrões da normalidade, pois, iniciava-se o capitalismo industrial, momento no qual predominou (imaginário que repercute até hoje) a imagem da deficiência vinculada à incapacidade dos sujeitos em inserirem-se nos processos produtivos como os demais, ou seja, indivíduos excluídos da competitividade.

No processo de produção da existência dos diversos povos e nos diferentes lugares e momentos da história, encontra-se a chave para compreender a aceitação e integração de uns, bem como a estigmatização e exclusão de outros. Ao definir padrões estéticos (pesos, medidas...) que determinam a anorexia como ideal de vida e ao determinar a produtividade (que nem sempre esta relacionada ao trabalho!) como condição de pertencimento e interação, a sociedade capitalista prefixa quem é *in* e quem é *out* (BIANCHETTI, 1998, p. 14).

Para ele, essa era a legitimação da inferioridade, passando a acentuar a falta, o defeito, como se fosse um obstáculo. No caso da deficiência visual, esta ganha maior ênfase, como se sua limitação não permitisse ter outras capacidades, como ser gestor, produzir intelectualmente, etc. Em estudos de Carvalho, igualmente constatamos essas práticas de segregação e exclusão das PcD na sociedade moderna, entre os séculos XVI e XVII, em que,

[...] as relações humanas passaram a ser organizadas em funções de um processo produtivo voltado para a acumulação de lucro, em que aqueles que não se ajustam à lógica do sistema de exploração passam a ser considerados



como perturbadores da ordem social; dentre estes, encontram-se as PcD, as quais, justamente com outros “divergentes”, passaram a ser internadas em asilos, manicômios, hospícios etc (CARVALHO, 2013, p. 31).

No Brasil, não foi muito diferente, quanto à escolarização, “o atendimento escolar especial aos portadores de deficiência teve início na década de cinquenta do século passado. Foi precisamente em 12 de setembro de 1854 [...]” (MAZZOTTA, 2001, p.28). Essa fundação, na época, recebeu o nome de Imperial Instituto dos Meninos Cegos, na cidade do Rio de Janeiro. Com o crescimento industrial das grandes cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, as atividades econômicas passaram a aumentar e a seleção de mão de obra no processo de produção passou a ser mais seletiva, ou seja, as PcD ficavam em última opção.

Elas seguiram uma ordem prioridade: primeiro o aproveitamento dos mais capazes, depois a recuperação dos que sobraram dos primeiros dispositivos. Tratava-se de um universo constituído, em sua maioria, de trabalhadores de reserva (cujas mão de obra disponível assegurava o rebaixamento dos salários), como também dos considerados irrecuperáveis, os que povoavam asilos, hospícios, prisões, reformatório, abrigo [...] (LOBO, 2015, p.374).

Como não conseguiam inserir-se no campo de trabalho, esses indivíduos passaram a viver de esmolas, disputando o espaço com outras pessoas desprovidas de bens materiais, “dentre os que obtinham mais e melhores esmolas sempre estavam os mendigos com deficiências físicas mais sérias ou que mais tocavam a população” (SILVA, 1986, p. 236). Na época, contudo, algumas entidades em defesa do atendimento especializado foram fundadas no Brasil, tais como o Instituto Benjamim Constant e o Imperial Instituto dos surdos-mudos em 1857, este último, no ano de 1857, passando a ser chamado de Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES (MAZZOTTA, 2001). Enfim, neste pequeno trajeto histórico, observamos uma transformação do pensamento sobre a deficiência e as primeiras tentativas de integração daqueles que antes eram vistos como ineducáveis.

Na contemporaneidade, ainda há diferentes apreensões compreensivas da deficiência, nem sempre condizentes com uma perspectiva inclusiva. Por isso, apresentamos perspectivas distintas sobre a bíblia até a doutrina espírita para observarmos que a religião, sobretudo, as matrizes cristãs (da qual o espiritismo também provém), como formadora do imaginário ocidental, ainda deixa marcas profundas na nossa compreensão sobre a deficiência. Por exemplo, o educador e

pedagogo Frances Allan Kardec (1804-1864), considerado fundador do Espiritismo, postulava a existência de uma relação entre os humanos e os espíritos, na qual o corpo é uma espécie de receptáculo para o espírito imortal.

Os Espíritos revestem temporariamente um invólucro material perecível, cuja destruição pela morte lhes restitui a liberdade. Entre as diferentes espécies de seres corpóreos, Deus escolheu a espécie humana para a encarnação dos Espíritos que chegaram a certo grau de desenvolvimento, dando-lhe superioridade moral e intelectual sobre as outras. A alma é um Espírito encarnado, sendo o corpo apenas o seu envoltório (KARDEC, 2004, p. 31).

Na perspectiva kardecista, a reencarnação é marcada pelos abusos e erros cometidos em vidas anteriores e esse estigma materializa-se no corpo em que o espírito encarna. Em outros termos, a deficiência, para Kardec, é a manifestação de certa forma de punição ou carma de uma vida passada. Segundo ele, “os que habitam corpos de idiotas são Espíritos sujeitos a uma punição. Sofrem por efeito do constrangimento que experimentam e da impossibilidade em que estão de se manifestarem mediante órgãos não desenvolvidos ou desmantelados” (*ibidem*, 2004, p. 258).

O médium brasileiro Chico Xavier (1910-2002), semelhantemente, esclarece que o livre arbítrio determina características das próximas vidas. O suicídio, por exemplo, deixa marcas no corpo em uma próxima encarnação. No programa televisivo Pinga Fogo, apresentado pela Tv-Tupi, Chico Xavier tratou sobre os motivos das pessoas terem nascido com deficiência e ressaltou que “[...] fenômenos decorrentes do suicídio por tiro no crânio são muitos dolorosos, porque vemos a surdez, a cegueira, a mudez congênita, e vemos esse sofrimento em crianças, incompatíveis com a misericórdia de Deus, porque nós sabemos que Deus não quer a dor” (XAVIER, 2008). Em outra entrevista para a Rede Bandeirantes, em 1985, Chico Xavier foi questionado por Nair Belo sobre as crianças excepcionais, se, ao nascerem assim, são consideradas carma, neste caso, de quem seria o sofrimento, dos pais ou da criança? Ele esclareceu:

O sofrimento de que é portadora a criança excepcional sempre me impressionou, não somente em se tratando dela mesma, mas também dos pais. O assunto tem sido tema de várias conversações com Emmanuel, guia espiritual de nossas tarefas. Ele disse que, em geral, a criança excepcional é um suicida reencarnado depois de um suicídio recente. A pessoa pensa que se aniquila. Ela está apenas estragando ou perdendo a roupa que a Providência Divina oferece para que ela se sirva durante a existência no

corpo físico. A verdade é que a pessoa é um corpo espiritual. Os remanescentes do suicídio acompanham a criatura que praticou a autodestruição para a vida no mais além. Lá ela se demora algum tempo amparada por amigos, pois toda criatura tem afeições por toda parte, mas volta à Terra com os remanescentes que ela levou daqui mesmo após o suicídio (XAVIER, 1985).

De acordo com o espiritismo, a PcD é um suicida reencarnado. Em outras leituras espíritas, há indícios que as PcD reencarnadas vêm nessa condição para não cometerem os mesmos erros do passado, assim, nascem em um corpo impossibilitado de cometer o suicídio novamente.

Por outro lado, na contemporaneidade, assistimos a relevantes avanços quanto ao direito das PcD, tanto no âmbito educacional, profissional como no social. Convém destacar que muitas dessas conquistas somente aconteceram mediante leis, decretos e outras políticas públicas que visam à construção de práticas inclusivas que garantam os direitos desse grupo, excluído socialmente.

## 2.2 A REPRESENTAÇÃO DA DEFICIÊNCIA NAS DIFERENTES MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS

Além da dimensão histórica, a relação entre deficiência e sociedade representada nas artes é crucial para o entendimento dos fenômenos da exclusão e inclusão. Nesta seção, analisamos brevemente algumas manifestações de ordem estética, nas quais artistas representam PcD em diferentes manifestações artísticas, com o intuito de observar como esse grupo minoritário e excluído de nossa sociedade foi inserido nas diversas manifestações artísticas. A princípio, deparamo-nos com gravuras do período da Pré-História em diferentes utensílios como vasos, urnas, cestos e peças decorativas com as mais variadas formas e motivos.

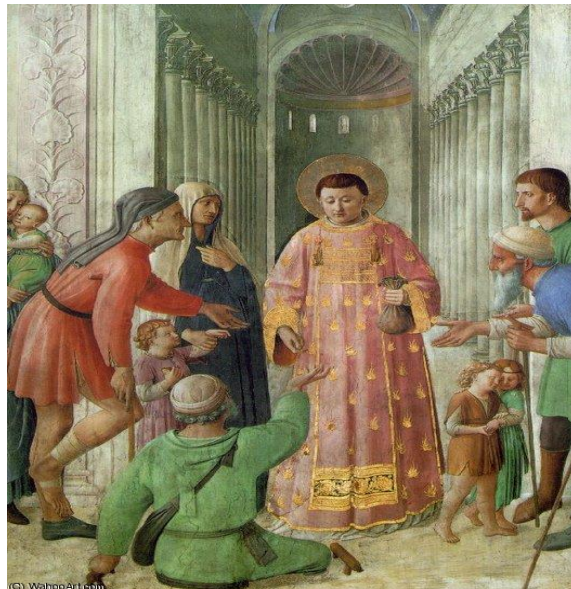
Conforme Silva (1986), já podem ser encontradas, nessas manifestações artísticas, diversas formas de deficiência, o que demonstra, em certo sentido, o destaque dado à diferença corporal, em “[...] alguns desses vasos ou urnas homens com evidentes sinais de deformidade de natureza permanente, sendo algumas delas conseqüentes de malformações congênitas: corcunda, coxos, anões e amputados” (p. 38). Contudo, não se sabe ao certo qual a finalidade da confecção dessas peças, qual o intuito em demonstrar a existência dessas pessoas na história da humanidade, como forma de adversidade, talvez. Uma análise que podemos extrair sobre a arte Pré-

Histórica é de que os homens com deficiência já sobreviviam até a idade adulta, no entanto, não se sabe se essa prática estendia-se às demais civilizações. Isso denota que essas pessoas eram percebidas como parte da existência humana.

Já na Idade Média, a representação da deficiência nas artes ocorria, em sua grande maioria, no âmbito da Arte Católica. Na reprodução da imagem de São Lourenço (1456), de Fra Angélico (1395–1455), um homem religioso e devoto que dedicou sua obra à fé e à igreja (TUPINAMBÁ e REILY, 2004), a exemplo, observamos o santo dando aos pobres, cegos e aleijados, os recursos que havia recebido do Papa.

Na obra de São Lourenço (Figura 1), podemos notar tanto a presença, como traços da pauperização das PcD (um cego com sua bengala; um homem com uma perna deficiente, portando uma muleta; e um homem de cócoras no chão, parecendo não conseguir andar). A imagem denota o ideal de caridade cristã (o santo está distribuindo esmolas para as PcD e outras pessoas próximas).

**Figura 1** -São Lourenço dando esmola aos pobres.



Fonte: <https://pt.wahooart.com/@/9GEK4B-Fra-Angelico-s%C3%A3o-louren%C3%A7o-dando-esmola->

No Renascimento, por exemplo, podemos citar algumas obras de artistas que pintaram imagens de PcD, a exemplo, *O Tocador de Alaúde*, de Georges La Tour (1593-1652), no qual o artista retrata um músico cego; *O pé do Aleijado* (1642), de José de Ribera (1591-1652), que representa um sorridente jovem com seu pé e mão direita, com evidentes deformações; *Os cegos de Jericó* (1651), de Nicolas Poussin (1594-1665), que representa uma cura realizada por Jesus (Figura 2).

**Figura 2.** Jesus cura o cego de Jericó



**Fonte:** <https://pt.wahooart.com/@@/9GZJFG-Nicolas-Poussin-Jesus-Cura-o-cego-de-jeric%C3%B3>

Em outras palavras, como observa Silva (1986), a arte é o reflexo das culturas e, por meio dela, percebemos que as PcD começam a participar do corpo social, embora de forma muito precária.

Muitos pintores do conhecido Período Renascentista retratavam em suas obras cenas que aparecem pessoas portadoras dos mais variados male incapacitantes. Alguns dos quadros mostram-nos com clareza a situação de miserabilidade em que viviam; outros ressaltam cenas que deixam patente inadequidade de atitudes; e vários outros são retratos encomendados (*ibidem*, p. 228).

Na Idade Moderna, por sua vez, encontramos quadros representando pessoas com nanismo. Diego Velázquez, nos quadros *El príncipe Baltasar Carlos y un enano* (1631) e *Las meninas* (1656), retrata anões que viviam na corte. Sobre *Las meninas*, Figueira (2002) destaca que

[...] criou-se um documento da vida cotidiana do palácio, onde numa mesma residência estão a família real, quase que completa, em companhia de serviçais”, não falando se quer a presença de anões, pessoas que a corte espanhola mantinha para se divertir (p. 25).

Nessas pinturas de Velázquez, percebemos as duas funções exercidas pelas pessoas anãs, uma como entretenimento e a outra, como servo da família real (Figura 3 e 4).

**Figura 3 - Baltasar Carlos y un enano**



Fonte: <https://www.investigart.com/2015/04/30/baltasar-carlos-y-un-enano-velazquez/>.

**Figura 4 - Las meninas**



Fonte: <https://www.artstor.org/2016/12/09/is-velazquezs-las-meninas-a-time-traveling-optical-illusion/>

Na imagem 4, consta Margarida rodeada por suas damas de honra. É possível constatar que uma delas é anã.

Na obra, uma menina caçula o cão que se encontra “deitado em atitude passiva, de submissão, vislumbra pela atitude de poder da menina, com o pé sobre ele. Interessante notar que estes três elementos pertencem ao mesmo nível tridimensional, sugerindo a equiparação de valores, isto é, o animal, o domínio e deficiente (FIGUEIRA, 2002, p. 23).

No campo da música, já na modernidade, encontramos o memorável caso do compositor alemão Ludwig van Beethoven (1770-1827), que, mesmo surdo (aos 27

anos de idade), conseguiu compor a nona sinfonia. Conforme Figueira (2002, p. 29), “foi na fase inicial de sua perda auditiva que o grande mestre compôs suas obras mais românticas e de melodia da mais alta suavidade: ‘A passionata’ e ‘Sonata ao Luar’, em 1804; Sinfonia 3 e 6, de 1804 a 1808”.

No âmbito das esculturas, temos o notório Antônio Francisco Lisboa (1730 – 1814), popularmente conhecido por Aleijadinho, um dos mais famosos artistas brasileiros. O escultor, apesar da deficiência física na extremidade dos membros do corpo, decorrente de uma artrite reumatoide, que lhe causou deformidades em partes do corpo, produziu inúmeras esculturas que marcaram profundamente a arte barroca brasileira.

Conhecido e considerado como o escultor mais importante nascido no continente americano, em todos os tempos, as suas estátuas, esculturas e outros feitos se concentram nas cidades de mineiras. Porém, a sua obra-prima é, indiscutivelmente no conceito dos críticos de arte, o grupo de estátuas representando os “Doze Profetas”, erguidas no adro do Santuário do Bom Jesus de Matozinho, em Congonhas do Campo. Mesmo já acometido pela enfermidade, tinha setenta anos de idade quando aconteceu um contrato para a execução desse conjunto de estátuas (FIGUEIRA, 2002, p.30).

Também encontramos a representação da deficiência como consequência catastrófica das próprias ações do homem contra o próprio homem. Por exemplo, o desenho satírico feito por Ângelo Agostini, publicado no jornal Cabrião de maio de 1867 (Figura 5), que representa um soldado que, ao retornar da guerra do Paraguai, é apresentado com ambas as pernas e um braço amputados, usando próteses feitas de madeira nas pernas e apoiado em uma bengala. Na gravura, o soldado conversa com outro homem sobre a guerra: “Então, estás com medo de marchar para a guerra? Deixa-te de susto! Lá nem todos morrem... não estás vendo que estou de volta?” (SILVA, 1986, p. 294).

**Figura 5.** Soldado com deficiência retornando da guerra do Paraguai



**Fonte:** Silva (1986, p. 294).

Na contemporaneidade, podemos apontar uma variedade de linguagens artísticas, como a música, o desenho, a escultura, a pintura, a escrita, a dança, o teatro e o cinema, abordando diferentes deficiências e de diversas formas. Como exemplo, o filme *Minha amada imortal* (1995), dirigido por Bernard Rose, que narra a vida de Beethoven em busca da sua amada. No filme, podemos identificar a surdez do compositor e a forma que ele utilizou para compor peças musicais, mesmo surdo. No final do filme, Beethoven está virado de costas para o público, ele não percebe os aplausos da plateia e precisa ser tocado por um colega para constatar os agradecimentos do público. Esses exemplos dão-nos um patamar sobre como as PcD apresentam-se realizando atividades diversas, que, outrora, imaginavam-se impossíveis de serem realizadas por pessoas com deficiência.

Na literatura, por sua vez, encontramos a representação da deficiência em *Feliz ano velho*, (2010), de Marcelo Rubens Paiva. A narrativa retrata a história de um rapaz que fica paraplégico após se jogar na piscina e bater com a cabeça. Depois da deficiência, o rapaz luta para superar o trauma do acidente e as dificuldades advindas dos problemas de locomoção. A história é narrada de modo bem-humorado e realista, apresenta alguns elementos da vida cotidiana do protagonista após o acidente, sobretudo, a trajetória de aceitação da deficiência e do necessário aprendizado para conviver com a nova condição e os obstáculos relacionados a ela.

Nessa breve exposição, podemos analisar como, na história da arte, as PcD



foram representadas em diferentes contextos, bem como podemos observar a presença de artistas com alguma deficiência que se destacaram na área. Na próxima seção, faremos uma breve exposição da progressiva presença da deficiência em ordenamentos jurídicos, sobretudo, no caso do Brasil.

### 2.3. IMPORTANTES CONQUISTAS JURIDICAS EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NO BRASIL

Outra importante relação entre deficiência e sociedade a ser investigada é as mudanças nas formas de proteção jurídica das pessoas, nos sistemas legislativos modernos e contemporâneos. Na área da deficiência, as primeiras leis surgiram no final do século XIX, nos Estados Unidos, seguindo o exemplo da lei que já havia sido decretada na Europa. Ao que tudo indica, as demandas surgiram, primeiramente, como uma compensação aos trabalhadores que se acidentavam nas fábricas (SILVA, 1986).

No Brasil, a inserção da pessoa com deficiência na legislação inicia-se em 1934. A partir daquele ano, os “desvalidos” são mencionados na lei como parte da sociedade. Essa medida legal está disposta no artigo 138 da Constituição Federal de 1934 – “Incumbe à União, aos Estados e aos Municípios, nos termos das leis respectivas: a) assegurar amparo aos desvalidos, criando serviços especializados e animando os serviços sociais, cuja orientação procurarão coordenar” (BRASIL, 1934). Posteriormente, nas Constituições de 1937, 1946 e 1967, as contribuições não foram significativas para a promoção dos direitos da igualdade para as PcD

Já no ano de 1986, o Ministério da Educação - MEC, juntamente com a Previdência e Assistência Social, iniciou os primeiros encaminhamentos para o Atendimento Educacional Especializado – AEE às pessoas as quais se refere, ora como “excepcionais”, ora como deficientes”. Ao assegurar as PcD à Educação Especial, os legisladores compreendem a existência de uma relação direta e necessária entre deficiência e processos educacionais especiais (MAZZOTTA, 2001). Também, naquele mesmo ano, foi promulgado o “Decreto nº 93.481 de 1986 instituiu a Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa com Deficiência CORDE” (ROSA e ANDRÉ, 2006, p. 45).

Posteriormente, foi promulgada a Constituição da República Federativa do Brasil – CF, em 1988, a qual dispõe iniciativas que asseguram direitos às PcD no país.

Entre as medidas protetivas, podemos destacar: a) artigo 7º, inciso XXXI, a “proibição de qualquer discriminação no tocante a salário e critérios de admissão do trabalhador portador de deficiência” (BRASIL, 1988); quanto ao artigo 24, inciso XIV: “Compete à União, aos Estados e ao Distrito Federal legislar concorrentemente sobre: - proteção e integração social das pessoas portadoras de deficiência ” (*ibidem*).

Já em 1989, o Congresso Nacional aprovou a Lei nº 7.853, que garante a integração social da pessoa com deficiência. No artigo 2º, inciso I, alínea “a”, está disposto:

a inclusão, no sistema educacional, da Educação Especial como modalidade educativa que abranja a educação precoce, a pré-escolar, as de 1º e 2º graus, a supletiva, a habilitação e reabilitação profissionais, com currículos, etapas e exigências de diplomação próprios (BRASIL, 1989).

Expresso em outros termos, tal dispositivo legal determina a atuação do Estado para a promoção da inclusão da pessoa com deficiência na área educacional, ou seja, desde a pré-escola até o Ensino Médio, supletivos, assim como a habilitação e reabilitação profissionais. Na alínea “c”, por sua vez, dispõe-se “a oferta, obrigatória e gratuita, da Educação Especial em estabelecimento público de ensino” (BRASIL, 1989), e na alínea “d”, consta “o oferecimento obrigatório de programas de Educação Especial a nível pré-escolar, em unidades hospitalares e congêneres nas quais estejam internados, por prazo igual ou superior a 1 (um) ano, educandos portadores de deficiência” (*ibidem*).

Ademais, a lei ainda determina o acesso das crianças com deficiência aos benefícios de material escolar, merenda escolar e bolsas de estudo, como também, na alínea “f” do mesmo dispositivo, a possibilidade de “[...] matrícula compulsória em cursos regulares de estabelecimentos públicos e particulares de pessoas portadoras de deficiência capazes de se integrarem no sistema regular de ensino” (BRASIL, 1989).

Outras contribuições importantes aconteceram nos anos de 1990, em que foi promulgado o Estatuto da Criança e do Adolescente, através da Lei nº 8.069, que prevê, no artigo 54, inciso III, o dever do Estado de oferecer “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino” (BRASIL, 1990). Também outras leis podem ser destacadas no mesmo ano, a Lei nº. 8.112/90, Lei dos Servidores Públicos, que determina a reserva de vagas nos

concursos públicos às PcD no artigo 5º, § 2º:

Às pessoas portadoras de deficiência é assegurado o direito de se inscrever em concurso público para provimento de cargo cujas atribuições sejam compatíveis com a deficiência de que são portadoras; para tais pessoas serão reservadas até 20% (vinte por cento) das vagas oferecidas no concurso (BRASIL, 1990).

Em 1991, temos a Lei nº. 8.213, que prevê a reserva de vagas destinadas às PcD em empresas privadas (BRASIL, 1991). Em 2000, a Lei nº 10.048 deu prioridade ao atendimento preferencial para PcD, idosos com idade igual ou superior a 60 anos, gestantes, crianças de colo e pessoas obesas em repartições públicas, empresas e serviços públicos. No mesmo ano, a Lei nº 10.098 estabeleceu normas básicas de melhorias para a acessibilidade das PcD ou com mobilidade reduzida (BRASIL, 2000).

Neste percurso cronológico de legislações, também temos leis específicas para diferentes modalidades de deficiência – a pessoa surda é contemplada pela Lei nº 10.436/2002, que oficializa a Língua Brasileira de Sinais (Libras): “Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados” (BRASIL, 2002)<sup>1</sup>.

Posteriormente, em 2004, encontramos outro decreto que viabiliza melhorias na acessibilidade, através do Decreto nº 5.296 de dois de dezembro, que, além de manter as garantias e a importância das leis anteriores, expande essa determinação à aprovação de projetos de natureza arquitetônica urbana, de comunicação, informação, transporte coletivo e qualquer tipo de obra em destinação pública ou coletiva. Para que se cumpram esses quesitos, conforme o dispositivo legal, o Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa Portadora de Deficiência, os Conselhos Estaduais, Municipais e do Distrito Federal e as organizações representativas de pessoas portadoras de deficiência terão o direito de fiscalizar se as medidas adotadas estão sendo legítimas (BRASIL, 2004).

Em 2005, encontramos outras normativas específicas, como a Lei nº 11.126/05 e o Decreto nº 5.904/06, que asseguram às pessoas cegas ou com baixa visão o direito de ingressar e permanecer com seu cão-guia em todos os meios de transporte, bem como em estabelecimentos abertos ao público ou privados de uso coletivo

---

<sup>1</sup> Essa lei é complementada pelo Decreto 5.626/2005, que estabelece quem pode ser considerado uma pessoa surda, “Art. 2º Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras” (BRASIL, 2005).

(BRASIL, 2005).

Posteriormente, o Decreto Legislativo 186 de 2008 e o Decreto Presidencial, nº 6.949 de 2009 promulgaram a Convenção sobre os Direitos das PcD e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. Na Convenção, também se estabeleceu a alteração do termo “portador de necessidades especiais” para “pessoa com deficiência”, além disso, assegura-se, na Convenção, outros compromissos como os estados que faziam parte, “[...] se comprometem a assegurar e promover o pleno exercício de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais por todas as pessoas com deficiência, sem qualquer tipo de discriminação por causa de sua deficiência” (BRASIL, 2009).

No ano de 2010, a Lei nº 12.190 concedeu “indenização por dano moral às pessoas com deficiência física decorrente do uso da talidomida” (BRASIL, 2010), medicamento que, quando ingerido na gravidez, causa ao feto má formação, ocasionando deficiência física – mais especificadamente, não permitindo que membros como braços e pernas desenvolvam-se perfeitamente.

Já em 2011, temos o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência, nomeado como Plano Viver sem Limites, amparado pelo Decreto nº 7.612/11. O plano, conforme disposto no decreto referido, visa “promover, por meio da integração e articulação de políticas, programas e ações, o exercício pleno e equitativo dos direitos das pessoas com deficiência” (BRASIL, 2011). No ano de 2012, encontramos políticas nacionais de proteção dos direitos da pessoa com Transtorno do Espectro Autista, lei que existe desde 1990, mas que foi alterada em seu § 3º do artigo 98 da Lei nº 8.112, de dezembro de 1990, tendo sido promulgada a Lei nº 12.764/2012.

Em 2013, foi regulamentado o § 1º do art. 201 da Constituição Federal pela Lei complementar nº 142. Nesse dispositivo, no tocante à aposentadoria da pessoa com deficiência segurada do Regime Geral de Previdência Social – RGPS, reconhece-se o direito a pessoa.

A pessoa com deficiência aquela que tem impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas (BRASIL, 2013).

Em 2013, a Lei nº12.796 alterou a Lei nº 9.394 de 1996, Lei de Diretrizes e

Bases de Educação Nacional - LDBEN, e passou a assegurar, no artigo 4º, inciso III,

atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino (BRASIL, 2013).

Em 2015, promulgou-se a Lei nº 13.146, dispositivo que, em seu artigo 1º, dispõe a instituição da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), que tem como objetivo assegurar e promover os direitos e a liberdade fundamentais da PcD, visando a sua inclusão social. A importância de tal lei também decorre do fato que o dispositivo define que a PcD é aquela que está impossibilitada de gozar de sua natureza, mental, física, intelectual e sensorial, e não consegue interagir de forma plena e efetiva na sociedade em condição de igualdade. Tal definição favorece políticas públicas que visem ao incremento nas formas de acessibilidade para essas pessoas, como também outras medidas que objetivem garantir a participação igualitária na sociedade (BRASIL, 2015).

Observamos que as políticas públicas que visam à inclusão e garantia dos direitos das PcD avançaram muito em relação à realidade observada no passado. No entanto, as assimetrias entre as PcD e sem deficiência perdura até os dias atuais. Aceitar o “diferente” ainda é uma dificuldade em muitos contextos, sobretudo, porque a deficiência continua sendo permeada por um imaginário social que, por vezes, associa a deficiência a dimensões negativas, o que favorece o preconceito, o estranhamento e a exclusão. No capítulo seguinte, analisamos algumas figurações literárias dos imaginários negativos que perpassam a deficiência.

### 3. AS MODALIDADES DE REPRESENTAÇÃO DA DEFICIÊNCIA NA LITERATURA

Na literatura contemporânea, podemos encontrar imaginários da deficiência associados a incapacidades cognitivas e sociais, à ausência de autonomia e a um campo lexical depreciativo – aleijado, defeituoso, incapacitado, inválido, etc. Contudo, verificamos também o inverso, casos de superação, de resistência, de luta e coragem. Não obstante, existem obras que não se fixam a esses parâmetros quanto à deficiência, mas às atitudes e ações dos personagens.

Em nossa pesquisa, definimos três modalidades de representação da deficiência na literatura. A primeira modalidade segue a figuração da deficiência sobre uma perspectiva negativa; na segunda modalidade, retrata-se a PcD pelo lado positivo, e, na última modalidade, reserva-se uma atenção para as ações dos personagens e não a sua deficiência, sendo que essas ações caracterizam-nos negativamente ou positivamente. As três modalidades serão retratadas a seguir, contudo, para isso, utilizamos contos e obras literárias que nos ajudarão melhor a retratar as modalidades descritas.

#### 3.1. PRIMEIRA MODALIDADE: A REPRESENTAÇÃO DA DEFICIÊNCIA DE FORMA NEGATIVA NA LITERATURA

A literatura proporciona discursos que estreitam relações com a realidade, por meio de enredos ficcionais, nos quais encontramos representações humanas que ilustram os imaginários sociais das épocas retratadas. Entre as representações da deficiência presentes nas obras literárias, muitas tratam a temática associada a certa negatividade. Geralmente, nesses casos, a diferença física aparente nos personagens está relacionada a falhas de caráter, à feiura, a incapacidades ou a outras características que inferiorizam a pessoa com deficiência, frente os demais personagens.

O nanismo, o que não ouve, o que não enxerga, aquele a quem falta um membro ou que possui outra deficiência física são geralmente representados como estranhos ou maléficos, como personagens que não se encontram no “lado bom” das histórias. Tais narrativas, seguindo de certa forma um princípio aristotélico de beleza, “para ser julgado belo, deve apresentar certa grandeza que torne possível abarcá-lo com o olhar” (ARISTÓTELES, 2001, p. 53), que associa a beleza a uma ideia de

completude, representam a deficiência não só como aquilo que não é belo, mas também como aquilo que não é bom considerados imperfeitos, essas pessoas e a alteridade que representam são exilados do convívio social, excluídos, desprezados e/ou abandonados de diferentes formas.

Do Antigo Testamento, o extrato a seguir demonstra esse imaginário da violência em Levítico, 21:17-23:

Dize a Aarão o seguinte: Homem algum de tua linhagem, por todas as gerações, que tenham algum defeito físico, ofertará o pão de seu. Desse modo, serão excluídos todos aqueles que tiverem uma deformidade: cegos, coxos, mutilados, pessoas de membros desproporcionais, ou tenham uma fratura no pé ou na mão, corcundas ou anões, os que tiverem uma mancha no olho, ou a sarna, uma inflamação, ou os testículos esmagados. Homem algum da linhagem de Aarão, o sacerdote, que for deformado, oferecerá os sacrifícios consumidos pelo fogo. Sendo vítima de uma deformidade, não poderá apresentar-se para oferecer o pão de seu Deus. Mas poderá comer o pão de seu Deus, proveniente das ofertas santíssimas e das ofertas santas. Não se aproximará, porém, do véu nem do altar, porque é deformado. Não profanará meus santuários, porque eu sou o Senhor que os santifico (BÍBLIA SAGRADA, 2015).

Como nos vários exemplos da Bíblia Sagrada, é possível observar passagens que constatarem o lado positivo e negativo. Na passagem anterior, a negatividade da deficiência é visível. A partir desses imaginários, os personagens com deficiência são marcados pela não aceitação, isolamento e exclusão. Os personagens representados sob essa perspectiva são retratados como “algo sem serventia”, constituindo estereótipos pela impossibilidade de participar efetivamente no mundo contemporâneo e, conseqüentemente, elevando a deficiência à causa suficiente para diferentes formas de exclusão social.

Um dos fatos que confirma tal assertiva é o desfecho dado aos personagens com deficiência nos contos “O filho” e “Conto de amor”, que estão inseridos na obra *Amálgama* (2013), produzida por Rubem Fonseca. Nos contos, a representação crua do desprezo e da crueldade humana, ali salientada pelos progenitores quanto a seus filhos com deficiência, não se diferencia da vida real, na qual muitas pessoas sofreram historicamente o menosprezo familiar e social e ainda sofrem.

Na seção seguinte, vamos compreender melhor essa situação de violência presente nos contos de Fonseca.

### 3.1.1. Vida e obras de Rubem Fonseca

O escritor brasileiro José Rubem Fonseca é considerado um dos maiores ficcionistas da literatura brasileira. Também foi conceituado como um dos melhores escritores do século XX. Suas obras ficaram conhecidas por abordar temas marginais e os excluídos socialmente, além de apresentar narrativas envolvendo mistério, suspense e alienação. Fonseca estreou no meio literário com a obra *Os prisioneiros* em 1963, os onze contos presentes no livro rompem com a tradição literária de até então, por abordarem a temática dos excluídos.

Rubem Fonseca também foi o primeiro a apresentar o enredo da prisão e do mundo violento decorrente no meio urbano. Em seu segundo livro, *Coleira do Cão* (1965), a obra composta por contos, segue a mesma perspectiva do primeiro discurso, apresentado anteriormente, porém, aqui, o cachorro quer fugir da prisão de ser acorrentado. “Aproxima-se mais ainda no tema violência, como o intento de demonstrar a realidade brutal e a inércia social da época: retrato de um país que há um ano havia sofrido um golpe militar” (MELLO, 2009, pp.9-10). As obras do autor tornaram-se uma das mais lidas no Brasil, ademais, por sua imensa habilidade em criar personagens e situações diversas da população urbana, ele atraiu também apreciadores de outros países como França e Alemanha (*ibidem*).

O romancista nasceu em 11 de maio de 1925, na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais. Iniciou seus estudos na Universidade do Brasil, atualmente conhecida como Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, entrou para polícia e ficou tempo nessa função, em que passou cuidar dos serviços de relações públicas da corporação. Em 1953, foi selecionado para estudar nos Estados Unidos, quando fez Mestrado em Administração na New York University, retornou ao Brasil como roteirista de filmes, exerceu essa função concomitantemente com o trabalho na Lihgt do Rio de Janeiro. No ano de 1958, Rubem Fonseca foi exonerado do cargo e passou a dedicar-se exclusivamente à literatura.

Rubem Fonseca produziu contos e romances. Sua forma de escrever apresenta uma estrutura narrativa, em especial, com protagonistas, delegados, inspetores, detetives, advogados, soldados, entre outros. Com uma linguagem direta, direciona suas obras para uma literatura bem realista. Sua primeira obra *Os prisioneiros* foi publicada em 1963, neste contexto, Fonseca escreve sobre o carnaval.



Os onze contos são escritos de fevereiro a março.

A obra pode ser lida sob a óptica da inversão, já que este é tradicionalmente um acontecimento festivo em que as regras sociais são explicitamente subvertidas e passam a vigorar pelo avesso. Mas Rubem Fonseca não se restringe aos quatro dias de folia e nem ao espaço da praça pública carnavalesca. Ele vai além ultrapassa os limites de tempo e espaço, e as coisas passam a acontecer sem o caráter festivo, marginalmente, e de acordo com a lógica que é invertida em relação aos valores comumente admitidos em regras sociais (MARETTI, 1986, p.144).

Dois anos depois, publicou *A coleira do Cão* (1965). Outras obras que podemos mencionar são: *McCarteny* (1969), *O Caso de More* (1973), *O Homem de Fevereiro* (1973), *Feliz Ano Novo* (1975), *A Grande Arte* (1983), *Vastas Emoções e Pensamentos Imperfeitos* (1988), *Agosto* (1990), *Romance Negro e Outras Histórias* (1992), *O Selvagem da Ópera é outro romance de* (1994), *O Buraco na Parede* (1995), *História de Amor* (1998), *O Doente Molière* (2000), *Pequenas Criaturas* (2002), *Ela e Outras Mulheres* (2006) e a última obra foi *Axilas e Outras Histórias Indecorosas em 2011. Amálgama* (2013), *Histórias Curtas* (2015), *Calibre 22* (2017) e *Carne Crua* (2018).

O escritor também recebeu vários prêmios, entre os mais importantes, cabe destacar, em 2003, o Prêmio Camões e cinco Prêmios Jabuti, em 1970, 1984, 1993, 1996 e 2003. Quanto ao estilo literário, Fonseca constrói narrativas que ressaltam a violência, a sexualidade e a solidão, bem como apresenta contundente crítica às assimetrias sociais das grandes metrópoles. Através de seus personagens, é possível identificar a dicotomia entre a violência dos marginais e a violência advinda de quem tem uma boa condição financeira. O escritor também utiliza o ambiente urbano para apresentar as mais severas mazelas sociais, por meio de uma linguagem direta e contundente.

As obras literárias de Rubem Fonseca também são objeto de inúmeros estudos da crítica literária. Em pesquisa ao catálogo da Capes, é possível encontrar, na área de concentração Estudos Literários, 163 trabalhos sobre o autor. Como exemplo, podemos citar as seguintes dissertações; a) Rubem Fonseca: o discurso como leitura plural da cidade (GOÍS, 2016), dissertação de Mestrado cujo objetivo foi mostrar que alguns contos de Rubem Fonseca são construídos na forma de labirintos, de modo a apresentar uma leitura plural de cidade a partir da fragilidade e da violência urbana; b) Arte e fome: uma leitura a partir do conto "Olhar" de Rubem Fonseca (MONTEIRO,

2017) – dissertação que investigou nos contos “Intestino Grosso”, publicado no livro *Feliz ano novo* (1973), e no conto “Olhar”, publicado no livro *Romance Negro* (1992), os narradores como alteregos do autor a apresentar juízos de valor sobre arte, literatura, sociedade e relações humanas da modernidade.

Outros exemplos mais recentes da fortuna crítica do autor são encontrados em artigos científicos, tais como: a) Justiça ou motivação afetiva: A constituição dupla dos personagens de Rubem Fonseca, (GUIZZO e GRADE, 2019), cujos autores visam explorar a “ética marginal” dos personagens (protagonistas e narradores) que cometem atos de violência e procuram justificar essa conduta através de percepções particulares de justiça; b) Identidade e alteridade em *A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro*, de Rubem Fonseca (OLIVEIRA, 2019), que analisa os personagens de Rubem Fonseca no conto “A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro” (1992) a partir dos elos de pertencimento e distanciamento dos espaços em que vivem.

Na seção seguinte, procuramos compreender melhor a situação de violência presente nos contos de Fonseca.

### **3.1.2. A presença de personagens com deficiência nos contos: “O filho” e “Conto de amor”**

Os contos de Rubem Fonseca contêm uma particular representação da deficiência. Os contos “O filho” e “Conto de amor” fazem parte dos trinta e quatro contos da obra *Amálgama*, publicada em 2013. Eles evidenciam a relação entre deficiência e inutilidade, sobretudo, em uma ótica capitalista de mundo, na qual o valor é dado pela capacidade de produzir.

No conto, “O filho”, Rubem Fonseca narra a história de Jéssica, adolescente de 16 anos, grávida que, por um momento, decide abortar. Juntamente com a mãe, ela planeja realizar o aborto em uma mãe de santo conhecida por d. Gertrudes. Na véspera do aborto, Jéssica decide ter o filho e convence a mãe que vender a criança seria a melhor opção a ambas, visto que o mesmo já havia sido realizado com sucesso por uma amiga de Jéssica. D. Benedita, mãe de Jéssica, frente à possibilidade de recompensa financeira, planeja, depois do parto, roubar a criança de Jéssica, vender e ficar com todo o dinheiro. No entanto, o menino nasce sem um dos braços. Frente à trágica situação, D. Benedita abandona a filha e o bebê na casa de d. Gertrudes. Jéssica, depois de tomar ciência da deficiência do filho, embrulha a criança em um

cobertor, sai à rua e joga-o na primeira lata de lixo.

Jéssica é fisicamente caracterizada como uma menina que sempre foi miúda, raquítica, que não chegava a meio metro de altura, além de ser descrita com uma barriga imensa durante a gravidez. A personalidade de Jéssica é ressaltada na obra com características de imaturidade, ora pensa em abortar, ora pensa em ter o bebê, escolhe até os nomes. Caso fosse menino, seria nomeado de Maicon, se menina, Daiana.

D. Benedita, mãe de Jéssica, uma mulher sem dentes, seu maior desejo era comprar uma dentadura. Apresentada no conto como uma mãe indiferente à situação da filha e ambiciosa a ponto de planejar a venda do neto. D. Gertrudes, por sua vez, é uma mulher descrita como muito gorda e muito preta. Trata-se de uma benzedeira<sup>2</sup>, a quem se creditam poderes de cura, uma mãe de santo capaz de benzer contra quebranto, mau-olhado, oração contra espíritos obsessores, fechar o corpo contra todos os males e fazer oração para exorcizar o demônio.

A descrição dos personagens, que é parte da forma como o autor estiliza o conto, beira o grotesco. No entanto, também é possível observar, por trás de tais descrições, as condições sociais dos personagens, como Jéssica que não teve acesso a planejamento familiar ou outras dimensões educacionais sobre a vida. Grávida aos 16 anos, sem acompanhamento pré-natal e sem saber quem é o pai do bebê, cujo abandono parental (ou real desconhecimento de quem seja) leva-a a dizer que nem se importa em querer saber quem é, além de ressaltar que todos os homens são “uns merda”.

Quanto ao tempo, a narrativa apresenta temporalidade cronológica, corresponde ao período de gestação de Jéssica, marcado pelo início da gravidez até a hora do parto, aparentemente num período de nove meses. O cenário é uma comunidade pobre, desprovida de acesso às necessidades básicas de saúde pública.

Estruturalmente, o tempo e as ações configuram-se por meio de rupturas temporais cominadas com inversão das expectativas do leitor, causando um efeito de sentido que tende do positivo ao negativo e vice-versa. A primeira reação de Jéssica frente à gravidez é o desejo de abortar, seguido do desejo de ter a criança, momento em que escolhe os nomes, posteriormente, segue-se o desejo de vender, com fim de obter recompensa financeira, por fim, no desfecho do conto, ao ver que a criança havia

---

<sup>2</sup> Mulher popularmente conhecida por ter o poder de curar pessoas doentes através de orações e benzimentos. Também conhecida pela preparação de mistura de ervas para fins terapêuticos.

nascido sem um braço, joga-o na lata de lixo sem amamentá-la, sequer uma vez.

A descrição do ato final do conto é exemplar da valoração dada pelo imaginário dos personagens frente à deficiência da criança. D. Benedita, mãe de Jéssica, ao perceber que a criança não tinha um braço após o parto, “[...] saiu correndo sem levar o bebê. Saiu sozinha com o olho arregalado como se Satanás tivesse entrado no seu corpo” (FONSECA, 2013, p. 10-11). A parteira, d. Gertrudes, envolveu o bebê em alguns panos que Jéssica havia trazido e entregou-lhe o filho. Quando Jéssica percebeu a deficiência do filho, sem nada dizer a parteira, carregou o bebê como se fosse levá-lo para casa e descartou-o, na rua, na lata. Em um dos trechos, o autor apresenta a justificativa para a ação de Jéssica, “o bebê era aleijado. Só tinha um braço. Ela não ia dar de mamar nem ninguém ia querer comprar aquela coisa” (*ibidem*, p. 11). O conto revela a desvalorização da PcD, como um ser incapaz de viver ou ser útil socialmente.

No “Conto de amor” (2013), Rubem Fonseca descreve a vida de um jovem casal. O homem é um oficial do Exército, especialista em explosivos. A mulher, Jane, estava grávida quando ele foi convidado para uma missão no exterior, a serviço da Organização das Nações Unidas - ONU, com duração de dois anos. Os dois comunicavam-se por cartas, contudo, em determinado momento, Jane parou de responder as cartas do marido. Quando ele retornou da missão, dirigiu-se para casa encontrar a família e, finalmente, conhecer o filho que nascera enquanto estava distante. Ao chegar à casa, descobriu que faltava ao filho uma perna e um braço. O menino nasceu com uma anomalia genética, chamada focomelia e, após o falecimento de Jane, quando o menino tinha seis anos de idade, o pai precisou afastar-se do exército, para cuidar do filho.

Durante toda a infância, o menino dizia ao pai sobre o interesse em ir para guerra, e a ideia tornara-se uma obsessão. O pai sabia que esse sonho era impossível devido à condição física do menino, mas o desejo persistia. Quando o menino fez quinze anos, durante uma conversa, o pai então afirmou-lhe que ele havia sido convocado para a guerra. O garoto agradecido declarou seu amor ao pai e o pai denotou a reciprocidade ao filho. Naquele momento, o pai entregou ao filho uma bomba construída por ele. Após sua saída do quarto, a bomba explode, matando o garoto.

O assassinato do próprio filho é narrado em primeira pessoa, pelo próprio pai, que também é o único que não tem nome na narrativa. O enredo desenvolve-se em

torno dos três personagens, o pai, a mãe e o filho João. O processo narrativo segue a temporalidade cronológica. O primeiro momento é marcado pelo período que o pai ausenta-se por dois anos a serviço da ONU; no segundo, a mãe falece e, então, pai e filho, o menino com seis anos de idade, são apresentados, além das pontuações a respeito do constante desejo do menino de ir para guerra. No terceiro e último momento, o pai mata João aos 15 anos de idade.

Não há descrição física do homem, contudo, o leitor pode imaginar um homem com boa aparência física, por tratar-se de um soldado do exército. Jane, por sua vez, somente é descrita quando o marido regressa e as características salientadas apontam uma mulher frágil, pálida, de aparência envelhecida e saúde bastante debilitada. Somos informados que a transformação da esposa assustou o marido, o que nos leva a imaginar que, antes, ela teria as características opostas.

Quando o marido pergunta a esposa o que aconteceu, ela apenas aponta o quarto do bebê e, ali, ele encontra a criança sem uma perna e um braço. Assim, o conto leva-nos a crer que a maternidade, os cuidados que a criança demandava e também a inconformidade de ter um filho deficiente foram responsáveis por sua decadência física. O conto também nos dá a impressão de que Jane não desejava permanecer viva e ela definha até a morte, pela decepção decorrente da deficiência do filho. Quanto ao menino, João, só temos a descrição física de quando era criança, um menino lindo, mas com a deficiência física. Além disso, sabemos sobre o seu desejo de ir para a guerra.

A descrição do assassinato do filho também é muito sucinta:

Com a bomba na mão eu disse: “Meu filho, você foi convocado para ir a guerra.” Obrigado, meu pai querido, eu te amo muito.” Eu o amava mais ainda. Coloquei a bomba na sua mão. “Essa bomba vai explodir. É a guerra”, eu disse. “É a guerra”, ele repetiu feliz. Saí do quarto onde estava. Pouco depois vi o clarão. João também viu esse clarão, feliz, antes da bomba explodir, matando-o (FONSECA, 2013, p. 47).

Para finalizar, o narrador apresenta uma justificativa ao leitor de que o ato cometido foi realizado por amor, para satisfazer o maior desejo do filho - “eu amava meu filho” (p.47). Ambos os contos apresentam a relação da negatividade em torno na deficiência dos filhos, o desejo de eliminar o mal ao que se instalara na vida dos pais é visto por eles, assim como a única saída.

Na próxima seção, aprofundaremos a análise referente à associação da deficiência a uma dimensão social negativa, como é perceptível nos dois contos de Rubem Fonseca.

### 3.1.3. O que não é belo, desvia-se o olhar

Nesta seção, apresentaremos os contos analisados, segundo a primeira modalidade de análise, que aborda a representação da PcD de forma negativa. Os contos escolhidos são de autoria de Rubem Fonseca, sendo eles: “O filho” e “Conto de amor”. Como vimos brevemente na história da humanidade, a deficiência, além de associada à imperfeição estética, também foi relacionada a falhas de caráter dos personagens - geralmente, os “vilões” apresentavam alguma deficiência; as bruxas são caracterizadas por imperfeições corporais; na mitologia, os deuses castigam as transgressões dos humanos com a perda de um membro ou sentido; nas religiões, os espíritos malignos trazem consigo alguma deficiência etc.

Para Aristóteles (2001), o belo caracteriza-se pela completude e unidade do ente, por certa harmonia que estaria em consonância com a perfeição do cosmos. Esse entendimento da perfeição do cosmos, quando refletido nos seres humanos, resultou, para a Grécia Antiga, na concepção dos corpos belos, exemplarmente, representada tanto nas artes da época como nas artes do período renascentista que revitalizaram a antiguidade clássica. O autor afirmava que não se é belo, quando “[...] se for excessivamente pequeno (pois a visão é confusa, quando dura apenas um momento quase imprescindível), nem se for desmedidamente grande neste caso o olhar não abrange a totalidade, a unidade e o conjunto escapam à vista” (ARISTÓTELES, 2001, p. 12).

Essas mesmas qualidades são reapropriadas por Tomás de Aquino (1225-1274) na *Suma Teologia*, indicando que seja possível que são três, as condições que exigem beleza “[...] Primeiro, a integridade ou perfeição; donde vem, que coisas mesquinhas são por isso mesmo feias. Segundo, a proporção devida ou consonância. E, por fim, o esplendor, que nos leva a chamarmos bela às coisas de colorido brilhante” (1980, p.399). Umberto Eco, em *História da Feiura* (2007), acrescenta que:

[...] não se considerava feio somente aquilo que fosse desproporcionado, como um ser humano com cabeça enorme e pernas curtíssimas, mas eram ditos feios também os seres que Tomás definia como “torpes”, no sentido de

“diminuídos”, ou seja - como dirá Guilherme de Alvernia (*Tratado do bem e do mal*) -, aos quais falta um membro, que têm apenas um olho (ou três, pois é possível apresentar um defeito de integridade por excesso). Portanto, eram impiedosamente definidos como feios os erros da natureza, que os artistas tantas vezes retratavam sem nenhuma compaixão (ECO, p. 15-16).

Em poucas palavras, de imaginários que contemplam o mundo como perfeição (no mundo grego, porque tudo no *cosmos* está no seu lugar legítimo; no mundo cristão, porque a perfeição do criador é refletida na criação) surgem representações do que é considerado amorfo, assimétrico, desarmônico e/ou deformado, relacionados a outras dimensões negativas por contiguidade, tais como a imoralidade, a debilidade, a vileza, a ilegalidade, a maldade, a decrepitude, o criminoso, o demoníaco, o espectral, o desagradável, o horrendo, o obscuro, o imundo etc. No mundo capitalista, soma-se a essa dimensão do imaginário a ideia de utilidade, e a PcD passa a ser inútil, aquela que não participa do mundo produtivo e, conseqüentemente, não tem valor econômico, logo, não tem valor na ordem social.

No conto “O filho”, a gravidez do personagem em condições socioeconômicas precárias será o mote a partir do qual é figurado o valor social da deficiência. Como em muitas narrativas de Rubem Fonseca, os personagens vivem em um ambiente permeado pela pobreza e falta de acesso a bens e serviços essenciais para o exercício digno da cidadania, tal como a ausência de acesso à assistência médica, ao pré-natal adequado para a realização do parto, o que denota essas condições pode ser evidenciado no trecho onde o autor destaca: “combinaram que iam fazer o aborto na casa da mãe de santo d. Gertrudes, que fazia todos os partos e abortos daquela comunidade” (FONSECA, 2013, p. 7), além dos serviços odontológicos, “estava decidida a vender o bebê ela mesma, pois precisava de dinheiro para comprar uma dentadura” (p.10); a falta de recursos materiais para criar o filho,

na véspera de realizar o aborto, Jéssica falou com a mãe que havia decidido ter o filho e que se fosse menino ia se chamar Maicon e se fosse menina, Daiana.  
Vai ter o filho?  
Vou.  
Ficou maluca. Como é que você vai criar?  
Qual o problema? Se der muito trabalho eu posso dar o bebê, ou melhor, posso vender. Tem um monte de gente interessada em comprar bebês (FONSECA, 2013, p. 8).

A ausência de condições econômicas também é representada na descrição

física dos personagens protagonistas, D. Benedita não têm os dentes e sonha com uma dentadura, e Jéssica, “uma menina miúda, raquítica, não chegava a ter um metro e meio de altura” (p. 10). Além disso, outra característica representada por Fonseca na narrativa é a falta de estrutura familiar, Jéssica desconhece quem é o pai da criança e, aparentemente, vive apenas com a mãe. Essa carência da figura masculina na organização familiar pode ser associada ao desprezo que Jéssica tem pelos homens, “Você sabe quem é o pai? Jéssica não sabia. Respondeu, não interessa quem é o pai, são todos uns merdas” (FONSECA, 2013, p. 7). Em síntese, a instabilidade apresentada no conto é inerente às condições precárias em que os personagens vivem.

Sobre este ponto, inicialmente, é interessante observar a classificação do fenômeno da violência proposta por Slavoj Žižek (2014), sendo que o autor difere três modos de violência: subjetiva, simbólica e sistêmica. Para o autor, a violência subjetiva é a “violência exercida por agentes sociais, indivíduos maléficos, aparelhos repressivos disciplinados e multidões fanáticas: a violência subjetiva é tão somente a mais visível das três” (p. 23), isto é, a violência que vemos destacada nos noticiários e outros programas televisivos. No entanto, ela é apenas a face mais superficial do fenômeno, ou seja,

[...] a violência subjetiva é somente a parte mais visível de um triunvirato que inclui também dois tipos objetivos de violência. Em primeiro lugar, há uma violência “simbólica” encarnada na linguagem e em suas formas, naquilo que Heidegger chamaria a “nossa casa do ser”. Como veremos adiante, essa violência não está em ação apenas nos casos evidentes – e largamente estudados – de provocação e de relações de dominação social que nossas formas de discurso habituais reproduzem: há uma forma ainda mais fundamental de violência que pertence à linguagem enquanto tal, à imposição de um certo universo de sentido. Em segundo lugar, há aquilo a que eu chamo violência “sistêmica”, que consiste nas consequências muitas vezes catastróficas do funcionamento regular de nossos sistemas econômico e político (ŽIŽEK, 2014, p. 17).

Além disso, Žižek destaca a existência de um “grau zero” da violência, isto é, o ponto a partir do qual a violência é percebida enquanto violência. Conforme o autor, violações silenciosas, como as promovidas por meio da exploração econômica, tratamento desigual frente ao judiciário e omissões do poder público na tutela dos direitos básicos dos cidadãos não são percebidas como violência, enquanto apenas a violência subjetiva o é (ŽIŽEK, 2014).

No conto “O filho”, uma série de violências sistêmicas, como já destacamos, é



evidente. A própria estrutura de exploração capitalista é percebida na resolução final de Jéssica, quando decide jogar o filho na lata de lixo, “ela não ia dar de mamar nem ninguém ia querer comprar aquela coisa” (FONSECA, 2013, p. 11). Contudo, as ações de Jéssica e D. Benedita não se explicam apenas como reflexo da violência sistêmica, elas correlacionam-se à dimensão moral dos personagens. Também é evidente, no conto, a representação social de um imaginário negativo da deficiência relacionado ao valor do ser humano enquanto força produtiva do sistema capitalista, “[...] foi caminhando até encontrar a primeira lata de lixo grande. Então jogou o bebê” (p. 11).

Neste ponto, o individualismo e a prevalência do valor econômico sobre qualquer questão moral é facilmente observável nas ações de D. Benedita, a mãe, que não demonstra receios morais em vender o neto, apenas a intenção de obter vantagem econômica. Isso é evidenciado na passagem posterior ao encontro com Kate, moça que havia vendido o próprio filho e que inspirou as intenções de Jéssica e D. Benedita: “[...] d. Benedita voltou a se encontrar com Kate, que como se estivesse em transe, lhe contou quem comprara o bebê, a quantia, tudo. Mas d. Benedita não disse isso a Jéssica” (p. 10).

Jéssica, assim como a mãe, também tinha a intenção de vender o filho para beneficiar-se economicamente. Aliás, ela, em um raro momento, revela preocupação com a maternidade, sua relação com o filho é de extrema frieza, o bebê é rejeitado desde o início da gestação, há apenas um trecho que simboliza afeto, na hora em que Jéssica pensa no nome que daria a criança. No entanto, depois de ver a situação em que o bebê nascera, o personagem apenas o nomeou como “coisa” (p. 11).

Observamos, desse modo, que a construção do conto intenciona o leitor a um sentimento de repulsa. Avó e mãe não demonstram afeto pela criança, apenas interesse econômico. Em outras palavras, poderíamos compreender que o conto figura a dimensão capitalista do mundo contemporâneo, que transforma os seres humanos em meios para determinados fins econômicos, e o valor de cada um está atribuído a sua capacidade laboral. Para os personagens, nessa lógica, a necessidade financeira é justificativa para os seus comportamentos, compreendidos dentro de uma racionalidade evidente - o menino sem braço não teria serventia alguma.

É interessante refletir sobre o enredo do conto, a partir do conceito de *homo sacer* de Giorgio Agamben. Segundo Agamben, tal conceito

[...] é a vida nua, isto é, a vida matável e insacrificável do *homo sacer* [...] Uma obscura figura do direito romano arcaico, na qual a vida humana é incluída no ordenamento unicamente sob a forma de sua exclusão (ou seja, de sua absoluta matabilidade) (2007, p. 12).

Essa figura do *homo sacer*, aquele que é abandonado pelo bando, conforme Agamben (2007), e é incluído ao grupo paradoxalmente por ser excluído e, é diametralmente oposta à figura do soberano, aquele que detém o poder de determinar a vida ou a morte, aquele para o qual, em última instância, todos os homens são *homines sacri*. Estabelecendo uma relação entre o conto e a teoria de Agamben, por um lado, detemo-nos na atitude de abandono pela avó, “olhou o bebê e saiu correndo da casa de d. Gertrudes” (p. 10), que não considera a criança como parte do bando, isto é, daqueles que possuem uma vida que representa um valor jurídico a ser preservado, por outro lado, Jéssica, a mãe, age como o soberano diante da criança, determina não só o seu abandono, como também a sua matabilidade, o exaurimento de qualquer valor, “[...] encontrou a primeira lata de lixo grande. Então jogou o bebê na lata de lixo” (p. 11).

A imagem da deficiência do bebê, assim, é a sua condenação ao banimento, por representar uma vida sem utilidade, em um mundo que valoriza os seres pela capacidade produtiva. Assim sendo, pode ser descartado, sem que isso seja visto como um homicídio. Enfim, o conto figura, na contemporaneidade, a permanência do imaginário negativo em relação à deficiência que observamos nas pequenas inserções históricas realizadas neste trabalho, nas quais o “disforme” poderia ser morto, um ser matável.

Em nosso segundo *corpus* de análise, o “Conto de Amor”, também temos a nítida percepção do protagonista com deficiência, pela associação de não poder ter usufruído da vida, por conta de suas limitações. Embora no caso, a restrição vincule-se a um desejo mais restrito, o menino deseja ir para a guerra. O título do conto, a princípio, permite achar que vamos presenciar uma narrativa romantizada, em que os laços afetivos sejam o ponto central do enredo, contudo, o nome dado não contraria ironicamente essa primeira percepção, e o autor apresenta-nos uma história em que o pai mata o próprio filho deficiente por amor.

O desejo de assassinar o filho é apresentado nas primeiras linhas da narrativa. “A pessoa que eu queria matar era meu filho João” (FONSECA, 2013, p. 45). Diferentemente do conto “O filho”, no qual o desfecho é inesperado, no entanto, pode

ser compreendido dentro da lógica cruel da produtividade capitalista, neste caso, o pai apresenta uma justificativa estranha ao leitor para cometer seu ato: o amor.

Rubem Fonseca, neste conto, apresenta outra perspectiva, o problema não é a condição financeira da família, visto que o pai era um soldado, “minha esposa estava grávida quando fui enviado ao exterior como um contingente do Exército” (p. 45), altamente especializado em uma área militar, “especialista em fabricar bombas. Sei fabricar qualquer tipo de bomba portátil, muito usada por terroristas” (p.45). Além disso, a esposa Jane também aparenta ser uma mulher escolarizada, pois, quando o marido viajou a serviço, a forma de comunicação acontecia por trocas de cartas. Outro fato relevante na comparação é o acesso à saúde. A deficiência do garoto é diagnosticada por um laudo médico, “Jane estendeu-me um papel amassado, uma receita médica onde estava escrito: esta criança sofre de focomelia, uma anomalia congênita que impede a formação de braços e pernas” (p. 46).

Tampouco, o pai ou a mãe aparentavam ter ódio em relação ao menino, “a bomba que eu estava fazendo tinha que ter um efeito fulminante, para que a vítima não sofresse” (p. 45); “Jane cuidava do João com o maior cuidado e com grande carinho” (p. 46). Assim, podemos entender que nem a condição financeira nem a afetiva eram um empecilho para criar uma criança com deficiência, a dificuldade centra-se na compreensão da deficiência como impeditivo para uma vida plena.

Com a morte da mãe, o pai passou a cuidar do menino e, quando perguntava ao garoto se precisava de algo, João respondia, “eu quero ir para a guerra, papai” (p.46). No entanto, o pai julgava impossível o desejo do filho, “sua deficiência física se agravava com a idade. Ele tinha 15 anos, mas não podia andar, estava impossibilitado de exercer as mínimas atividades físicas” (p. 46). A partir desse julgamento, o pai decidiu pela inusitada forma de fazer com que o filho realizasse seu maior desejo, dando-lhe uma bomba.

O assassinato do menino é justificado pelo pai, fez por amor. Neste momento, o conto estabelece uma paradoxal leitura do afeto amor, o assassinato, compreendido como uma ação relacionada ao desejo de destruição do outro, e contrária a qualquer compreensão comum de uma ação amorosa. É justamente a demonstração de amor paterno, sentimento socialmente compreendido como um dos elos mais fortes que podem ser estabelecidos entre os seres humanos. Neste sentido, faz –se necessário compreender como se organiza o amor paternal apresentado no conto. Esse ato irracional, desmedido de início, pode ser interpretado pelo fato da deficiência do

menino estar atrelada à incapacidade de realizar seu sonho, “só tinha uma perna e um braço” (p.46).

Para o pai, matar foi uma conduta de amor diante da condição do filho em não poder ir à guerra, dessa forma, era necessário que o pai trouxesse a guerra para o filho, e a bomba foi construída com o objetivo de mostrar-lhe a realidade da guerra, antes que ele morresse, “[...] era necessário que fosse emitido um feixe de luz radiante que fizesse a vítima perceber a iminência da explosão (p.45). Conforme Bourdieu (2012, p. 46), “[...] os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim ser vistas como naturais”; e este é o cerne do imaginário paterno, a naturalidade com que compreende a incapacidade do filho. Para o ex-soldado, assassinar o filho foi a forma que encontrou de livrá-lo de um futuro de privações pela deficiência. Matá-lo foi libertá-lo das amarras da discriminação.

Ambos os contos apresentam a exclusão da PcD com a morte. A associação da deficiência à ausência de valor no mundo capitalista apresenta-se no primeiro texto, e à inutilidade funcional, no segundo. Nos dois contos, a deficiência é representada como aquilo que causa desconforto, aquilo que é infenso certa harmonia, à certa visão de um todo que possui valor e utilidade.

Nos contos em questão, não há a associação da deficiência a uma falha de caráter do deficiente, como é recorrente em muitas outras obras literárias, mas o autor estabelece uma profunda crítica social que perpassa essa e outras representações da deficiência, que dialoga com o imaginário historicamente constituído, que prefere ocultar (e, por vezes, eliminar) aqueles sujeitos que se apresentem em desconformidade com o normal, os diferentes, com aspecto monstruoso, ou os degradados.

As chocantes histórias parecem desejar levar um leitor ideal ao seguinte questionamento: se o deficiente não possui valor social, por que não matá-lo? Em outras palavras, os contos, por meio das situações grotescas e abjetas que figuram, desnudam a condição de *homo sacer* dos personagens com deficiência e cruamente elevam a ausência de valor dado a essas, a consequência final é a destruição, a morte. Assim, os contos de Rubem Fonseca não estão localizados unicamente na demonstração de crueldade cometida com personagens com deficiência, mas, sobretudo, em uma contundente crítica à discriminação ainda existente na sociedade, embora, hoje, mais velada.

### 3.2. SEGUNDA MODALIDADE: A REPRESENTAÇÃO DA DEFICIÊNCIA DE FORMA POSITIVA NA LITERATURA

A literatura propicia o encantamento, reflexões e a representação de experiências que ponderam os diferentes imaginários sociais e, ao mesmo tempo em que cativam leitores, também dizem muito sobre a sociedade em que vivemos. Na produção literária, há também obras que procuram, mais deliberadamente, abordar temáticas com a intenção de causar um efeito de sentido no leitor, propor contextos de valores, respeito, coragem, determinação, sabedoria, fraternidade, superação etc.

Nessa perspectiva, quanto à representação da deficiência, é possível localizar obras que apresentam protagonistas com limitações decorrentes dela, porém, constroem enredos que visam demonstrar que essas impossibilidades são superadas por outras potencialidades e/ou traços positivos do caráter dos personagens. Neste sentido, a segunda modalidade aborda uma temática bem sugestiva para a contemporaneidade, pautada na aceitação, no respeito e na igualdade social com aqueles que, em determinados períodos, foram vistos com indiferença, com desrespeito, tratados como “defeituosos”, “incapazes”, indignos de conviver com seus pares.

Ademais, a busca por essas representações positivas de personagens com deficiência aumenta seu espaço no meio literário, quando políticas públicas incentivaram a produção dessas obras, sobretudo, pela compra de exemplares para a distribuição em instituições de ensino. Diante desse novo mercado, editoras começaram a publicar livros em que histórias de superação e valorização das diferenças eram o foco central do enredo.

A implementação de tais políticas e a decorrente constituição de um mercado editorial possibilitaram a conquista de um espaço literário pelos personagens com deficiência, agora representados de maneira a desmistificar preconceitos sobre suas limitações ou condições, com narrativas que buscam promover o respeito e a valorização daqueles que, por muito tempo, foram ignorados.

Sobre isso, Silveira *et al* (2012) assinalam:

Nessa produção cultural, que vem preencher uma demanda específica por parte de professores, órgãos educacionais, instituições de formação de professores etc., insere-se a literatura para criança adolescente – os principais alvos da educação escolar. Por outro lado, como já foi comentado, o segmento editorial da literatura para a infância costuma dar pronta resposta às demandas das instituições pedagógicas. Assim, a articulação entre a

popularização do discurso e das políticas de inclusão nos últimos anos, bem como a “herança” de uma vocação pedagógica por parte de literatura infantil, provocarão significativos impactos na produção de obras infantis cujo principal tema narrativo seja a diferença- em especial, a deficiência, quase sempre conjugada com políticas de inclusão ou respeito a diversidade (p. 62).

Sob esse cenário, obras de cunho mais pedagógico visaram inserir o “tema deficiência” com vistas a atender as metas de políticas públicas de inclusão, constituindo um novo espaço de representação. Tais obras não só inserem os personagens com deficiência, mas demonstram os problemas que eles diariamente enfrentam pela sua condição. Por outro lado, esses protagonistas também revelam suas potencialidades, sua inteligência e suas habilidades, apresentando o outro lado da deficiência, outrora ignorado. Por exemplo, há pouco tempo, as pessoas começaram a compreender a capacidade das PcD em praticar esportes como jogar basquete, modalidade na qual utilizam uma cadeira de rodas desenvolvida especialmente para esse fim, demonstrando um excelente desempenho físico nas movimentações realizadas em quadra. Neste sentido, através de representações positivas, as PcD mostram, nas narrativas, que as limitações existem, mas podem ser superadas.

Assim, por meio da apresentação da diversidade de forma significativa, tais obras vislumbram promover a inclusão social daqueles que, por séculos, não tiveram o merecido respeito à vida e elas visam orientar, minimizar e excluir, definitivamente, atitudes preconceituosas. Ademais, estas narrativas apresentam personagens, mostrando seus conflitos internos, isto é, evidenciando o que preconceito social representa na vida psicológica dessas pessoas.

Desse modo, se, no capítulo anterior, partilhamos conflitos narrativos em que os protagonistas com deficiência foram penalizados pela sua condição, neste, centramo-nos numa outra percepção, na qual o “coitadinho”, o “indefeso”, “o excluído” torna-se sujeito de sua história, como também estabelecem relações de identificação entre as PcD e as pessoas sem deficiência, buscando valorizar a convivência e promover a necessária consciência sobre a imprescindibilidade da equidade de direitos.

Entretanto, um último ponto que cabe destacar, não como crítica, mas como percepção do viés sobre o qual muitas dessas obras são constituídas, são certos lugares comuns: a) conflito narrativo que se desenvolve sobre uma dificuldade decorrente da deficiência que será superada por outros valores ou habilidades no final

da narrativa; b) uma visão maniqueísta positiva da deficiência, na qual o personagem com tal condição, agora, é sempre o personagem bom; c) certa ideia de superação pessoal, isto é, um foco no mérito individual na superação dos obstáculos, o que, por vezes, pode deixar em segundo plano uma crítica mais contundente ao papel da sociedade e do estado na promoção da igualdade. Na sequência, apresentaremos os escritores selecionados que abordam a temática da deficiência de forma positiva em suas obras.

### 3.2.1. Vida e obras de Júlio Emílio Braz e Franz-Joseph Huainigg

Júlio Emílio Braz nasceu em abril de 1959, na cidade de Manhumirim - MG. Aos cinco anos de idade, mudou-se para o Rio de Janeiro. Em entrevista para Revista *Avessa*, em 2014, Braz explicou como foi seu primeiro contato e o gosto pela leitura “A curiosidade pela leitura foi despertada pelos jornais que a mãe usava como papel de parede, tapando os buracos para evitar que o vento frio da noite entrasse” (REVISTA AVESSA, 2014).

Ele iniciou sua carreira escrevendo roteiros para histórias em quadrinhos. Essas obras foram publicadas em pequenas editoras brasileiras, posteriormente, em Portugal, Bélgica, França, Cuba e EUA, totalizando mais de cem obras publicadas nesse gênero. Sua carreira literária teve início com o livro *Saiguairu*, em 1988, pelo qual ganhou o prêmio Jabuti como autor revelação. Naquela época, também escreveu roteiros para o programa *Os Trapalhões*, TV Globo, além de algumas “mininovelas” (REVISTA AVESSA, 2014). O escritor, atualmente, tem mais de cem livros publicados para crianças e adolescentes, dos quais podemos destacar *Felicidade tem cor* (1994), *Pretinha eu?* (1997), *Uma pequena História de Natal* (1999), *Anjos no aquário* (2003), *Corruptos* (2003) e *Lendas da África* (2005).

O autor ainda recebeu prêmios pela obra *Crianças na escuridão* (2003), como: *Austrian Children Book Award*, na Áustria, pela versão em alemão *Kindre im Dunkeln*; e *Blue Cobra Award* pelo *Swiss Institute for Children's Book*. Júlio Emílio Braz retrata, em suas obras, problemas sociais, principalmente relacionados a crianças e adolescentes, sobretudo, temáticas relacionadas à miséria, à sexualidade, ao preconceito racial, à violência, etc. (SANTOS, 2015). As obras literárias de Júlio Emílio Braz também são objetos de estudo da crítica literária. Em uma busca pelo catálogo da CAPES, podemos verificar estudos relacionados ao autor: a) A educação para as

relações étnico raciais e o ensino de literatura no Ensino Médio: Diálogos e Silêncios, (MOREIRA, 2014), tese que apresenta a inserção da literatura afro-brasileira no espaço de sala de aula com o intuito de conscientização sobre questões raciais; b) Literatura afro-brasileira e identidades: Proposta de sequência didática para o Ensino Fundamental II (SANTOS, 2015), dissertação que visa, a partir da Lei nº 10.639/2003, analisar a Literatura Afro-brasileira como ferramenta contra as diferenças étnico-raciais, as práticas de racismo e a segregação no ambiente escolar e apresentar uma proposta didática de mediação de leitura da obra *Pretinha, eu?*, de Júlio Emílio Braz (2008).

Quanto ao autor da segunda obra selecionada, *Nós, os cegos, enxergamos longe* (2005), ela foi escrita por Franz-Joseph Huainigg. O austríaco nasceu em 16 de junho de 1966, em Paternion, e, aos sete meses de idade, ficou paraplégico, atualmente necessitando de cadeira de rodas elétrica para locomover-se. Na década de 90, iniciou seus estudos na Universidade de Klagenfurt. Em uma reportagem para um blog, ele mesmo relatou passagens de sua vida, principalmente as dificuldades relacionadas à falta de acessibilidade ou de cuidado dos outros com as necessidades específicas associadas à doença. Sobre o período na universidade, por exemplo, Huainigg comentou que: “havia um elevador e até um banheiro para deficientes, que estava sempre totalmente estacionado com um carrinho de limpeza” (HUAINIGG, 2013).

Sua carreira como escritor teve início com a obra *Meus pés são a cadeira de rodas* (1998), que retrata o sentimento de integração, disseminando que a deficiência não é um problema, mas que é preciso que haja uma mudança de paradigmas que desvincule a deficiência da compaixão e da esmola, bem como promova a inclusão e a igualdade.

No ano de 2007, Huainigg lançou o Prémio Austríaco de Literatura *Ohrenschmaus* para pessoas com dificuldades de aprendizagem, o qual continua a ser realizado anualmente no país. A partir dessa proposta, em 2017, Huainigg fundou o clube *Ohrenschmaus*, do qual é o atual presidente, e por meio do qual continua organizando a promoção da literatura das PcD. Outra ação do autor que cabe destacar é a criação de um sítio na internet que visa à conscientização política: “Em 2013, juntamente com muitos parceiros, iniciei a plataforma de internet *www.rechtleicht.at*, que fornece acesso à política em uma linguagem fácil de entender” (HUAINIGG, 2013).



O austríaco também foi membro do Parlamento do Conselho Nacional, atuando como porta-voz das PcD, assim como, de 2013 a 2017, foi porta voz da Cooperação Internacional – EZA, e, em 2018, começou a fazer parte de Conselho Consultivo - Educação Especial e Inclusão Escolar no MEC, órgão consultivo do Ministro Federal, atuando como voluntário. Atualmente, desde janeiro de 2019, faz parte do departamento ORF - Humanitarian Broadcasting.

Como autor, escreveu mais de vinte e cinco livros, a maioria para crianças, entre os quais podemos destacar a coleção *Igualdade na diferença*, composto pelas seguintes obras: *Meus Pés são a Cadeira de Rodas* (1998), *Nós, os cegos, enxergamos Longe* (2006), *Juntos somos Ótimos* (2007) e *Você pertence a nossa Família* (2009). Com isso, percebemos que o escritor é autor de obras engajadas, abordando temáticas que visam à inserção de personagens com deficiência na sociedade, apontando as potencialidades dessas pessoas através dos personagens e demonstrando como é possível superar barreiras. Em síntese, suas obras proporcionam reflexões a respeito das deficiências.

Quanto às pesquisas relacionadas ao autor, não foram encontrados registros no catálogo da Capes nem artigos científicos em português ou espanhol. Tratando-se de um escritor austríaco, é provável que sejam raras as análises acadêmicas de suas obras nas línguas pesquisadas.

Na próxima seção, vamos apresentar as obras escritas por esses escritores contemporâneos que demonstram uma visão positiva da deficiência no contexto literário.

### **3. 2.2. A presença de personagens com deficiência nas obras: *O muro* e *Nós, os cegos, enxergamos longe***

Neste capítulo, analisamos a segunda modalidade de representação da deficiência, em particular, obras em que tal representação visa à mobilização da consciência social e individual sobre as diferenças existentes na sociedade, além da promoção da ideia de superação das dificuldades advindas da deficiência. As obras selecionadas para análise são *O muro* (2003) de Júlio Emílio Braz e *Nós, os cegos, enxergamos longe* (2006) de Franz-Joseph Huainigg.

*O muro* (2003) narra a história de um menino de sete anos cadeirante. O garoto

vive em uma casa murada, cujo muro, no enredo, representa os limites da vida do menino, que tem uma grande vontade de saber como é o mundo além desse muro, vivendo a sonhar com as novidades que veria ao ultrapassar aquela barreira de tijolos. Porém, por ser cadeirante, enxergava impossibilitado de atravessar esse limite, e seu mundo restringia-se à casa, ao quintal e à janela, da qual via as crianças sem deficiência, brincando na rua.

A vontade de conhecer o outro lado do muro só aumentava e sua angústia crescia quando observava outros garotos jogando futebol na lama ou andando de bicicleta na frente do portão da sua casa. A situação tornava-se ainda pior quando as pessoas demonstravam sentir pena dele e tentavam consolá-lo pela deficiência física.

Certo dia, o menino tomou uma decisão: não tinha nada a perder. Ele passou para o outro lado do muro e foi em direção ao terreno baldio, onde os meninos costumavam jogar futebol. Ao chegar, ofereceu-se para jogar, a princípio ficou de lado com medo de aproximar-se dos outros meninos. Ficou só observando a bola rolar, desejando poder participar da brincadeira. Virou o gandula, no começo atrapalhou-se um pouco com a cadeira de rodas, mas, em pouco tempo, tornou-se o mais ágil gandula do terreno baldio, ganhando o respeito dos outros meninos que até o aplaudiam pela rapidez em pegar a bola. O outro sonho do personagem era andar de bicicleta, sonho impossível na narrativa. O pai do menino, para tentar resolver a situação, colocou um motorzinho na cadeira de roda para que ele conseguisse locomover-se como mais velocidade.

Na vida além do muro, o menino também se deparou com grandes dificuldades, tais como atravessar a rua, subir calçadas, ser derrubado por uma bolada, ser roubado etc.; entretanto, mesmo com todas as dificuldades, o garoto sentia-se livre e feliz, pois não existiam mais “muros” à sua frente, ou melhor, eles apareciam diariamente, mas se transformaram em fascinantes desafios a serem superados, e a vontade do menino era ir sempre além.

Quanto à perspectiva narrativa, a história é contada pelo próprio menino. Sem nome, esse narrador autodiegético apresenta inicialmente anseios, medos e o desejo de libertar-se dos limites que o mundo (ou ele mesmo) impunha-lhe.

Havia o muro e durante muito tempo só houve o muro entre mim e o mundo, impedindo-me de vê-lo, de conhecê-lo, enchendo minha cabeça de idéias e possibilidades. E com apenas uma única e sedutora pergunta: Como é que é o mundo? (BRAZ, 2005, p. 6).

Em relação ao espaço, as cenas, a princípio, acontecem na casa do menino, “odiava as janelas que davam para os mais sensacionais jogos de futebol na lama” (BRAZ, 2005, p. 14). Posteriormente, as ações passam a ser na rua e em um terreno baldio perto da casa dele, “[...] logo, logo descobri um atalho para ir ao morro onde os meninos que jogavam bola no terreno baldio perto da casa iam soltar pipa” (p. 21).

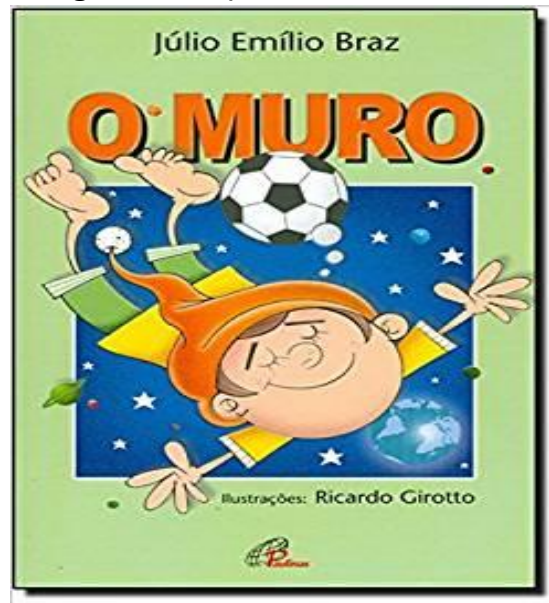
Quanto ao tempo, as ações são dispostas cronologicamente e a narrativa divide-se em dois momentos: antes e depois de cruzar o muro. Ao lado das ações, intercalam-se, na narrativa, digressões e reflexões do personagem sobre os acontecimentos, seus desejos, suas ações e sobre as reações das outras pessoas, “poxa, sonhava e, ao mesmo tempo tinha medo de ultrapassar os limites daquela formidável, mas pequena, barreira de tijolos” (p. 9); “[...] atravesssei o portão que levava ao outro lado do muro, rumei para o terreno baldio e me permiti participar do jogo” (p. 19).

Em relação aos personagens, apenas o menino apresenta grande atuação no enredo, os demais personagens, que surgem episodicamente, são o pai e os meninos que jogam futebol. O garoto tem sete anos de idade e é representado como um menino muito esperto e cheio de expectativa de vida, que prefere não ser tratado como um “coitadinho” por ter deficiência física.

Muitas pessoas costumavam perceber aquela pontinha de desapontamento e faziam o que há de pior para nós, jovens sonhadores na cadeira de rodas. Sentiam pena. Tentavam me consolar. Tinham suas próprias idéias para eu vencer tais limitações, para ultrapassar os limites físicos do muro. Traziam papel e caneta. É, eu podia escrever sobre o mundo além do muro. É, eu podia... (BRAZ, 2005, p. 12).

Em relação às ilustrações, o menino, às vezes, é representado flutuando em meio a estrelas e planetas, ora imaginando como seria andar de bicicleta, soltar pipas, brincar, etc.; ora aparece sentado na cadeira de rodas, pensando. O ilustrador Ricardo Giroto utiliza apenas quatro cores para compor as ilustrações da obra: verde-escuro, branco, cinza e preto. Na ilustração da capa, vemos a utilização de mais cores, também podemos destacar a imagem do menino imaginando uma bola de futebol nas cores preta e branca (Figura 6).

**Figura 6** -Capa da obra *O muro*



**Fonte:** <https://www.amazon.com.br/Muro-Cole%C3%A7%C3%A3o-Magia-Das-Letras/dp/8535609725>

A outra obra selecionada para este estudo, *Nós, os cegos, enxergamos longe* (2006), de Franz-Joseph Huainigg, narra a história de uma menina, Catarina, que se perdeu de seus pais em uma loja. Matias, um rapaz cego, escutou-a chorar e ofereceu-se para ajudá-la. A garota, observando que ele possuía uma faixa amarela no braço (que significa que ele não enxerga), agradeceu dizendo que ele não poderia ajudá-la. Matias, entretanto, afirmou que, mesmo cego, foi capaz de ouvi-la, ao contrário de muitas outras pessoas que passaram por ela e não a viram, e diz que, junto com seu cão-guia Cindy, vai ajudá-la a encontrar os pais. A menina segura no arco da cadela e eles saem à procura dos pais.

Naquele sábado, a cidade estava muito movimentada, era época de liquidação de inverno. No caminho, Catarina levantou questionamentos sobre o motivo de Matias ser cego, considerando essa condição ruim, pois, não podendo enxergar, nada podia fazer. Matias respondeu que a cegueira era de nascença e que ela estava equivocada sobre ser cego. Por exemplo, Matias perguntou se ela reparou que tinha um corvo em cima da árvore? Complementou que gostava muito de ir ao cinema, só não gostava quando não diziam nada na cena. Com isso, a menina percebeu que Matias enxergava tudo, mas de uma outra forma, com os ouvidos podia enxergar e com as mãos era capaz de sentir.

Ao chegar em uma feira, Matias apertou alguns legumes e frutas, assim poderia saber se estavam maduros. Ele comprou maçãs para comerem. Quando estavam

sentados saboreando as frutas, Catarina perguntou como sabia que tinha dado o valor certo na compra, Matias explicou que cada nota tem um tamanho diferente, assim como as moedas, por isso, conseguia identificá-las.

As lojas estavam prestes a fechar, mas ainda não tinham encontrado os pais de Catarina. Matias ouviu barulho das chaves e consultou seu relógio de pulso, com as mãos, sentiu os ponteiros, já eram seis horas. Então, achou melhor ir até a policial. Foram a um cybercafé para pedir informações onde ficava o posto policial, o que gerou curiosidade em Catarina, levando-a a questionar como Matias conseguia navegar na internet, o rapaz tirou o laptop da mochila para mostrar a menina que existem computadores para pessoas cegas. Catarina ficou impressionada com o computador que lê em voz alta, como também admirou-se que Matias podia ler com os dedos.

No posto policial, Catarina explicou que estava perdida. A policial que os atendeu ficou aliviada e comentou que procurou por ela por todas as partes, e avisou que seus pais também a estavam procurando. A policial levou Catarina para casa e Matias foi junto, já que Catarina insistiu que ele conhecesse os pais dela. Ao chegar à casa, depois de emocionarem-se pelo reencontro, Catarina disse que precisava contar tudo o que descobriu com seu novo amigo aos seus pais.

Quanto à perspectiva narrativa, o narrador é heterodiegético, sabe todos os acontecimentos, “naquele sábado, muitas pessoas foram ao centro da cidade para aproveitar a liquidação de inverno” (HUAINIGG, 2006, p. 1), entretanto, não entra na dimensão psicológica dos personagens, nem revela seus pensamentos. O espaço representado é o centro da cidade, um espaço repleto de lojas e com muitas pessoas circulando, “era dia de liquidação de roupas e calçados na cidade” (HUAINIGG, 2006, p. 1). O tempo, por sua vez, transcorre cronologicamente, iniciando no momento em que a menina perdeu-se de seus pais, “eu me perdi de meus pais! Gritou Catarina” (p. 3), até o reencontro, – “Catarina! Onde você estava? De repente você sumiu! Procuramos você durante horas – disseram eles abraçando a filha” (p. 28).

Em relação aos personagens, a narrativa é centrada em Catarina, Matias e a cão-guia Cindy, os demais personagens apenas têm pequena atuação no enredo. Matias é representado como um homem generoso e preocupado com o próximo, pois ajuda a menina, sem conhecê-la. Também podemos depreender da narrativa que Matias possui uma excelente compreensão sobre a deficiência, as limitações, o desenvolvimento superior dos outros sentidos e as possibilidades advindas das

tecnologias inclusivas. Catarina, por sua vez, é representada como uma menina inteligente, curiosa e educada, disposta a aceitar a ajuda de uma PcD e aprender sobre o mundo de Matias. Já a cão-guia Cindy é descrita como uma cadela bem treinada, dócil e comportada.

A seguir, apresentamos as análises individuais de cada obra e suas particularidades.

### **3.2.3 Um olhar de superação na literatura contemporânea**

Podemos afirmar que as obras destacadas pertencem a uma vertente da literatura contemporânea que, visivelmente, propõe-se a cumprir uma função inclusiva, mobilizadora e pedagógica, que pretende informar, conscientizar e promover medidas que minimizem as barreiras da exclusão. Tal literatura, neste sentido, coloca-se como mediadora das práticas inclusivas através de narrativas que destacam o respeito à diversidade e a superação individual dos obstáculos enfrentados pelos protagonistas com deficiência. O surgimento dessa categoria de obras literárias pode ser associado a diferentes políticas públicas de inclusão, tais como a aquisição de obras literárias para as bibliotecas das escolas e colégios, a inserção de PcD no ambiente escolar, a reserva de vagas de emprego a PcD, entre outras.

No âmbito do ensino, a divisão anterior entre ensino regular para os alunos considerados “normais” e o ensino especializado para os alunos com deficiência começou a ser superada a partir da CF de 1988 que, no artigo 208, inciso III, dispõe ser dever do Estado, com a educação, o atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino (BRASIL, 1988). Ademais, tal medida também visou corrigir um problema de formação educacional, pois as escolas de educação especial, centros, associações beneficentes, clínicas, entre outras, conforme Mazzotta (2001, p. 183) ofertavam atendimento especializado que não se concretizava como educacional ou escolar, isto é, não representava uma formação em algum nível educacional, como na modalidade do ensino regular.

Mesmo inseridos gradativamente no ambiente educacional, os PcD continuavam a ser vítimas de preconceito e de segregação, assim como em outras dimensões da sociedade, para, em certo sentido, corrigir essa situação, tais obras

literárias objetivaram, através da ficção, promover uma inclusão mais real e efetiva, tentando contribuir significativamente para que ocorra a aceitação e o respeito às diferenças.

Diante disso, percebemos que a segunda modalidade pode ser associada a práticas que visam promover ações inclusivas, por meio das quais as narrativas apresentam a deficiência como diferença a ser superada individualmente, aceita socialmente, construindo personagens com caráter positivo, estratégia composicional que visa atender mais facilmente o objetivo de promoção da inclusão. Os protagonistas PcD dessas narrativas, desse modo, apresentam qualidades morais e intelectuais positivas, tais como coragem, sagacidade, humildade, perseverança, resiliência, sinceridade, fraternidade etc.

A obra *O Muro* (2003), de Júlio Emílio Braz, tem como personagem principal um menino cadeirante ao qual não é atribuído nome. A narrativa tematiza a dificuldade decorrente da deficiência física do garoto, impossibilitado de conhecer o mundo exterior devido à sua deficiência, “minha cadeira de rodas. Meu limite!” (BRAZ, 2003, p. 12). Assim, na construção imagética da obra, a cadeira de rodas representa, inicialmente, um obstáculo à realização das atividades que o menino gostaria de fazer. A superação dessas dificuldades, por sua vez, é representada pela imagem do muro, um limite entre o mundo possível e o mundo imaginado.

Havia o muro e durante muito tempo só houve o muro entre mim e o mundo, impedindo-me de vê-lo, de conhecê-lo, enchendo minha cabeça de idéias e possibilidades. E com apenas uma única e sedutora pergunta: *Como é que é o mundo?* (BRAZ, 2003, p. 6).

Desfrutar das experiências do lado de fora, na narrativa, participa do desejo de ser livre como as outras crianças de sua idade. Ele queria apenas brincar com os demais garotos, mas, ao mesmo tempo, tinha receio dos obstáculos que poderia enfrentar no mundo exterior.

Ah, naquele tempo eu imaginava grandioso demais, como encantos indescritíveis e dias sempre cheios de novidades e grandes imensidões de sonhos intermináveis. Puxa, sonhava e, ao mesmo tempo, tinha medo de ultrapassar os limites daquela formidável, mas pequena barreira de tijolos esverdeados, coberta por trepadeiras. E se não fosse como eu imaginava? - Pior, e se fosse muito além? Como lidar com tamanha ansiedade e temor? (p.9).

O conflito narrativo, assim, gira em torno de “uma barreira a ser superada”. Por

conta da deficiência física, o menino sentia-se impedido de passar para o outro lado, “ [...] olhava para mim mesmo e me deixava abater pela realidade mais cruel que podia me destroçar também aos sete anos” (p. 11). A todo momento, o leitor é familiarizado com um crescente desejo de frustração frente a sua condição, que necessita de um esforço pessoal do menino, que se transformará em superação.

Eu queria a travessia concreta, a fuga completa, a jornada interminável. Na verdade, eu não queria vencer os limites do muro, mas a prisão infeliz de minhas pernas mortas. Odiava as janelas que davam para o terreno baldio ao lado da nossa casa, pois elas se abriam para pernas ágeis e para os mais sensacionais jogos de futebol na lama (BRAZ, 2003, p. 14).

Desse modo, a “barreira de concreto” é colocada como obstáculo que o próprio menino necessita vencer, isto é, as dificuldades são representadas como temores pessoais que precisam ser superados para a realização do sonho de conhecer o outro lado. A deficiência, em um primeiro momento, é retratada como um empecilho para ele, dificuldade que será superada por outras características que são representadas na composição do personagem e vão surgindo no decorrer da narrativa: agilidade, colaboração, perseverança, inteligência etc.

A insegurança de ultrapassar o muro também é representada como receio sobre como os outros iriam recebê-lo, sobretudo, pela aversão do menino ao sentimento de pena, sempre manifestado quando as pessoas sem deficiência encontravam-se com ele e tentavam confortá-lo por ser cadeirante, como se isso fosse ajudá-lo. Nesse ponto, é representada, na narrativa, a incompreensão das pessoas sobre a forma de tratar as PcD.

Muitas pessoas costumavam perceber aquela pontinha de desapontamento e faziam o que há de pior para nós jovens sonhadores na cadeira de rodas. Sentiam pena. Tentavam me consolar. Tinham suas próprias idéias para vencer tais limitações, para ultrapassar os limites físicos do muro. Traziam papel e caneta. É, eu podia escrever sobre o mundo além do muro. É, eu podia...  
*...mas não queria!* (p.12).

Correlacionada à forma como as pessoas sem deficiência veem-no, é colocada a imaginação do menino ao desejar experiências que ele não podia realizar.

Pior do que os limites físicos de minhas pernas mortas ou a cadeira de rodas, só aqueles que haviam construído em que comecei a sentir pena de mim, a me entregar mais aos sonhos delirantes de uma realidade improvável - correr, andar, todas aquelas coisas que não podia fazer com as minhas próprias



pernas [...] (BRAZ, 2003, p.17).

Nesse ponto, a narrativa pode ser interpretada como a interiorização, por parte do menino, de um imaginário de inferioridade socialmente construído e reproduzido pelas pessoas que convivem com ele, isto é, o autorreconhecimento de sua condição é dado pelo olhar do outro, que é orientado por preconceitos envolvidos de piedade. Aqui, a narrativa mantém a intenção maniqueísta de construir um personagem positivo, pois, mesmo manifestando interiormente a frustração, em momento algum, o garoto é agressivo ou desrespeitoso com as pessoas com as quais convive, ao contrário, diante das diversidades, características socialmente positivas de seu caráter são destacadas, como a religiosidade.

Eu não chorava. Não, nunca chorei. Preferia olhar para o céu. Dizia-se que Deus estava em algum lugar lá em cima, e eu ficava me perguntando, e perguntando a ele, se havia alguma razão para eu não fazer parte de toda aquela alegria e felicidade. Bem se havia ele jamais me disse (BRAZ, 2003, p.15).

Essa forma de construção também é bem percebida no momento em que, depois de cruzar o muro, o garoto vai até o terreno baldio para jogar futebol com os demais meninos, “[...] está certo que eu jamais entrei no campo para jogar. O queria realmente era participar, e isso eu já tinha conseguido” (p. 20). Entretanto, é o arco narrativo do jogo de futebol que permite entrever um dos pontos mais questionáveis da obra. O primeiro movimento desse arco é a decisão do menino em ultrapassar a barreira representada pelo muro, “havia uma realidade que poderia ser interessante me esperando do outro lado do muro. Qual? Eu não sabia. A única coisa que sabia com certeza era que cabia a mim ir atrás dela. E fui. O que eu tinha a perder? ” (p. 17). Tal decisão na narrativa é pontuada como uma superação pessoal, uma determinação individual de ir além dos seus limites. Posteriormente, no campo, é expresso o desejo do garoto de participar do jogo.

Naquele dia, do meu jeito e a meu modo, resolvi me dar o direito de ir além. Atravessei o portão que levava ao outro lado do muro, rumei para o terreno baldio e me permiti participar do jogo. Aliás, me ofereci para tanto. Tudo bem que no início fiquei de lado, observando de longe, mas aquela bola girando no ar era irresistível. Eu simplesmente precisava tocá-la. De algum jeito iria tocá-la... e toquei! (BRAZ, 2003, p.18-19).

Como podemos observar, o dilema da deficiência é posto sob uma perspectiva

de superação individual, de vencer o medo e a insegurança para conhecer o novo. Ademais, no momento em que o protagonista ofereceu-se para brincar com os outros meninos, a sua participação no jogo ocorre de forma colaborativa, como gandula.

Em pouco mais de alguns minutos me transformei no mais ágil gandula do terreno baldio. No princípio, eu me atralhei com os buracos, a cadeira de rodas balançava feito louca, sempre dando a impressão de que iria tombar para lá ou para cá a qualquer momento (BRAZ, 2003, p. 20).

Em outros termos, podemos afirmar que o protagonista é integrado ao grupo de jogadores, porém não incluso, uma vez que participa, tendo um papel secundário, buscando a bola para os outros jogadores. Sobre o conceito de integração, na obra *Mídia e Deficiência* (2003, p. 19), observa que

A integração nos induz a acreditar que podemos escolher quais seres humanos têm direito a estar nas escolas, nos parques de diversões, nas igrejas, nos ambientes de trabalho, em todos os lugares. É praticado há décadas mas, desde os anos 80, começou a ser questionado pelo então emergente movimento internacional das organizações de pessoas com deficiência. Este movimento denunciou a injustiça do modelo integrativo, que só aceitava inserir na sociedade as pessoas com deficiência que fossem consideradas prontas – ou quase prontas – para conviver nos sistemas sociais gerais. Prontas no sentido de aptas para aprender, trabalhar, se expressar, se locomover mais ou menos bem pelas ruas das cidades. E caso não estivessem prontas? Que se esforçassem para esta... Num contexto integrativo, o máximo feito pela sociedade para colaborar com as pessoas com deficiência neste processo de inserção seriam pequenos ajustes como adaptar uma calçada, um banheiro ou até receber uma criança com deficiência mental na sala de aula, mas só se ela pudesse “acompanhar a turma”. Como raramente crianças com deficiência mental podem ter o mesmo ritmo de aprendizagem dos alunos sem deficiência mental, era certo que em breve, no máximo em dois ou três anos, aquele aluno seria sumariamente devolvido para a família.

Quanto à inclusão, a obra *Mídia e Deficiência* (2003, p. 19) destaca que é ela que nos orienta para novas direções, novas posturas:

Nele, nossas decisões são guiadas pela certeza de que o direito de escolher seres humanos é filosoficamente ilegítimo, além de ser anticonstitucional. Uma sociedade inclusiva tem compromisso com as minorias e não apenas com as pessoas com deficiência. Tem compromisso com elas e com sua diversidade e se auto-exige transformações intrínsecas. É um movimento com características políticas. Como filosofia, incluir é a crença de que todos têm direito de participar ativamente da sociedade. Como ideologia, a inclusão vem para quebrar barreiras cristalizadas em torno de grupos estigmatizados. A inclusão é para todos porque somos diferentes.

Considerando ainda a obra, a representação da participação do menino no jogo

não é um movimento de inclusão, ele apenas é integrado em uma posição subalterna. Entretanto, tal condição é narrada como uma experiência nova e deslumbrante para o garoto. Para o personagem, como é possível verificar em trechos da obra, não havia importância a respeito da posição que ocupava, interagir com os demais garotos já representava uma vitória, uma superação da condição anterior, na qual somente observava os garotos da janela de sua casa.

Essa “vitória” do garoto também é descrita como uma forma de superação pessoal. A narrativa, intencionalmente, enaltece as potencialidades individuais do menino e ele mesmo enfatiza, “[...] depois de algum tempo, encontrei um jeito, descobri uma forma mais rápida e menos perigosa de ir e vir atrás da bola, preocupando-me em devolvê-la bem depressa para que a magia do jogo não se extinguisse” (p. 20).

Nesse ponto, também observamos a intenção do menino em mostrar eficiência perante os outros jogadores, isto é, manifestar a capacidade de ser igual a eles. Mesmo condicionado a uma cadeira de rodas, devolver rapidamente a bola significava um mérito pessoal que o aproximava dos demais. Em outras palavras, o enredo valoriza um personagem com deficiência que demonstra, por mérito pessoal, a capacidade de superar as dificuldades, devido as suas qualidades individuais como eficiência, habilidade, inteligência, esperteza etc., esforço pessoal, representado como o meio de ser socialmente reconhecido pelo grupo e positivamente julgado.

Dessa forma, é evidente, na obra, um discurso de mérito que pode afastar da discussão um problema muito mais grave, a ausência de políticas públicas que garantam a acessibilidade das PcD às diferentes esferas de atuação social. Além disso, o imaginário do mérito responsabiliza o próprio deficiente por sua condição de exclusão social, visto que se integrar seria apenas um movimento da vontade e determinação individual.

Igualmente, a obra também, diante da impossibilidade de andar, correr e pular do personagem, subalterniza a sua participação social e ainda destaca a conformidade e satisfação do personagem em apenas integrar-se a partir das suas possibilidades de superação.

Está certo que jamais entrei no campo para jogar. O que queria realmente era participar, e isso já tinha conseguido é até consegui ir mais além quando, numa certa manhã, apareci com um lápis e um monte de folhas de papel e comecei a desenhá-los: o jogo, os jogadores, mas principalmente, a bola (BRAZ, 2003, p. 20).

A obra, certamente, também pode ser interpretada como uma crítica à sociedade e um apelo à promoção da igualdade, aceitação da diferença e respeito às limitações. Ademais, pode ser interpretada como uma valorização das potencialidades das pessoas frente a uma sociedade que julga a deficiência como sinônimo de incapacidade absoluta<sup>3</sup>, assim como uma exaltação da capacidade de superação das limitações pelo esforço individual. Também podemos destacar a ênfase quanto ao sentimento de empatia pelo outro, uma vez que o menino cadeirante foi bem recebido pelos colegas e, em momento algum, são apresentados trechos em que os outros garotos não quisessem brincar com ele, por sua condição de cadeirante.

A narrativa também destaca a constante presença de dificuldades na vida de uma criança cadeirante e, inclusive, as ações de pessoas insensíveis a sua condição, mostrando como a deficiência representa uma luta diária diante de vários obstáculos, “[...] além do muro, claro havia perigos. Uma bolada me derrubou da cadeira. Roubaram minha pipa, quando eu voltava para casa. Peguei um resfriado depois de passar o dia inteiro desenhando debaixo de um guarda-chuva que o vento levou” (p. 22). Igualmente, a obra evidencia a questão da falta de acessibilidade, “atravessar a rua é um verdadeiro inferno. Subir calçadas também” (p. 22).

Além disso, também são visíveis os aspectos negativos aparentes do enredo, tais como os citados e outros como o entrelaçamento entre a ideia de respeito à deficiência relacionada ao desempenho individual, “[...] tornei-me acima de tudo, respeitado pelos outros meninos, que esperavam pela devolução da bola e muitas vezes, diante a minha agilidade em ir e vir com a cadeira, até aplaudiam” (p. 20); ou ainda a demonstração da superação individual *versus* viver acomodado, como se todas as dificuldades pudessem ser superadas, apenas pelo esforço individual do deficiente, “atravessar a rua é um verdadeiro inferno. Subir calçadas também. Mas ninguém disse que seria fácil, e me recuso a viver à mercê das facilidades e das comodidades de meu quarto ou de minha casa” (p. 22).

Tal exaltação ao esforço individual também se manifesta através de um discurso motivacional de superação que, quando mal interpretado, confunde

---

<sup>3</sup> Sobre essa questão, Peter Mittler (2003) destaca, em uma pesquisa realizada com pais de crianças com síndrome de Down (SD), algumas das percepções sociais da deficiência, inclusive expostas por profissionais da área da saúde: “Nosso pediatra nunca nos ofereceu nada de positivo sobre a situação. Ele praticamente nos disse que a criança não conseguirá realizar nada e que será uma sobrecarga pelo resto de nossas vidas (mãe de um bebê de 18 meses)” (p. 71).

igualdade formal e igualdade material<sup>4</sup>, “[...] a melhor parte da vida o desafio, a superação, o desejo de ir sempre mais além, aquilo que a torna tão fascinante” (p. 24). Em outros momentos, ainda vincula a ideia de autoestima frente à superação de obstáculos, discurso que também pode representar um ponto problemático, visto que a maioria dos obstáculos existentes na vida das PcD necessitam mais do que um esforço individual para a superação, “[...] a vida é um eterno desafio e não teria graça se fosse de outro jeito” (p. 22), “já não existem muros na minha frente. Ou melhor eles estão desaparecendo todos só dias” (p. 24).

Enfim, *O muro* (2003) é uma obra interessante que nos faz refletir sobre a vida de um cadeirante em meio a seus medos, anseios, receios e incertezas. As inseguranças, no enredo da obra, são superadas pela vontade de brincar com os outros garotos da sua rua. Embora seja uma apologia positiva de superação, é representada na obra apenas a integração do menino ao meio social, o que não significa incluir, isto é, participar ativamente de forma igual as demais pessoas, mesmo com as limitações que a pessoa possa possuir por conta de sua deficiência; quer dizer, participar de forma igualitária numa sociedade comprometida com a adaptação das condições materiais, culturais e sociais, a fim de possibilitar a todos uma participação equânime.

A segunda narrativa selecionada neste capítulo que apresenta as representações positivas da deficiência é *Nós os cegos, enxergamos longe* (2005)<sup>5</sup>. Nessa obra, o escritor teve a intenção de inserir o leitor à vida de uma pessoa cega. A estratégia narrativa utilizada para tal fim é um enredo construído em torno de dois personagens, Catarina, a menina que se perdeu de seus pais, e Matias, o gentil cego

---

<sup>4</sup> A igualdade formal prevê que todos tenham as mesmas condições perante a lei; já a igualdade material prevê a concretização da igualdade de condições, fazendo, assim, os ajustes necessários para que as condições sejam idênticas. Desse modo, se pensarmos nas PcD, comparadas as sem deficiência, há uma discrepância de condições, ou seja, para eles estarem em grau de igualdade é preciso fazer intervenções para que tenham as mesmas condições. Por exemplo, foi preciso ter a lei de cotas para PcDs chegarem nas universidades como as demais pessoas; outra situação é a lei de cotas nas empresas, que determina que, a cada 100 a 200 funcionários, 2% sejam de vagas reservadas para PcD, sendo que o não cumprimento das normas gera multa. Em outras palavras, caso não existisse esse pensamento de equiparação de direitos, as PcD não estariam atualmente nas universidades nem mesmo teriam acesso ao mercado de trabalho e a outros benefícios.

<sup>5</sup> Inicialmente, cabe destacar que os termos cego e cegueira referem-se a pessoas que não enxergam absolutamente nada, enquanto baixa visão é um termo utilizado para designar pessoas que possuem diferentes graus e problemas visuais. Segundo Rosseto, Lacono e Zanetti (2013, p. 75): “No quadro das deficiências visuais estão a cegueira e a baixa visão. A primeira pode ser caracterizada pela impossibilidade da pessoa em receber estímulos visuais, no sentido de poder utilizá-los nas tarefas do cotidiano. Já a segunda, refere-se a uma significativa perda de capacidade de ver, que exige algumas adaptações para que a pessoa possa utilizar seu resíduo visual para dar conta de algumas tarefas”. Na obra aqui estudada, o personagem é cego.

que não mede esforços para tentar ajudar a garotinha.

Como já destacamos, no início da narrativa, Matias é visto pela menina como incapaz de ajudá-la por ser cego, mas tal impressão é superada pela capacidade que ele tem de ouvir.

[...] posso ajudá-la a procurar seus por eles – disse o jovem. - Obrigada, mas, eu acho que você não pode me ajudar. Essa faixa amarrada em seu braço significa que você é cego. Como poderia então encontrar meus pais? - disse a menina. - Da mesma maneira que e encontrei você - respondeu o rapaz. - Hum, que estranho.... Ninguém me enxergou, só você observou Catarina. - As pessoas são realmente cegas – disse o jovem, rindo. - Mas você não passou despercebida por minha cadela e por mim (HUAINIGG, 2005, p. 03).

No intuito de produzir uma obra que esclareça ao leitor como é o mundo dos cegos, Huainigg (2005) inicia a relação entre a menina e o cego, com ela questionando o motivo da cegueira de Matias, o que ele responde: “[...] eu sou cego de nascença” (p. 7), o que permite inferir que Matias, desde pequeno, aprendeu a interagir no mundo por meio de seus outros sentidos. No decorrer da narrativa, apresentam-se constantemente atividades que, mesmo sem ver, Matias pode realizar, com o propósito de demonstrar que a deficiência pode ser um limitador, mas não um impeditivo das interações sociais, “[...] ah, brincar, por exemplo. Eu sempre brinco com meu pai de “Adivinhe o que eu estou vendo”” (p. 7). Nesse excerto, podemos perceber a intenção de demonstrar que as PcD podem participar, assim como as demais pessoas, das interações. No caso, Matias só precisa que adaptem a brincadeira para, assim, como as outras crianças, conseguir identificar objetos, pássaros, animais etc., não pela visão, mas pelo cheiro e/ou pelo som que tais animais e objetos emanam.

Nesse ponto da narrativa, a menina impressiona-se com facilidade que Matias consegue perceber as coisas a sua volta – “[...] você enxerga com os ouvidos, muito mais que eu com meus olhos – concluiu Catarina” (p. 13). Tudo o que ela achava que Matias não conseguia fazer, ele já fez ou, ao menos, conseguiu fazer da sua maneira.

O jovem e a menina passaram em frente a um cinema, e Catarina contou que já havia ido lá uma vez com sua irmã mais velha. Depois acrescentou: - É uma pena que você não possa assistir um filme...- Engano seu. Eu gosto muito de ir ao cinema e também costumo assistir a filmes na televisão. Só acho chato quando os atores não dizem nada nas cenas de maior suspense (HUAINIGG, 2006, p. 9).

Como podemos perceber na obra, Matias não reclama por não enxergar, mas

por ficar sem saber o que está acontecendo no auge da tão esperada cena, ou seja, pelo fato de não existir acessibilidade nos cinemas, como a áudio descrição para os cegos. Assim, sob o dilema de encontrar a família, Catarina vai aprendendo tudo sobre como é ser cego, assim como algumas ações notáveis que o maior desenvolvimento de outros sentidos permite, tais como identificar frutas e legumes pelo cheiro e/ou tato, ou saber a cor dos carros pela temperatura gerada pelo aquecimento do sol.

- Da pra saber a cor pelo cheiro? - Pergunta a menina. - As vezes, sim. O cheiro de um tomate verde é diferente do cheiro de um tomate maduro e bem vermelho. E, além disso, o sabor é outro. A gente não pode cheirar as cores, mas pode senti-las. Um carro branco fica menos quente no sol do que um carro preto. É por isso que todos os carros frigoríficos são brancos (HUAINIGG, 2005, p. 11).

O momento inicial do encontro entre os personagens já destaca tais capacidades estendidas de Matias, “[...] as pessoas são realmente cegas – disse Matias rindo. Mas você não passou despercebida por minha cadela e por mim” (p. 4), ou seja, muitas pessoas passaram por ali, mas ninguém a notou ou prontificou-se ajudá-la. Neste sentido, também cabe destacar que, novamente, deparamo-nos com um personagem com deficiência caracterizado como alguém de excelente caráter, assim como a ideia de superação das dificuldades permeia todo o enredo. Entretanto, a obra não deixa de destacar as dificuldades advindas da deficiência, muitas vezes, deixando subentendida a necessidade de tecnologias que possam possibilitar maior autonomia das PcD.

Cindy é uma cadela bem treinada, dócil e comportada mas não sabe ler o mapa da cidade. Quando chegamos em um cruzamento, normalmente pergunto o caminho a alguém, porque Cindy não conhece. Ela fica parada em um canto da calçada, em um degrau ou semáforo e me guia para evitar os obstáculos (HUAINIGG, 2005 p. 5).

As imagens na obra, por sua vez, ilustram o cão guia auxiliando Matias e também o uso da bengala para sentir-se mais seguro por onde passa, isto é, voltam a evidenciar tecnologias e aportes que possibilitam a inclusão social. Também é o que acontece com a ilustração da escrita braille, trazida no enredo ao lado de informações sobre o código, “Sim os cegos podem ler. O francês Louis Braille inventou uma escrita que consiste em seis pontos em relevo combinados de diferentes formas. Cada letra corresponde a uma disposição de pontos. Quem é cego não lê com os olhos, mas sim com os dedos” (p. 23).

Além disso, a obra apresenta várias inovações tecnológicas que auxiliam a vida de Matias, como um laptop que possui o programa Dosvox.

Você também consegue navegar na internet, Matias? É claro, vou lhe mostrar rapidamente como eu faço- ele tirou o *laptop* da mochila e o conectou a rede. - Existem programas de computadores para pessoas cegas. A máquina lê em voz alta o que está escrito na tela. Neste momento, ouviu-se uma voz vinda de dentro do computador. Catarina ficou entusiasmada com o equipamento: - Que pontos são esses no teclado, que mudam o tempo todo? - São linhas escritas em braille. Assim, em escrita para cegos, os textos podem ser lido com os dedos (p. 22-23).

No momento em que está anoitecendo e as lojas estão fechando, mostra-se como é possível para ele saber as horas, “as lojas estão fechando murmurou o rapaz, ao ouvir o barulho de chaves. Ele esticou o braço, segurou seu relógio de pulso e abriu o vidro. Com os dedos apalpou os ponteiros. Já são seis da tarde” (p. 20).

Essa exploração sobre a vida cotidiana de Matias na obra é construída narrativamente pelo espírito curioso de Catarina, que quer saber todos os detalhes sobre a vida de Matias – “Você pratica esportes? – Eu gosto de correr, mais já fui atropelado uma vez, em um semáforo. Sem minha cadela e minha bengala, esse esporte é perigoso” (p. 18). Matias também comenta gostar de esqui no inverno e dá detalhes para Catarina entender como é possível, “[...] geralmente vou com um amigo, que segue atrás de mim, orientando-me sobre como devo esqui. Isso funciona super bem, a gente se diverte muito” (p. 19).

Assim, o propósito mobilizador está em incluir o leitor ao mundo das PcD visual profunda e, subsidiariamente, apresentar um personagem que, auxiliado por diferentes tecnologias inclusivas, supera as barreiras que poderiam impedi-lo de interagir socialmente. Ademais, ao demonstrar que Matias não mediu esforços para encontrar a família da menina, constrói-se um personagem com características, tais como autonomia, perseverança, inteligência, carisma, empatia etc. “Matias e Catarina andaram por toda a feira muitas vezes, mas não encontraram nenhuma pista dos pais da menina. Cansados, os dois sentaram-se num banco e comeram algumas maçãs” (p. 12).

A relação de Matias com as tecnologias inclusivas, nesse ponto, destaca a importância dos instrumentos e aportes desenvolvidos para favorecer a promoção da inclusão e da acessibilidade social, ajudando o leitor a compreender a imprescindibilidade de tais meios para uma vivência mais autônoma.



No fim da narrativa, Matias consegue levar a menina de volta para a casa de seus pais, “Catarina! Onde você estava? De repente você sumiu! Procuramos você durante horas- disseram eles, abraçando a filha. Foi então que viram Matias e Cindy.- Nos também procuramos vocês - Disse Catarina - Este é meu amigo Matias. Ele é cego [...]” (p. 28).

Além da amizade consolidada entre os dois e do sucesso final da história que demonstra como Matias, embora cego, consegue realizar uma tarefa que, inicialmente, talvez, o próprio leitor duvide do êxito, também percebemos que a narrativa, para Catarina (e também ao leitor), representa uma história de aprendizagem, a menina passou a compreender a deficiência de Matias, não como uma impossibilidade, mas como outra forma de conviver em sociedade, sendo ainda introduzida ao mundo das tecnologias de inclusão e da imprescindibilidade desses meios para a inclusão das PcD.

Enfim, *Nós, os cegos, enxergamos longe* (2005) trata-se também de uma narrativa mobilizadora de práticas inclusivas. Entretanto, traz elementos a mais do que o *Muro*, tais como situações em que há, de fato, inclusão e interação sociais efetivas e as tecnologias que auxiliam nessa inclusão. Ademais, encontramos uma obra em que o personagem sem deficiência que se insere no mundo das PcD, e não ao contrário, como em *O Muro*.

Por fim, nessa dimensão, destacam-se obras como as duas analisadas em que observamos a construção literária de enredos engajados com práticas inclusivas, que trazem, como finalidade, um incentivo à conscientização social sobre a necessidade de uma convivência social orientada por uma igualdade que respeite as pessoas em suas diferenças. Nessas obras, por vezes, podemos observar certas figurações que destoam da compreensão atual do significado de necessidades advindas da condição da deficiência, assim como percebemos certa tendência à construção de personagens com deficiência, nos quais se destacam as características positivas propositalmente, para, assim, atingir os fins educativos propostos.

Mesmo assim, tais obras continuam a ser fundamentais para demonstrar a realidade das PcDs, as dificuldades e as limitações vivenciadas, como também a ausência de adaptabilidade e acessibilidade que impedem o exercício de uma convivência mais autônoma. Além disso, essas obras objetivam esclarecer aos leitores sobre as particularidades das deficiências e ensiná-los o respeito às diversidades. Subsidiariamente, essas obras, também voltadas ao público deficiente,

visam levar uma mensagem de superação e proposta de melhoria atitudinal na convivência em sociedade. Por fim, pontuamos a última modalidade, cuja ênfase não recai sobre a condição dos personagens, mas as suas ações cotidianas que lhes inferem percepções positivas ou negativas a respeito de seus caracteres.

### 3.3. TERCEIRA MODALIDADE: A REPRESENTAÇÃO DA DEFICIÊNCIA NA LITERATURA SEM VINCULAÇÃO NEGATIVA OU POSITIVA DA CONDIÇÃO HUMANA

Neste capítulo, objetivamos apresentar a deficiência a partir da sua não influência na representação do caráter dos personagens, isto é, a deficiência é apresentada de forma apartada de valoração inerente. Aqui, os personagens PcD podem apresentar características positivas ou negativas não vinculadas a sua deficiência, mas à própria condição humana. Em outras palavras, tais narrativas outorgam o direito à vileza ou à bondade, sem discriminação, isto é, a maldade, a imoralidade, a torpeza, a sordidez, a vilania e/ou a parvoíce, entre outros caracteres negativos, assim como seus antônimos, representam, em tais obras, variedades do comportamento humano que independem de suas condições.

Em tais narrativas, encontramos a exploração de uma dimensão maior dos afetos humanos, livres de condicionamentos, ou seja, as PcD são capazes de cometer atrocidades ou atos benévolos, não pelo fato de possuírem alguma deficiência, mas por serem seres humanos. Neste sentido, poderíamos perceber em tais narrativas uma ampliação da relação que Hannah Arendt ([1969/1970] 1970) observara entre a natureza humana, em que ambos, ódio e violência, “ que o [o homem] acompanham, ainda que não seja esta uma regra geral, figuram entre as emoções ‘naturais’, e livrar o homem dessas emoções corresponderia a nada menos que desumanizá-lo ou mesmo castrá-lo” (ARENDR, 2007, p. 40), assim como fica evidente, também nessas obras, a representação da bondade não relacionada à condição desses personagens, isto é, a deficiência não é subterfúgio para a representação negativa ou positiva dos personagens. O caráter dos personagens é definido pelo conjunto de ações que perfazem na narrativa, não se relacionando à deficiência.

Essa percepção da deficiência aproxima-se às considerações de Hannah Arendt (2007) sobre a condição humana, ou seja, ela “[...] compreende algo mais que

as condições nas quais a vida foi dada ao homem. Os homens são seres condicionados: tudo aquilo com o qual eles entram em contato torna-se uma condição de existência” (p. 17).

Desse modo, identificamos, em alguns textos literários, personagens com deficiência que não são categorizados por essa condição, mas pelo caráter, pelo conjunto de suas ações. Em *Peter and Wendy* (1904), de James Matthew Barrie, por exemplo, o vilão, Capitão Gancho, teve a mão esquerda decepada em um duelo com Peter Pan, mas apresenta as mesmas características negativas antes e depois de adquirir a deficiência, e igualmente exerce as mesmas funções, ser pirata e comandar o navio *Jolly Roger*, ancorado na Terra do Nunca.

Assim, a conduta humana não tem relação direta somente com a deficiência, ou é delimitada por ela, mas está em diálogo com todas as demais dimensões que abrangem o ser no mundo.

O que quer que toque a vida humana ou entre em duradoura relação com ela, assume imediatamente o caráter de condição de existência humana [...] A objetividade do mundo – o seu caráter de coisa ou objetos – e a condição humana complementam-se uma à outra; por ser uma existência condicionada, a existência humana seria impossível sem as coisas, e estas seriam um amontoado de artigos incoerentes, um não mundo, se esses artigos não fossem condicionantes da existência humana (ARENDT, 2007 p. 17).

Desse modo, vemos que esses textos literários abrangem um universo muito mais amplo da condição humana, pois, através deles, podemos perceber o comportamento em relação dialética com as outras dimensões que constituem a existência humana – as dimensões materiais e históricas, o seu ser-no-mundo desenvolve-se. Assim sendo, sob as predeterminações das aparências, tais obras destacam-se por oportunizar aos leitores outro olhar para a deficiência, afastado da simples pena ou repulsa, visto que os personagens expõem seus comportamentos nas interações humanas desvinculados de sua condição física.

Nessa modalidade, analisaremos a obra *Ensaio sobre a cegueira* (1995), de José Saramago. Na próxima seção, apresentamos a vida e obras do escritor.

### **3.3.1 Vida e obras de José Saramago**

José Sousa Saramago (1922-2010) foi um escritor português, oriundo de uma família de camponeses. Exerceu várias atividades antes de dedicar-se à literatura, foi

serralheiro, desenhista, funcionário público e jornalista. Com 80 anos, Saramago foi diagnosticado com leucemia. Faleceu em 2010, em Lanzarote, nas ilhas Canárias, com 88 anos. O autor destacou-se no campo literário e também como teatrólogo, romancista, poeta e contista.

O reconhecimento internacional de José Saramago aconteceu depois da publicação de *Memorial de Convento* (1982). O escritor recebeu diversos prêmios literários, dentre eles, o Prêmio Camões em 1995, reconhecido como o mais importante da língua portuguesa, e, em 1998, o Prêmio Nobel de Literatura, tornando-se o único escritor em língua portuguesa a ser premiado pela academia sueca.

José Saramago escreveu mais de vinte obras, além de contos, crônicas e poesias, os livros considerados mais importantes foram publicados a partir dos anos 80, entre eles *Memorial do Convento* (1982), *A Jangada de Pedra* (1984), *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1986), *História do Cerco de Lisboa* (1989), *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1991), *Ensaio sobre a Cegueira* (1995), *De Todos os nomes* (1997), *O Conto da Ilha Desconhecida* (1997), *A Caverna* (2001), *O Homem duplicado* (2003), *Ensaio sobre a Lucidez* (2004), *Don Giovanni o dissoluto Absolvido* (2005),

*Como Intermittências da Morte* (2005), *Como Pequenas Memórias* (2006) e *A Viagem do Elefante* (2008).

Sobre o estilo do autor, são reconhecidas características como a narração em fluxo de consciência, a particular forma de pontuação do texto, a ausência de nomes próprios para os personagens em algumas obras, elementos das narrativas fantásticas e do realismo mágico, e, sobretudo, a construção de metáforas que refletem a condição humana. Segundo a Academia Sueca, Saramago foi ‘um autor que, com parábolas portadoras de imaginação, compaixão e ironia torna constantemente compreensível uma realidade fugidia’ (VILLELLA, 2018).

O livro *Ensaio sobre a Cegueira*, sobre o qual se centra esta análise, também foi adaptado para o cinema por Fernando Meirelles em 2008. No mesmo ano, foram lançados outros dois filmes adaptados das obras do autor, *A Jangada de Pedra*, produzido por George Sluizer, e *A Maior Flor do Mundo*, de Juan Pablo Etcheverry. Outros filmes que se originaram das obras escritas pelo autor foram *Embargo* (2010), de Antônio Ferreira, e *O Homem Duplicado* (2014), de Denis Villeneuve (RIBEIRO, 2016).

As obras literárias de José Saramago também são objetos de inúmeros estudos da crítica literária. Em pesquisa ao catálogo da CAPES, podemos encontrar várias

pesquisas sobre o autor, dentre elas, sobre o romance que aqui analisamos,, podemos destacar: a) Os nevoeiros de José Saramago: questões contemporâneas em Ensaio sobre a cegueira (ANDRIO 2016), dissertação na qual se investiga a repetição frequente de termos como nuvem, neblina, névoa e nevoeiro nos romances de Saramago, sobretudo, em momentos significativos dos enredos, relacionando tais campos metafóricos com questões críticas da contemporaneidade; b) O romance dialético em José Saramago (GARLET, 2016), dissertação em que se investiga, a partir dos romances *Ensaio sobre a cegueira*, *Ensaio sobre a lucidez* e *As intermitências da morte*, convergências axiológicas que poderiam ser relacionadas com um posicionamento artístico e cidadão do escritor lusitano frente à contemporaneidade globalizada.

A crítica literária sobre a obra de Saramago, especificamente sobre o romance que analisamos aqui, também é presente em diversos artigos científicos, tais como: a) A violência é cega: Reflexões em torno de Ensaio sobre a Cegueira (TEIXEIRA, 2010), análise em que se investigam as diferentes situações de violência representada na obra: pessoal, social e institucional; b) O caos social na cidade fictícia de Ensaio sobre a cegueira, de José Saramago, (SILVEIRA, 2012), estudo que analisa a representação da barbárie e da degradação relacionada ao imperativo da sobrevivência figurada na obra.

Na próxima seção, apresentamos um breve resumo de *Ensaio sobre a cegueira*, demonstrando algumas características do estilo do autor, além de destacar os personagens com deficiência que serão analisados aqui.

### **3.3.2. A presença de personagens com deficiência na obra: *Ensaio sobre a cegueira***

O romance *Ensaio sobre a Cegueira* (1995), em mais de trezentas páginas, retrata a angústia de pessoas contaminadas por uma espécie de cegueira que, em vez de escurecer a visão, deixava-a totalmente esbranquiçada. Na narrativa, a cegueira branca alastra-se rapidamente por toda parte, causando o desmantelamento da sociedade.

A obra inicia com um homem dentro do seu carro, aguardando o semáforo abrir, em meio ao trânsito turbulento de uma cidade. De repente, o sinal muda de cor e o condutor não sai do lugar, as pessoas começam a reclamar, impacientes pelo

automóvel estar obstruindo a passagem dos demais condutores. Dentro do carro, o rapaz nervoso, esbraveja por estar cego e diz que uma nuvem branca cobriu toda a sua visão. O rapaz implora por ajuda para ir para casa. O homem, agora cego, é ajudado por outro homem que o leva para casa e rouba seu carro na sequência. Essa proeza feita pelo homem que o ajudou só é descoberta quando a mulher do homem cego sai para pegar o carro, para levá-lo ao oftalmologista.

Ao chegar no consultório, o rapaz relata o problema da cegueira repentina, no entanto, o oftalmologista não encontra a causa, nem sequer, uma solução. A partir daquele momento, todas as pessoas que tiveram contato com ele começam a adquirir a cegueira branca. A epidemia toma uma proporção muito rápida, expande-se por toda a cidade e, em poucas horas, como um vírus que contamina sem distinção, homens, mulheres, jovens, crianças, PcD, todos são contagiados.

Diante dessa situação, o governo entra em atividade, isolando todas as pessoas que contraíram a treva branca em um antigo manicômio. Lá permaneceriam até que o governo regularizasse o cenário epidêmico. Somente a esposa do médico oftalmologista salvou-se da cegueira, mas ela prefere fingir-se de cega para ficar próxima ao marido. Conforme os dias foram passando, mais e mais pessoas iam chegando ao manicômio, tornando a vida na instituição cada vez mais precária. A falta de comida, água, condições de higiene, medicamentos e precariedade do ambiente transformou a situação em um verdadeiro caos. As tentativas de revolta ou de saída do manicômio eram reprimidas pelos guardas que vigiavam o local e tinham ordens de atirar em quem cruzasse um limite predeterminado.

Com o acirramento da precariedade das condições, as pessoas começaram a agir de forma cada vez mais animalizada. Faziam as necessidades fisiológicas em qualquer lugar, ficavam sem roupas, abusavam sexualmente das mulheres e inclusive, comiam a carne daqueles que morriam. Com o tempo, também se constituiu um núcleo de poder comandado pelo Cego da Pistola, que, juntamente com o grupo que exercia o comando (grupo chamado de Cegos Malvados), passou a exigir favores sexuais das mulheres das outras alas, tudo em troca de comida para os outros detentos da mesma ala.

Certo dia, ocorreu o início de um incêndio no hospício e os infectados pela cegueira, ao tentarem escapar, perceberam que não estavam mais trancados, nem mesmo sendo vigiados pelos guardas. Saíram para as ruas e descobriram que as pessoas de fora do manicômio também haviam sido contagiadas pela epidemia. Nas

ruas, havia corpos por todos os lados. Cães se alimentando com os corpos putreficados, lixo por todas as partes, lojas saqueadas e apenas algumas pessoas ainda vivas, andando pela cidade. A partir de então, o desafio passou a ser encontrar comida e abrigo.

Dias depois, o Primeiro cego adormeceu e começou a ouvir vozes, pensou que agora viveria a cegueira das trevas. Sem abrir os olhos de medo, abraçou a mulher do médico e alegou estar cego, como se isso fosse uma novidade. Quando abriu os olhos, descobriu que havia recuperado a visão, assim, a cegueira branca chegou ao fim, e todos que haviam se tornado cegos, voltaram a enxergar. O mistério sobre a epidemia nunca foi solucionado.

O romance *Ensaio sobre a cegueira* é narrado em terceira pessoa por um narrador onisciente em fluxo de consciência. A escrita é marcada pela supressão de sinais de pontuação, com o intuito de alcançar maior fluidez ao estilo, sinais de interrogação, exclamação, pontuação entre os diálogos ou pontos finais são substituídos pelo uso de maiúsculas e vírgulas. Os diálogos, por exemplo, são identificados por começarem por letras maiúsculas, como pode ser averiguado no trecho a seguir:

– Em que andar mora, No terceiro, não imagina o quanto estou agradecido, Não me agradeça, hoje por si, Sim, tem razão, amanhã por si. O elevador parou, saíram para o patamar, Quer que o ajude a abrir a porta, Obrigado, isso eu acho que posso fazer (SARAMAGO, 1995, p. 14).

Na obra, os personagens também não recebem nomes próprios, sendo identificados pelas profissões que executam, por possuírem características físicas visíveis ou por outras particularidades. Por exemplo, o primeiro a ser contaminado pela cegueira branca recebeu o nome de “Primeiro cego”; o segundo, o oftalmologista, foi denominado “O médico”. A única pessoa que não contraiu a cegueira é chamada de “Mulher do médico”, por ser esposa do oftalmologista. Outra personagem é a “Mulher do primeiro cego”. Há também “O cego ladrão”, chamado assim por ter roubado o carro do Primeiro cego, depois que o deixou em seu apartamento. Nessa sequência de nomes, temos ainda os antigos pacientes do médico, o “Velho da venda preta”, que era cego de um olho e fazia uso de um tampão para esconder. Quanto ao

outro olho, este estava afetado pela catarata<sup>6</sup>. A “Rapariga dos óculos escuros”, uma garota de programa que foi consultar, porque estava com conjuntivite e acabou contagiando-se pela cegueira branca; o “Rapaz estrábico”, levado pela mãe para consultar com o médico. O “Cego da contabilidade”, que já nasceu cego e, assim, tinha vantagens sobre os outros, pois sabia escrever em Braille, possuía os outros sentidos mais desenvolvidos e tinha noção de contabilidade.

Nesta seção, com o intuito de categorizar a obra na terceira dimensão, anteriormente destacada, atemo-nos em apenas dois personagens, o “Velho da venda preta” e o “Cego da contabilidade”, visto que ambos já possuíam a deficiência visual antes da epidemia.

Na obra, o “Velho da venda preta” é assim descrito:

[...] um homem de idade, calvo, de cabelos brancos, e traz uma venda preta num dos olhos, lembro-me de que falaste dele, Que olho, O esquerdo, Deve de ser ele. O médico avançou para a coxia e disse, levantando um pouco a voz, Gostaria de poder tocar a pessoa que acabou de se juntar a nós, peço-lhe que venha andando nesta direcção, eu irei ao seu encontro. Toparam-se a meio caminho, os dedos com os dedos, como duas formigas que deveriam reconhecer-se pelos manejos das antenas, não será assim neste caso, o médico pediu licença, com as mãos tentou a cara do velho, encontrou rapidamente a venda, Não há dúvida, era o último que nos faltava aqui, o paciente da venda preta, exclamou (SARAMAGO, 1995, p. 119-120).

O “Velho da venda preta” e o oftalmologista já haviam se encontrado anteriormente, “[...] para combinar a data da operação a uma catarata que lhe aparecera no único olho que lhe restava, a venda preta tapava uma ausência. não tinha nada que ver com o caso de agora” (p. 28). O “Velho da venda preta” também é caracterizado como um homem bom, generoso, paciente e educado. Tal descrição, na obra, é acompanhada por ações que as ratificam, como a vez em que cedeu sua vaga da consulta para que o médico pudesse consultar outro paciente e ainda acalmou as outras pessoas que também estavam esperando atendimento.

O “Velho da venda preta” é caracterizado como um homem muito querido por todos, pois possuía um rádio no qual colocava música para que todos tivessem um pouco de alegria ou sintonizava a emissora de rádio para que todos pudessem saber das notícias de fora. Ele, através de seus atos, encantou a “Rapariga dos óculos

---

<sup>6</sup> A catarata é uma doença caracterizada pela lesão ocular que causa a perda da transparência da lente do olho, que cobre a retina do olho com uma coloração esbranquiçada. Quando não tratada a pessoa pode deixar de enxergar. A cegueira causada pela catarata é reversível com a cirurgia.



escuras”, a moça mais interessante e atraente do manicômio. A Rapariga propôs-se a viver com ele para sempre.

Já o segundo personagem, o “Cego da contabilidade”, é caracterizado como um homem que nasceu cego, porém com grande agilidade para manipular objetos e dinheiro, visto trabalhar como contador. Por ter nascido cego, é descrito como alguém que tinha vantagens sobre os demais. Na obra, não são apontadas características físicas desse personagem. Quanto à personalidade, pelas ações que realiza no enredo, pode ser caracterizado como um homem frio, violento e vingativo, que faz parte do grupo dos cegos malvados. Tal grupo mantinha o poder sobre a comida (fornecida pelo governo), que chegava no hospício. Eram eles que destinavam a quantidade de comida que cada pessoa poderia levar, o que dependia do quanto a pessoa tinha para pagar. Avaliava os pertences, dinheiro e outros objetos de valor, antes de entregar a comida.

Esse personagem exercia também a função de sentinela dentro manicômio, vigiava a porta para os outros cegos, dessa forma, não deixava ninguém aproximar-se de seus comparsas e avisava toda a movimentação. Essa função devia-se aos sentidos mais apurados que desenvolvera, por já ser cego. Observamos que os personagens selecionados para a análise são totalmente distintos e, embora ambos já possuíssem uma deficiência visual anteriormente, encontram-se diametralmente separados quanto ao caráter, ou seja, o caráter dos personagens não se vincula a sua deficiência, mas às ações que realizam na narrativa.

Quanto à temporalidade da obra, os acontecimentos organizam-se de forma cronológica, que se seguem do dia em que a primeira pessoa ficou cega até o dia em que, depois de voltarem a cidade, eles recuperaram a visão. Entretanto, cabe destacar que, embora as ações sejam linearmente postas, também notamos que a obra movimenta-se em círculo, partindo de um estágio inicial, com as pessoas enxergando, passando pela cegueira e retornando ao ponto inicial, com a volta da visão, – “Vejo, diziam os que já tinham recuperado a vista, diziam-na os que de repente recuperaram, Vejo, vejo” (p. 310).

A descrição do momento final da obra esclarece que, assim como a cegueira branca surgiu repentinamente sem motivo aparente, ela também desaparece da mesma forma, sem uma justificativa. O primeiro a perder a visão também é o primeiro a voltar a enxergar, “o primeiro grito ainda foi da incredulidade, mas com o segundo,

o terceiro, e quantos mais, foi crescendo a evidência, Vejo, Vejo, abraçou a mulher como um louco” (p. 306).

Quanto ao espaço, a maior parte do enredo passa-se dentro do manicômio, um local de isolamento total e de condições precárias, como podemos observar neste trecho.

A mulher levou o marido para o fundo da camarata, fê-lo sentar-se em uma das camas, e disse-lhe, Não saias daqui, vou ver como é isto. Havia mais camaratas, corredores longos e estreitos, gabinetes que deviam ter sido de médicos, sentinas encardidas, uma cozinha que ainda não perdera o cheiro de má comida, um grande refeitório com mesas de tampos forradas de zinco, três celas acolchoadas até à altura de dois metros e forradas de cortiça daí para cima. Por trás do edifício havia uma cerca abandonada, com árvores mal cuidadas, os troncos davam a ideia de terem sido esfolados. Por toda a parte se via lixo. A mulher do médico voltou para dentro. Num armário que estava meio aberto encontrou camisas-de-forças. Quando voltou a juntar-se ao marido, perguntou-lhe, És capaz de imaginar aonde nos trouxeram, Não, ela ia a acrescentar A um manicómio, (SARAMAGO, 1995, p.46).

Por fim, cabe destacar que a narrativa também pode ser compreendida como uma alegoria ao fato de a sociedade estar calcada em elementos tão frágeis, que uma pequena transformação nas condições em que vivemos pode gerar um mundo caótico e apocalíptico. Antoine Compagnon (2010, p.55), em *O demônio da teoria*, assinala que “[...] a interpretação alegórica procura compreender a intensão oculta de um texto pelo deciframento de suas figuras”. Neste sentido, também é possível pontuar que a obra *O ensaio sobre a cegueira* permite certa compreensão e aprendizagem sobre as limitações dos outros, promovendo um olhar interessado e compreensivo sobre a diferença, ao deslocar a importância da dimensão física para a dimensão ética da atuação do homem no mundo.

Sob essa dimensão que compreendemos a afirmação extraída da própria obra de Saramago, “o mundo está cheio de cegos vivos” (p. 282), isto é, de pessoas que não compreenderam perfeitamente quais são os elementos centrais capazes de promover uma harmônica relação do ser humano com o mundo e com o próximo.

### **3.3.3 É necessário fechar os olhos para ver**

Diferentemente das duas análises feitas nos capítulos anteriores, em que identificamos a relação da deficiência a dimensões valorativas, sendo a primeira relacionada a um imaginário negativo, sobretudo, vinculado a uma perspectiva da

deficiência como incapacidade e a segunda, pelo lado positivo, associada à imagem da superação e a intenção pedagógica de promover uma compreensão sobre as diferenças, nesta modalidade, temos a deficiência desvinculada de uma valoração imediata.

Aqui, a deficiência não é subterfúgio para enaltecimento e/ou depreciação dos personagens. Nesta obra, os personagens analisados apresentam características negativas ou positivas que dependem das ações que realizam na narrativa, em uma perspectiva que compreende o caráter humano subordinado à performance social. Em outras palavras, como destaca Arendt (2007), a ação pode ser compreendida na obra como o que identifica o homem, pois é o *locus* da manifestação de sua liberdade. Arendt compreende por ação uma prerrogativa exclusiva do homem, que se relaciona com o arbítrio e, logo, é “exclusiva do homem: nem um animal nem um deus é capaz de ação, e só a ação depende inteiramente da constante presença dos outros (2007, p. 31).

Assim, desvinculados da deficiência, os personagens assumem caracteres bons ou maus em relação a suas ações e, dessa forma, compreendemos que a narrativa traz uma representação mais complexa dos personagens, visto que atuam mais livremente a longa escala de caracteres inerentes à condição humana.

Quanto aos caracteres, cabe ainda ressaltar que, conforme Arendt (2007), os homens são condicionados à existência em comunidade, pelo fato de viverem juntos com outros homens, têm a possibilidade de transformar a sua existência, logo, tornam-se responsáveis pelos seus atos, sejam performados pela força, pela violência, pelo amor ou pela fraternidade, adjetivos pessoais que correspondem unicamente aos seres humanos.

Nas palavras da autora,

[...] a condição humana corresponde algo mais que as condições nas quais a vida foi dada ao homem. Os homens são seres condicionados: tudo aquilo com o qual eles entram em contato torna-se imediatamente uma condição de sua existência. O mundo no qual transcorre a *vita activa* consiste em coisas produzidas pelas atividades humanas; mas, constantemente, as coisas que devem sua existência exclusivamente aos homens também condicionam os seus autores humanos (ARENDR, 2007, p. 17).

Assim, justificamos a escolha da obra de Saramago, porque os dois personagens com deficiência representados, o “Velho da venda preta” e o “Cego da contabilidade”, apresentam-se de forma distinta, cada qual com suas características

específicas. Cabe também salientar que, embora na obra, todos os personagens em dado momento tenham a condição da cegueira, consideramos, para a análise, apenas aqueles que, antes do fenômeno da cegueira branca, já possuíam essa condição. Nesse ponto, a narrativa traz outra vantagem, dado o contexto em que todos são cegos, a deficiência não constitui um ponto de diferenciação para os personagens analisados e, assim, não são destacados por essa condição, nem são objeto de piedade, compaixão ou glorificação por conta da deficiência. A eles não é destinado um olhar diferente, logo, estão mais libertos para uma representação mais plena dos seus atos.

Ambos os personagens não são apresentados pela deficiência, aparecem juntos com os demais cegos por conta do caos que se tornou a cidade e a condição da cegueira anterior é apenas destacada para ilustrar capacidades que tais personagens têm, enquanto que os outros não. Em outros termos, os seus sentidos são mais desenvolvidos, possibilitando uma compreensão superior em relação aos recém-cegos. Também não são chamados de cegos pela deficiência anterior, todos são referenciados assim – o “Cego da pistola”, o “Cego ladrão”, o “Primeiro cego”, etc.

Da mesma forma como a cegueira é compartilhada por todos, não há uma diferença substancial nas situações representadas, como ocorre nas obras da segunda modalidade, por exemplo. As caracterizações apresentadas pelo autor sobre a existência de uma deficiência anterior, neste sentido, são elucidativas e não valorativas, como podemos observar em uma das descrições do “Cego da contabilidade”, “[...] havia por tanto um cego normal entre os cegos delinquentes, um cego como todos aqueles a quem dantes se dava o nome de cego, evidentemente tinha sido apanhado na rede como os demais” (SARAMAGO, 1995, p. 146).

O “Velho da venda preta”, por sua vez, escondia com a venda a ausência de um dos olhos, e, do outro, havia perdido quase completamente a visão em decorrência do avanço da doença ocular, “[...] Ia só para combinar a data da operação a uma catarata que lhe aparecera no único olho que lhe restava, a venda preta tapava uma ausência. não tinha nada que ver com o caso de agora” (p. 28). Neste aspecto, podemos observar que a representação da deficiência na obra apresenta um caráter profundamente contemporâneo, que conforme Zilberman (2007, p. 142), caracteriza-se pela “adoção de uma postura narrativa que adere ausência de preconceitos e à falta de cerimônia de suas personagens é responsável pelo caráter inovador da obra” [...].

Adentrando às características dos personagens, o “Velho da venda preta” é descrito como um homem mais velho, compreensivo, paciente e educado, como podemos notar nessa passagem em que cede a vez no consultório para o primeiro a ficar cego, “[...] o velho do olho vendado foi magnânimo, Deixem-no lá, coitado, aquele vai bem pior do que qualquer de nós. O cego não o ouviu, já iam a entrar no gabinete do médico, e a mulher dizia, Muito obrigada pela sua bondade” (p. 22); ou na apreciação que o narrador faz do personagem, “no consultório, o último paciente a ser atendido foi o velho de bom gênio, aquele que dissera tão boas palavras sobre o pobre diabo que cegara de repente” (p. 28).

Outros elementos advindos da representação das interações sociais performadas pelo personagem, que interessam destacar, acontecem quando está junto com os demais cegos no manicômio, sobretudo, quanto à serenidade e à sociabilidade que são representadas no personagem. O personagem é destacado pela memória e amabilidade no trato com os demais, assim como a gratidão e o desprendimento material são qualidades aplicadas a ele. Essas características podem ser percebidas na passagem em que compartilha com os demais o único bem de valor que possuía naquele momento, [...] “para retribuir o acolhimento, anunciou, Tenho um rádio, Um rádio exclamou a rapariga dos óculos escuros batendo palma, música, que bom. Sim, mas é um rádio pequeno, de pilhas, e as pilhas não duraram para sempre disse o primeiro cego” (p. 121).

A representação da bondade do velho no romance vincula-se a suas atitudes na narrativa, decorrente das boas ações com os outros, por exemplo, como o que acontece quando a “Rapariga dos óculos escuros” decide deitar-se com o “Velho da venda preta”, isto é, oferece-lhe o seu corpo como uma forma de retribuir toda a sua generosidade diante das circunstâncias.

[...] foi afinal, numa noite destas, meter-se por sua própria vontade na cama do velho da venda preta, que a recebeu como chuva de Verão e cumpriu o melhor que podia, bastante bem para a idade, ficando por esta via demonstrado, mais uma vez, que as aparências são enganadoras, e que não é pelo aspecto da cara e pela presteza do corpo que se conhece a força do coração. Toda a gente na camarata compreendeu que tinha sido por pura caridade que a rapariga dos óculos escuros se fora oferecer ao velho da venda preta, mas houve ali homens, dos sensíveis e sonhadores, que, tendo já antes gozado dela, se puseram a devanear, a pensar que não deveria haver melhor prêmio neste mundo que encontrar-se um homem estendido na sua cama, sozinho, imaginando impossíveis, e perceber que uma mulher vem levantar as cobertas muito devagar e por debaixo delas se insinua, roçando lentamente o corpo ao longo do corpo, até ficar quieta enfim, em silêncio, à espera de que o ardor dos sangues apazigúe o súbito tremor da pele

sobressaltada. E tudo isto por nada, só porque ela o quis (p. 170-171).

A “Rapariga dos óculos escuros”, na obra, é representada como sendo a mulher mais bonita da camarata, a mais atraente e desejada pelos homens. Mas, entre todos os homens ali presentes, escolheu entregar-se de livre espontânea vontade a ele, um homem íntegro, atencioso, educado e respeitado por todos. Devido à obrigação sexual com o grupo dos “malvados”, em troca de comida, a Rapariga já havia antes se deitado com o médico, mas, nesse caso, quem foi procurá-la foi ele, fato presenciado pela mulher do médico, a única que enxergava.

Viu o marido levantar-se e, de olhos fixos, como um sonâmbulo, dirigir-se à cama da rapariga dos óculos escuros. Não fez um gesto para o deter. De pé, sem se mexer, viu como ele levantava as cobertas e depois se deitava ao lado dela, como a rapariga despertou e o recebeu sem protesto, como as duas bocas se buscaram e encontraram, e depois o que tinha de suceder sucedeu, o prazer de um, o prazer do outro, o prazer de ambos, os murmúrios abafados, ela disse, Ó senhor doutor, e estas palavras podiam ter sido ridículas e não o foram, ele disse, Desculpa, não sei o que me deu (p.171).

Ademais, na cena em que a “Rapariga dos óculos escuros” deita-se com o “Velho da venda preta”, também é possível constatar a representatividade do caráter dela, como se, em certo sentido, houvesse, no romance, a ideia de que a manifestação de um bom caráter é capaz de transformar o meio em que se vive e as pessoas com quem se convive.

Noutra passagem, é evidenciado que o “Velho da venda preta”, mesmo não possuindo bens materiais a oferecer, foi escolhido para desfrutar da vida ao lado da “Rapariga dos óculos escuros”, pois, a partir das ações daquele bom homem, ela pode perceber o que realmente fazia sentido a sua vida. Com isso, preferiu uma relação estável.

Cala-te, Tu queres viver comigo e eu quero viver contigo, Estás doida, Passaremos a viver juntos aqui, como um casal, e juntos continuaremos a viver se tivermos de nos separar dos nossos amigos, dois cegos devem poder ver mais do que um, É uma loucura, tu não gostas de mim, Que é isso de gostar, eu nunca gostei de ninguém, só me deitei com homens, Estás a dar-me razão, Não estou, Falaste de sinceridade, responde-me então se é mesmo verdade gostares de mim, Gosto o suficiente para querer estar contigo, e isto é a primeira vez que o digo a alguém, Também não mo dirias a mim se me tivesses encontrado antes por aí, um homem de idade, meio calvo, de cabelos brancos, com uma pala num olho e uma catarata no outro, A mulher que eu então era não o diria, reconheço, quem o disse foi a mulher que sou hoje (p. 291-292).

Assim, compreendemos que a “Rapariga dos óculos escuros” não se importou com a deficiência visual, nem mesmo com a faixa etária do homem, ela sentia-se feliz de estar com ele, pela forma de tratamento e de respeito, ou ainda pela forma de enxergar o mundo a sua volta. Além disso, poderíamos mencionar que, a partir da cegueira, a “Rapariga” foi capaz de reconhecer o que há de mais essencial no ser humano, o caráter, visto que a narrativa volta-se tematicamente à exploração das formas de convivência entre os seres humanos, destacando, como *locus* de discussão, justamente a capacidade ou incapacidade de conviver em harmonia frente aos problemas decorrentes do cotidiano.

Em outras palavras, o “Velho da venda preta” é representado como um homem de bom caráter, característica atribuída pelo narrador, não devido a sua deficiência, mas pelas ações representadas por ele na narrativa. Contudo, a narrativa não representa um personagem totalmente positivo, o que o distanciaria de uma composição realista dos caracteres humanos. Em determinadas ocasiões, o caráter do “Velho da venda preta” denota sua incapacidade de defesa e/ou de indignação frente às situações de violência, como na vez em que, ao ser coagido pelo grupo dos “malvados” (como são denominados no romance), acaba derrubando seu rádio no chão. Ao ver o seu aparelho esbugalhado, “o velho da venda preta puxou a manta para cima da cabeça para poder chorar à vontade” (p. 151).

O segundo personagem a ser analisado é o “Cego da contabilidade”, representado como alguém totalmente distinto do “Velho da venda preta”, sendo marcado por caracteres como imoralidade, desumanidade e sordidez. Essas características são expressões do seu caráter e não estão inerentes à deficiência visual adquirida, pois, já possuía anteriormente à cegueira.

O “Cego da contabilidade” é mencionado somente a partir da metade da obra, no momento em que já é identificado pela deficiência visual anterior e também pelas primeiras atitudes destacadas pelo narrador.

O cego de dentro, capitão dos ladrões, já tinha aberto a bolsa, com mãos hábeis ia retirando, apalpando e identificando os objectos, o dinheiro, sem dúvida distinguia pelo tacto o que era ouro do que o não era, pelo tacto também o valor das notas e das moedas, é fácil quando se tem experiência, foi só passados alguns minutos que o ouvido distraído do médico começou a perceber um ruído inconfundível de picotagem, que imediatamente identificou, ali ao lado encontrava-se alguém a escrever em alfabeto braille, também anagliptografia chamado, ouvia-se o som ao mesmo tempo surdo e nítido do ponteiro ao perfurar o papel grosso e bater contra a chapa metálica do tabuleiro inferior. Havia portanto um cego normal entre os cegos

delinquentes, um cego como todos aqueles a quem dantes se dava o nome de cegos, evidentemente tinha sido apanhado na rede com os demais (p. 146).

No excerto da obra citado, observamos o “Cego da contabilidade” apropriando-se de dinheiro e outros objetos de valor das pessoas que ali se encontravam, demonstrando a avareza e malandragem do sujeito. Essa atitude evidencia a liberdade do autor em representar a deficiência, não buscando vincular qualidades que aparecem supostamente inerentes às condições físicas dos personagens em outras narrativas.

O “Cego da contabilidade”, por sua vez, não é o deficiente que necessita de auxílio ou sentimento de piedade dos outros, também não é um ser amável, bom e pronto a colaborar e ajudar o próximo. Ao contrário, ele representa o papel do vilão da narrativa e a cegueira do personagem não o impede de “interpretar” esse papel. Em outras palavras, a liberdade na composição dos personagens presentes nessa narrativa permite uma representação mais livre da PcD, sem necessidade de vinculá-lo ao caráter positivo ou negativo diante das ações.

Esse personagem faz parte do grupo dos malvados, que viviam aterrorizar todos por ali, praticando inúmeros abusos, como obrigar as mulheres a praticar sexo com os homens do grupo em troca a comida.

Já as ouço, já aí vêm. A cama que servia de cancela foi afastada rapidamente, uma a uma as mulheres entraram, Eram tantas, exclamou o cego da contabilidade, e ia contando com entusiasmo, Onze, doze, treze, catorze, quinze, quinze, são quinze. Foi atrás da última, metia-lhe as mãos sôfregas por baixo das saias, Esta já cá canta, esta já é minha, dizia. Tinham deixado de fazer a revista, a avaliação prévia dos dotes físicos das fêmeas. Realmente, se estavam todas condenadas ali a passar pelo mesmo, não valia a pena gastar o tempo e esfriar a concupiscência com escolhas de alturas e medições de busto e ancas. Já as levavam para as camas, já as despiam aos repelões, não tardou que se ouvissem os costumados choros, as súplicas, as implorações, mas as respostas, quando as havia, não variavam, Se queres comer, abre as pernas [...] e elas abriam as pernas, a algumas mandavam-se lhe que usassem a boca. (p.184-185).

A exploração sexual das mulheres perdurou até o dia em que a “Mulher do médico” cravou uma tesourada na garganta do chefe do grupo dos malvados, que foi morto, mas portava uma arma e sempre causava medo a todos. O “Cego da contabilidade”, por sua vez, não se preocupou com o estado do companheiro, chefe do grupo. Ao encontra-lo no chão, rapidamente procurou, nos bolsos do morto, a arma, “[...] encontrava a pistola e um pequeno saco de plástico com uma dezena de



cartuchos” (p. 186). E assim, ele encontrou, na morte do companheiro, a possibilidade de tornar-se o líder, ação que demonstra a ausência de compaixão do personagem, como também a ganância e a ambição desmedida:

Surpreendidos por perceberem que a pistola já estava noutras mãos e que portanto iam ter um novo chefe, os cegos deixaram de lutar com as cegas, desistiram de tentar dominá-las, um deles via-se que desistira mesmo de tudo porque já havia sido estrangulado (p. 187).

Imediatamente, transformado no novo chefe por deter a posse da arma, “[...] ouviu-se outro tiro” “[...] e agora era o cego da contabilidade que gritava lá do fundo, Agarrem-nas, não as deixem fugir, mas era demasiado tarde, já iam todas no corredor, fugiam aos tombos, meio vestidas, segurando os trapos como podiam” (p.187). Sem conseguir vingar-se da assassina ou matar indiscriminadamente qualquer uma delas como prova de poder, retaliação, deixou todos da camarata que ficavam com a “Mulher do médico” sem comida, ação que demonstra o não interesse do “Cego da contabilidade” em exercer determinada forma de justiça, mas o desejo em demonstrar quem exercia o poder ali.

As atitudes de nobreza, gentileza, bondade não fazem parte da trajetória do personagem analisado. Ele reinventa-se cotidianamente demonstrando a cada dia seu caráter perverso, além de apresentar que a deficiência não o impedia de ter uma vida ativa de maldade. E se há algum conflito interno que o impulsionava a agir dessa forma, não é mencionado na obra.

Em vários trechos da obra é possível observar a crueldade do personagem, não havendo motivos aparentes descritos para tal atitude, agindo sempre com frieza, sem premeditar e sem remorso. Não há relatos do que aconteceu com o “Cego da contabilidade”, não é informado ao leitor se ele conseguiu escapar do incêndio no manicômio ao final da narrativa. Em certo sentido, a ausência de um fim ou uma continuidade ao personagem reforça um dos aspectos centrais da obra, que, dessa forma, ressignifica as formas de convivência positiva, ao centrar o enredo na aventura desses personagens, que, ao final, são conduzidos a um fim positivo, o desaparecimento da cegueira branca. Contudo, na narrativa, o “Velho da venda preta”, por exemplo, é acompanhado pelo foco narrativo até a última página do livro, sendo reiterado, no fim, a positividade de seu caráter, visto que demonstra preocupação com os outros companheiros que haviam retomado a visão.

Narrativas como essa permitem observar dois lados. Embora, seja uma ficção, na vida real, estamos rodeados de pessoas com bom e mau caráter, ademais, as características dos personagens demonstram que as ações revelam muito sobre o caráter da pessoa, independente de sua condição física, sensorial, social, cognitiva, etc. Revela-se, neste último viés, a constituição de sujeitos sociais, ativos e com deficiência, evidenciando que esta última característica não influencia em nada na constituição do caráter humano.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As observações que aqui serão elencadas remetem às análises de contos e obras sob três modalidades abordadas. Na primeira modalidade, os contos “O filho” e “Conto de amor”, de Rubem Fonseca, caracterizam seus personagens pela deficiência, que é abordada de forma negativa. Na segunda linha de análise, apreciamos as obras: *O muro*, de Júlio Émilio Braz, além da obra *Nós, os cegos, enxergamos longe*, de Franz-Joseph Huainigg, em que o olhar de análise expressa a deficiência sob a forma positiva. Por fim, interpelamos a última análise, obra de José Saramago, *Ensaio sobre a cegueira*, que aborda os personagens desvinculados da deficiência, apenas representados pelas suas ações, não utilizando termos que valorizam nem depreciam a condição dos personagens.

A partir de várias leituras realizadas, observamos que, nas obras ou textos literários, as PcD eram configuradas de diferentes percepções. Para alguns autores, esses personagens eram apresentados com um olhar depreciativo, enquanto em outras narrativas, verificava-se um olhar mais confiante a respeito da condição de seus figurantes. Também foi possível perceber que muitos autores não atribuem características que os configuram negativamente ou positivamente, mesmo possuindo uma deficiência, isto porque, para eles, é o caráter dos personagens em suas ações que desencadeia o seu perfil e dá sentido ao contexto da obra. Dessa forma e a partir disso, elaboramos três modalidades que destacam a “negatividade”, a “positividade” e a “deficiência apartada de valoração inerente”.

Na modalidade negativa, “O filho” e “Conto de amor”, de Rubem Fonseca, respaldam características peculiares que fundamentam observações do autor para a negação do sujeito, a partir de sua deficiência. Muitas considerações podem ser apresentadas com essa modalidade. Um detalhe explícito nos textos é a maldade dos

considerados “normais” frente à deficiência do outro. No primeiro conto, deixa-se transparecer a impiedade de uma mãe, que, a princípio, tinha a intenção de cometer um aborto, devido a sua condição social precária e à ausência de uma estrutura familiar. Durante o enredo, constata-se que seu caráter é ambicioso a ponto de visualizar, no nascimento da criança, uma oportunidade de obtenção de lucro, contudo, após o nascimento do bebê e a constatação de uma deficiência física, ela toma uma atitude preconceituosa, que a faz abandonar a criança no lixo. No segundo conto, não muito diferente, temos o lado paterno cometendo o seu ato cruel, o assassinato do filho de 15 anos, devido a sua deficiência física.

Essa colocação perceptível de que a deficiência no ser humano é algo ruim e imprestável revela-se tanto na visão dos progenitores quanto na concepção social de que tudo o que foge da normalidade deve ser negado, ignorado e excluído. Não obstante, em nenhum momento, os personagens com deficiência são possibilitados a demonstrar alguma condição que mude o desfecho dos contos, isso denota o quanto ainda a condição física, psíquica ou sensorial do sujeito pode sentenciar-lo.

Na modalidade positiva, a análise recaiu sobre as obras *O muro* e *Nós, os cegos, enxergamos longe*. Nestas, o cunho mobilizador foi alcançado, as duas obras apresentam deficiências distintas, uma caracterizando um menino cadeirante e a outra, um homem cego. Ambos os textos demonstram a superação, a coragem, as habilidades que esses sujeitos possuem, independentemente de suas deficiências. Na primeira obra, embora o menino tenha uma limitação física, entende-se que o maior entrave está associado ao seu medo em relação ao muro. No entanto, a narrativa traz a necessidade de observar que as limitações não estão atreladas apenas a essa ou aquela deficiência, pois todas as pessoas possuem medos que lhes impedem de superar seus limites, sejam eles quais forem. Na segunda obra de Franz-Joseph Huainigg, o próprio personagem demonstra que a sua deficiência não o impossibilita de ser um sujeito “normal”, em relação a várias ações que ele pratica ao ajudar uma menina que se perdeu da família. No decorrer do texto, o autor aponta, que diante de tantas pessoas com visão, audição, tato e mobilidade, o único que percebeu o choro da menina e ajudou-a foi o homem cego.

As obras retratam a realidade de muitas PcD, que são julgadas erroneamente, pois, no cotidiano, as tarefas diárias exigem que elas sejam realizadas. Essa apreciação positiva da deficiência modifica o olhar, muitas vezes, pejorativo do leitor ou ainda a própria concepção preconceituosa que foi construída historicamente pelas

civilizações.

Quanto a terceira e última modalidade, os personagens estão desvinculados da deficiência, não sendo priorizado o lado negativo ou positivo dela, mas o caráter. No livro *Ensaio sobre a cegueira*, tivemos a possibilidade de apresentar os personagens com cegueira que representam a deficiência apartada da valoração inerente. Ele traz, em seu enredo, dois personagens, os quais nos ajudaram a demonstrar a existência de narrativas desse tipo, cuja deficiência não é subterfugio. Com isso, compreendemos que as ações dos personagens corresponderam às expectativas propostas nessa modalidade, em que os personagens podem apresentar tanto características positivas ou negativas, desvinculadas da deficiência, mas que estão inseridas na sua formação social como ser humano.

Neste sentido, analisamos que tanto o “Cego da contabilidade” como o “Velho da venda preta” apresentam comportamentos humanos, cuja características são negativas e positivas, deixando assim, que ambos os personagens fossem analisados de forma bem distintas, cada qual com o seu caráter. No caso do primeiro, as suas características pontuadas no livro revelam uma postura desvinculada do ideal, do correto e do necessário, ou seja, mesmo tendo uma deficiência que poderia qualificá-lo como coitado ou impossibilitado, seu perfil denota atitudes que o caracterizam como um homem vingativo, malvado, mau caráter. Já quanto ao segundo personagem, suas descrições demonstram qualidades defendidas pela sociedade, isto é, uma boa pessoa, educada, íntegra, sociável, etc. Entendemos que tais características não estão atribuídas às suas condições físicas ou sensoriais, mas a sua natureza enquanto homem, cuja postura é construída no contexto ao qual está vinculado.

Acreditamos que as três modalidades estão representadas dentro do viés de análise da literatura comparada. Durante este estudo, foi possível adentrar em situações delicadas pelos dramas vividos pelos protagonistas de forma a direcionar reflexões significativas sobre as deficiências e como elas podem ou não induzir formas de pensamentos ou julgamentos aleatórios. Consideramos possível destacar que obras com essa estrutura podem oferecer um olhar de aceitação e respeito em relação àqueles que têm deficiência, ou que venham a ter. Da mesma forma, a percepção a respeito da deficiência pode ser de condenação, de desconformidade, de rejeição. Convém mencionar novamente que um dos escritores das obras analisadas, o escritor Franz – Josephe Huainigg, mesmo sendo cadeirante e com dificuldades na fala,

escreveu sobre uma deficiência diferente da sua. Essa opção de apresentar uma outra realidade, ou seja, de um cego e da sua capacidade de atuação, denota que o escritor, assim como os demais, sente a necessidade de expor realidades em suas ficções, histórias que auxiliam as pessoas a compreenderem as particularidades do outro.

A presença das PcD na sociedade reafirmaram a necessidade de políticas públicas, sendo que essas têm evidenciado a demanda por mudança de percepção e de opinião social e governamental. Essa “passagem simbólica” em relação ao assunto, do espaço doméstico ao público, de certa forma, configurou e forçou a tomada de atitudes quanto à garantia dos direitos, sem que eles sejam tachados como sujeitos de “segunda categoria” (GAUDENZI e ORTEGA, 2016). Nesta categorização de capacitados e de sujeitos ativos, logo, as obras literárias passaram a configurar novos olhares sobre o assunto, como exemplo nas histórias em quadrinhos de Mauricio de Souza. Não obstante, outros autores propuseram-se a escrever narrativas com esse enfoque, independente das modalidades citadas aqui. Alguns revelaram histórias reais, escritas ou desenhadas, como a obra de Gusti, Mallko y papá e O filho eterno de Cristóvão Tezza. Tratam-se de obras que revelam as dificuldades enfrentadas por aqueles que possuem alguma deficiência, mas que expressam aspectos positivos a respeito e verdadeiros.

É importante destacar que os autores precisam tomar cuidado na construção de seus enredos, isto porque da mesma forma que podem favorecer uma desautomatização a respeito da deficiência, podem fortalecer a visão preconceituosa do leitor. Para Menezes e Rabelo (2018, s.p), a sociedade é, em sua base, composta pela diversidade humana, dessa forma, é imprescindível que a caracterização desses sujeitos não alimente posturas estereotipadas, ademais, é dever da literatura, enquanto espaço de representação social, “[...] precaver-se para não perpetuar posturas preconceituosas e camuflar crueldades para com esses indivíduos que, na maioria das vezes, nem percebem que estão servindo a falsos e inescrupulosos discursos e ações”.

Na esfera educacional, essa necessidade de cuidar o que será trabalhado em sala é muito pertinente, pois, muitas vezes, as obras literárias que abordam a deficiência precisam ser trabalhadas com reflexões que substituam o olhar preconceituoso, discriminatório, pejorativo, por acepções de valor, de ajuda, de superação. Sabemos que a escola desempenha um papel demasiadamente relevante na formação dos sujeitos, na construção de concepções e identidades, mas “[...] não

se pode ignorar que a escola, embora detenha capital importância na vida da sociedade, é apenas uma dentre várias outras instituições sociais e, como tal, impregnadas dos seus valores culturais” (MAZZOTTA e D’ANTINO, 2011, p. 381), por isso, é necessário promover formas contributivas de inclusão, de recepção e aceitação, independente das culturas trazidas de casa e aquelas que se constituem no espaço escolar.

Seria ideal que as orientações a respeito das diferenças fossem construídas em casa e, posteriormente, nos demais ambientes sociais, zelando por uma sociedade mais igualitária. Com atitudes positivas e responsivas, a formação de nossas crianças e jovens estaria voltada para as mudanças sociais que ao invés de rejeitar e excluir, estariam promovendo a importância da diversidade humana. As razões pelas quais essas literaturas são importantes é que muitas delas trazem ensinamentos oportunos que promovem uma transformação interior, que possibilite ao leitor aceitar as diferenças de forma natural. Essas literaturas, embora pouco utilizadas no contexto de sala de aula, muito servem para informar, esclarecer, ampliar os conhecimentos, desenvolver a gramática, promover a inclusão e desenvolver, lógico, a criação de novos enredos.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **Homo Sacer: O Poder Soberano e a Vida Nua I**. Trad. Henrique Burigo, 2 ed., Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. Disponível em: <https://petdireito.ufsc.br/wp-content/uploads/2016/05/AGAMBEN-G.-Homo-Sacer-o-poder-soberano-e-a-vida-nua.pdf> . Acesso em: 12 de fev. 2019.

ANDRILAO, R.N. Os nevoeiros de José Saramago: questões contemporâneas em Ensaio sobre a cegueira. Dissertação de Mestrado em Letras. Universidade do estado do Rio de Janeiro. 2016. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=4484737](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4484737) . Acesso em 18 de jan. de 2020.

ANGELICO, F. **São Lourenço dando esmolas**. 1450. Reproduções de Arte Fra Angelico (1395 -1455). Disponível em: <https://pt.wahooart.com/@/9GEK4B-Fra-Angelico-s%C3%A3o-louren%C3%A7o-dando-esmola>. Acesso em 20 de ago. 2019.

AQUINO, T de. **Suma Teológica**. Tradução Alexandre Corrêa, organização Rovílio Costa e Luis A. De Boni. 2 ed. Porto Alegre: Editora Caxias do Sul,1980.

ARENDRT, H.. **A condição Humana**. Tradução de Roberto Raposo. – 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1130009/mod\\_resource/content/1/A%20condi%C3%A7%C3%A3o%20humana-%20Hannah%20Arendt.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1130009/mod_resource/content/1/A%20condi%C3%A7%C3%A3o%20humana-%20Hannah%20Arendt.pdf) . Acesso em: 20 de set. 2019.

ARISTÓTELES. **A Arte Poética**. 2001 Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000005.pdf>. Acesso em: 15 de out. 2018.

BIANCHETTI. L. **Um olhar sobre a diferença: interação, trabalho e cidadania**. Campinas: Papirus, 1998.

BÍBLIA SAGRADA. **Ave Maria**. São Paulo: Claretiana, ed.96<sup>a</sup>. 2015.

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. 11<sup>a</sup> ed. Tradução de Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro, 2012.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao34.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm). Acesso em: 04 de jun. 2019

\_\_\_\_\_. **Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989.** Dispõe sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiência, sua integração social, sobre a Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência – Corde. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l7853.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7853.htm). Acesso em: 01 de jun. 2019.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.** Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm). Acesso em 01 de jun. 2019.

\_\_\_\_\_. **Lei nº . 8.112, de 11 de dezembro de 1990.** Dispõe sobre o regime jurídico dos servidores públicos civis da União, das autarquias e das fundações públicas federais. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8112cons.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8112cons.htm). Acesso em 05 de jun de 2019.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991.** Dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8213cons.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8213cons.htm). Acesso em; 04 de jun. 2019.

\_\_\_\_\_. **Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000.** Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l10098.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10098.htm). Acesso em 04 de jun. 2019.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/l10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm). Acesso em 04 de jun. 2019.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004.** Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm). Acesso em 07 de jun.2019.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 11.126, de 27 de junho de 2005.** Dispõe sobre o direito do portador de deficiência visual de ingressar e permanecer em ambientes de uso coletivo acompanhado de cão-guia. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Lei/L11126.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11126.htm). Acesso em 07 de jun. 2019.



\_\_\_\_\_. **Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009.** Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm). Acesso em 08 de jun. 2019.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 12.190, de 13 de janeiro de 2010.** Concede indenização por dano moral às pessoas com deficiência física decorrente do uso da talidomida, altera a Lei nº 7.070, de 20 de dezembro de 1982, e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Lei/L12190.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12190.htm). Acesso em 08 de jun. 2019.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 7.612, de 17 de novembro de 2011.** Institui o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência - Plano Viver sem Limite. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/\\_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7612.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7612.htm). Acesso em 09 de jun. 2019.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012.** Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm). Acesso em 09 de jun. 2019.

\_\_\_\_\_. **Lei complementar nº 142, de 8 de maio de 2013.** Regulamenta o § 1º do art. 201 da Constituição Federal, no tocante à aposentadoria da pessoa com deficiência segurada do Regime Geral de Previdência Social - RGPS. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/LCP/Lcp142.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/LCP/Lcp142.htm). Acesso em 10 de jun. 2019.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 13.146, de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm). Acesso em: 01 de jun. 2019.

BRAZ, J. E. **O Muro.** São Paulo: Paulinas, 2003.

COUTINHO, E. F.; CARVALHAL, T.F. **Literatura Comparada: Textos Fundadores.** Rio de Janeiro: Editora Rocco Ltda, 1994.

CARVALHAL, T. F. **Literatura Comparada.** 4 ed. rev. e ampliada. São Paulo: Ática, 2006.

CARVALHO, A. R.; ROCHA, J. V.; SILVA, V. L. R. (Org). **Pessoas com deficiência: Aspectos Teóricos e Práticos/** Organização Programa Institucional de Ações Relativas às Pessoas com Necessidades Especiais- PEE. 2ª ed.- Cascavel: EDUNIOESTE, 2013.

COMPAGNON, A. **O demônio da teoria: literatura e senso comum.** Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

COUTINHO, E. F. **Literatura comparada na América Latina: Ensaio.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

ECO, U. **A História da Feiúra.** Tradução de Eliana Aguiar. Editora Record, 2007. Disponível em: [https://www.academia.edu/36012799/ECO\\_Umberto.\\_Hist%C3%B3ria\\_da\\_fei%C3%BAra](https://www.academia.edu/36012799/ECO_Umberto._Hist%C3%B3ria_da_fei%C3%BAra). Acesso em 20 de abr.2019.

FIGUEIRA, E. **A presença da pessoa com deficiência na arte: alguns apontamentos sobre artistas ou personagens.** Temas em Desenvolvimento, v 11, n.65, 2002. Disponível em: <http://emiliofigueira.com/acervoinclusivo/a-presenca-da-pessoa-com-deficiencia-na-arte-alguns-apontamentos-sobre-artistas-ou-personagens/>. Acesso em 22 de nov. 2019.

FONSECA, R. **Amálgama.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

FONSECA, R. T. M.. **O trabalho protegido do portador de deficiência.** Revista Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo. Autarquia Municipal – Ano 5 – V. 7, 2001. Disponível em: <https://revistas.direitosbc.br/index.php/fdsbc/article/view/764/380>. Acesso em: 18 de jan.de 2020.

GARLET, D. J. **O romance dialético em José Saramago.** Dissertação (Mestrado em Letras. Universidade Federal de Santa Maria: RS, 2016. Disponível em:[https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/12080/TES\\_PPGLETRAS\\_2016\\_BONALDO\\_DEIVIS.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/12080/TES_PPGLETRAS_2016_BONALDO_DEIVIS.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 16 de jan. de 2020.

GAUDENZI, P.; ORTEGA, F.. Problematizando o conceito de deficiência a partir das noções de autonomia e normalidade. **Ciência e Saúde Coletiva**, 21(10):3061-3070, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v21n10/1413-8123-csc-21-10-3061.pdf>. Acesso em: 10 de jan. de 2020.

GOÍS, H.R.O. **Rubem Fonseca: o discurso como leitura plural da cidade.** Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Federal de Juíz de Fora, Minas Gerais, 2016. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=3791612](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3791612). Acesso em: 11 de mar. 2020.

GUIZZO, A.R. GRADE, M.S. Justiça ou motivação afetiva: A constituição dupla dos personagens de Rubem Fonseca. **Revista de Literatura, História e Memória**, VOL. 15 - Nº 262019. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm/article/view/23456/15180>. Acesso em: 11 de mar. 2020

HARARI, Y. N. **Uma breve história da humanidade** – Sapiens. Tradução Janaína Marcoantonio. – 42. ed. – Porto Alegre: L & PM, 2019.

HUAINIGG, F. **Nós, os cegos, enxergamos longe.** Tradução Sâmia Rios. São Paulo: Scipione, 2005.- (Coleção Igualdade na Diferença).

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2010.** Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/20551-pessoas-com-deficiencia.html>. Acesso em abr. 2018.

KARDEC, A. **Livro dos Espíritos.** Disponível em: <https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/07/135.pdf>. Acesso em: 20 de mar. 2019.

LOBO, L. F. **Os Infames da História.** 2.ed. Rio de Janeiro: Lamparina 2015.

MAGIA DAS LETRAS. **Júlio Emílio Braz.** 2011. Disponível em: <http://magiadasletrasgabriel6a.blogspot.com/2011/09/julio-emilio-braz-julio-emilio-braz-em.html>. Acesso em: 20 de jun. 2019.

SANTOS; A. F. P. **Literaturas afro-brasileiras e identidade:** Proposta de sequência didática para o Ensino Fundamental II. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8162/tde-12012016-150723/publico/2015\\_AnildaDeFatimaPivaDosSantos\\_VCorr.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8162/tde-12012016-150723/publico/2015_AnildaDeFatimaPivaDosSantos_VCorr.pdf). Acesso em: 19 de mai. 2019.

MARETTI, M. L. L. **A Lógica do Mundo Marginal na obra de Rubens Fonseca.** 1986. 158f. Dissertação (Mestrado em Letras Teoria Literária do Instituto da

Linguagem) - Universidade Estadual de Campinas – São Paulo. 1986. Disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/269378/1/Maretti\\_MariaLidiaLichtscheidl\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/269378/1/Maretti_MariaLidiaLichtscheidl_M.pdf). Acesso em: 14 de jun. 2019.

MAZZOTTA, M. J. S. **Educação Especial no Brasil: História e política públicas**. São Paulo: Cortez, 2001.

MAZZOTTA, M. J. da S; D'ANTINO, M. E. F.. **Inclusão Social de Pessoas com Deficiências e Necessidades Especiais: cultura, educação e lazer**. Saúde Soc. São Paulo, v.20, n.2, p.377-389, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v20n2/10.pdf>. Acesso em: 15 de jan.de 2020.

MENEZES, M. C.; RABELO, L. C. C.. A representação da deficiência em clássicos da literatura brasileira. **Anais**, V Congresso Paraense de Educação Especial 17 a 19 de outubro de 2018 – UNIFESSPA/Marabá-PA - ISSN 2526-3579. Disponível em: [https://cpee.unifesspa.edu.br/images/ANAIS\\_VCPEE/COMUNICACAO\\_ORAL/AREP\\_RESENTAODADEFICINCIA.pdf](https://cpee.unifesspa.edu.br/images/ANAIS_VCPEE/COMUNICACAO_ORAL/AREP_RESENTAODADEFICINCIA.pdf). Acesso em: 15 de jan. de 2020.

MELLO, R. O. **Metalinguagem e paródia em contos de Feliz Ano Velho, de Rubens Fonseca**. 2009. 100 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e crítica Literária) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC - SP, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/14913>. Acesso em: 05 de jun. 2019.

**Mídia e Deficiência**. Veet Vivarta (Coord.). Brasília: Andi; Fundação Banco do Brasil, 2003. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/eduprado/midia-e-deficiencia>. Acesso em: 12 de abr. de 2020.

MITTLER, P. **Educação Inclusiva: Contextos sociais**. Tradução de Windy Brazão Ferreira. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MONTEIRO, M. L. **Arte e fome: uma leitura a partir do conto "Olhar" de Rubem Fonseca**. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Federal de Juíz de Fora, Minas Gerais, 2017. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=5313046](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5313046). Acesso em 11 de mar. de 2019.

MOREIRA, M. A. R. **A educação para as relações étnicoraciais e o ensino de literatira no Ensino Médio: Diálogos e Silêncio**. Tese (Doutorado Teoria Literária) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2014. Disponível em:

file:///C:/Users/bogoni/Downloads/TESE%20MARIA%20APARECIDA%20RITA%20M OREIRA.pdf. Acesso em: 12 de dez. de 2019.

NORONHA, L. F. **A representação da deficiência na literatura infanto-juvenil nos tempos de inclusão.** Dissertação (Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento) - Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp139849.pdf>. Acesso em: 19 de abr. 2019.

OLIVEIRA, V.L. Identidade e alteridade em A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro, de Rubem Fonseca. **Revista Digital Scripta Alumni.** Disponível em: <https://uniandrade.br/revistauniandrade/index.php/ScriptaAlumni/search/authors/view?firstName=Vitor&middleName=Lima%20de&lastName=Oliveira&affiliation=Universidade%20Federal%20do%20Rio%20de%20Janeiro&country=BR>. Acesso em: 11 de mar. 2020.

PAIVA, M. R. **Feliz ano velho.** São Paulo 2010. Disponível em: <https://aplauso.imprensaoficial.com.br/edicoes/12.0.813.804/12.0.813.804.pdf>. Acesso em: 11 de mar. 2019.

POUSSIN, N. **Jesus cura o cego de Jericó.** Disponível em: <https://pt.wahooart.com/@/9GZJFG-Nicolas-Poussin-Jesus-Cura-o-cego-de-jeric%C3%B3>. Acesso em 20 de nov. 2019.

REAL, D. C. **A Literatura Infanto-juvenil nas Águas da Inclusão Escolar: navegar é preciso.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/17612/000721299.pdf>. Acesso em: 19 de abr. 2019.

REVISTA AVESSA. **Júlio Emílio Braz.** [revista eletrônica] 2014. Disponível em: <file:///D:/Users/User/Downloads/avessa%20JULIO%20EMILIO%20BRAZ.pdf>. Acesso em: 20 de jun. 2019.

RIBEIRO, A. L. **Nototerapia:** 5 filmes baseados nos livros de José Saramago. Jul.2010. Disponível em: <http://notaterapia.com.br/2016/07/30/5-filmes-baseados-nos-livros-de-jose-saramago/>. Acesso em: 23 de nov. 2019.

ROSA, E. R. da.; ANDRÉ, M. F. C.. Aspectos políticos e jurídicos da Educação Especial brasileira. In: **Pessoas com deficiência: Aspectos Teóricos e Práticos.** Programa Institucional de Ações Relativas às Pessoas com necessidades Especiais-PEE. 2ª ed.- Cascavel, EDUNIOESTE, 2006.

ROCHA, Chico Xavier-Crianças Excepcionais/ Suas Reencarnações. Entrevista para Hebe Camargo e Nair Belo - Youtube, 1985. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=wnxdU\\_11m0c](https://www.youtube.com/watch?v=wnxdU_11m0c). Acesso em: 06 mar. 2019

SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia da Letras, 1995.

SILVA, O. **A epopéia ignorada** – A pessoa Deficiente na História do Mundo de Ontem e de Hoje. São Paulo: CEDAS, 1986.

SILVEIRA, R. H; et al. **A diferença na Literatura infantil: narrativas e leituras**[et al.]. ed- São Paulo: Moderna, 2012.

TAUNAY, V. **Inocência**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2000.

TEIXEIRA, G. L. **A violência é cega: Reflexões em torno de Ensaio sobre a Cegueira de**. Revista eletrônica Aurora. Ed. 7. 2010. Disponível em: [https://www.pucsp.br/revistaaurora/ed7\\_v\\_janeiro\\_2010/artigos/download/ed7/1\\_artigo.pdf](https://www.pucsp.br/revistaaurora/ed7_v_janeiro_2010/artigos/download/ed7/1_artigo.pdf). Acesso em 19 de mar de 2020.

TEZZA, C. **O filho eterno**. 11ª ed.- Rio de Janeiro: Record, 2007.

TUPINAMBÁ, A.; RIELY, L. H.. Retratos de deficiência e doença mental: Intersecções entre educação especial e história da arte. **Revista de Educação PUC-** Campinas, n 16, p. 127-136, junho de 2004. Disponível em: <file:///D:/Users/User/Downloads/293-615-1-SM.pdf>. Acesso em 11 de nov. 2019.

VELÁZQUES. **Baltasar Carlos y un enano**. Disponível em: <https://www.investigart.com/2015/04/30/baltasar-carlos-y-un-enano-velazquez/>. Acesso em 20 de nov.2019.

VELÁZQUES. **Las meninas**. Disponível em: <https://www.artstor.org/2016/12/09/is-velazquez-las-meninas-a-time-traveling-optical-illusion/>. Acesso em 22 de nov. 2019.

VIANA, L. S. **Um estudo de representações da deficiência visual na literatura**. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/29542>. Acesso em 11 de nov. 2019

VILLELLA, R. **12 Livros de José Saramago que você precisa conhecer**. Blog Leia para viver bem. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <http://leiaparaviver.com.br/livros-de-jose-saramago/>. Acesso em: 22 de nov. 2019.

XAVIER, C. **Suicídio e doenças congênitas**. [25 mai. 2008] Pinga Fogo. São Paulo: Tv Tupi, 25 de mai de 2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXafZe6y8j0>. Acesso em: 20 de abr. 2019.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil brasileira**. História & Histórias. São Paulo Objetiva, 2007.

ŽIŽEK, S. **Violência: seis reflexões laterais**. Tradução de Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo, 2014.